O CONFLITO DO MÉDIO ORIENTE: UMA REVIRAVOLTA DO EGIPTO? (Pág. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SÁBADO, 18 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 821 ANO 49.º PREÇO 1$50

COMPRE JOGO
no
CAMPIÃO
LOTARIA - TOTOBOLA

Corte total da ajuda à Bolívia

—possível reacção de Washington à nacionalização da Gulf Oil

WASHINGTON, 18 — (F. P.) — A nacionalização da Gulf Oil e a tomada das instalações pelo Governo boliviano suscitaram enorme emoção nos meios económicos e políticos desta cidade, tanto mais quanto ainda há poucos dias o general Ovando Candia se declarara adversário da modificação dos estatutos das companhias petrolíferas americanas instaladas na Bolívia.

O Departamento de Estado recusa-se a comentar esta decisão antes de conhecer em pormenor as intenções do Governo boliviano: nacionalização com indemnizações ou confiscamento puro e simples. Neste ultimo caso, entraria em vigor a emenda Hickenlooper sobre o auxílio ao estrangeiro, o que significaria o corte total da ajuda económica dos Estados Unidos á Bolívia — ajuda essa que se cifrou, em 1968, em 8 600 000 dólares e que deveria ser aumentada para 15 milhões e 300 mil dólares no ano de 1970.

OCUPAÇÃO DAS INSTALAÇÕES PELO EXÉRCITO

LA PAZ, 11 — (F. P.) — A promulgação do decreto que nacionalizou a companhia de petróleo americana Gulf Oil foi precedida de uma suspensão de todas as comunicações internacionais, decidida pelo Ministério Boliviano competente. As comunicações com o estrangeiro só foram restabelecidas depois da lei-

(Continua na 12.ª página)

Esta imagem foi colhida hoje, de manhã, numa rua da «Baixa» lisboeta. Dois militares dos «Scots Guards» animaram com as suas gaitas de foles, a abertura da Quinzena da Moda Masculina Britânica. (LER NA PÁGINA CENTRAL).

Helder Câmara — arcebispo do Recife

HÉLDER CÂMARA VAI SER PROPOSTO PARA O PRÉMIO NOBEL DA PAZ

CARACAS, 18 — (F. P.) — A candidatura do arcebispo do Recife, Monsenhor Helder Camara, será proposta para o Prémio Nobel da paz pela Confederação Latino-Americana dos Sindicatos Cristãos (C. L. A. S. C.), segundo foi anunciado pelo secretário-geral da organização.

O arcebispo do Recife mereceria esta distinção devido aos importantes serviços que prestou aos povos da América Latina, ao lutar contra a exploração dos que estão colocados á margem da sociedade. A moção que apresenta a candidatura será apresentada perante o XI Congresso dos Trabalhadores Latino-Americanos, que se realizará em Quito de 20 a 24 do corrente.

HOJE 48 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

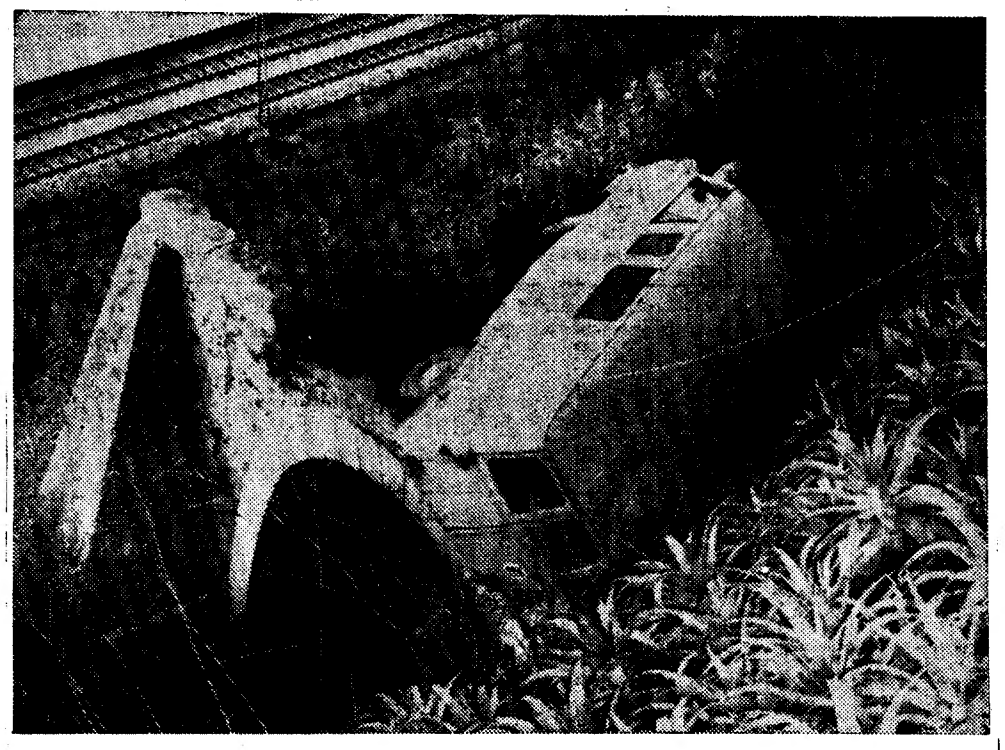
especial ELEIÇÕES

«A primeira opção», artigo do prof. dr. J. Machado Vaz

Conclusão da mesa-redonda sobre a vida cultural. Manifestos. Comunicados. Relatos das sessões, etc.

HOJE no suplemento

MESA REDONDA



Era um precipício com vinte metros mas a furgoneta não caiu: foi esta manhã na Marginal. (LER NA PÁGINA CENTRAL)

Estão a circular notas falsas de 50 e mil escudos

Os estabelecimentos bancários do País foram alertados — e convém, portanto, avisar igualmente o público — de que surgiram, no mercado de Lisboa, algumas notas falsas de 50 e de 1000 escudos, respectivamente, das chapas 9 e 10.

As falsificações, quase perfeitas, foram obtidas por um moderno processo de fotocópia, feita em papel quase idêntico ao utilizado para as notas verdadeiras. A maneira, relativamente fácil, de reconhecer as notas falsas em questão consiste em verificar se têm ou não visível a «linha de água», pois nas falsas ela não aparece.

Assim, nas notas falsas não são visíveis as figuras inversas que se vêem á transparência.

É a sétima a nova Constituição brasileira

RIO DE JANEIRO, 18 — (F. P.) — A nova Constituição brasileira ontem promulgada nesta cidade pelos três ministros militares da Junta, entrará em vigor em 30 de Outubro,

(Continua na ultima página)

O Governo português pede à O. N. U. compensação pelas perdas que está a sofrer em Moçambique

Do Ministério dos Negócios Estrangeiros recebemos a seguinte informação:

«Foi entregue hoje ao Presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, pela Missão Permanente de Portugal junto da O. N. U., a seguinte nota:

«1. Tenho a honra de informar V. Ex.ª, em seguimento de comunicações anteriores sobre o assunto, de que a província portuguesa de Moçambique, como consequência das medidas tomadas pelo Conselho de Segurança ao considerar aprovadas as resoluções 221 e 232, respectivamente de 9 a 16 de Dezembro de 1966 e 253 de 29 de Maio de 1968, continua a sofrer perdas importantes na sua economia que prejudicam sèriamente a vida e desenvolvimento do território.

2. Por nota entregue ao Presidente do Conselho de Segurança, em 26 de Março de 1967, e publicada como documento S/8481, o Governo Português chamou a atenção do Conselho para esta situação e comunicou que as perdas sofridas por Moçambique até ao fim de 1967 alcançaram uma soma total superior a dezassete milhões de libras esterlinas.

«3. Para os devidos efeitos, tenho a honra de informar V. Ex.ª de que, no decurso de 1968 e primeiro semestre deste ano, as perdas da província de Moçambique se elevaram a £ 11 438 722, que se discriminam da forma indicada no anexo a esta carta (1).

«4. O Governo Português aproveita esta oportunidade para reafirmar o seu desejo de receber compensação adequada pelas perdas que continua a sofrer como consequência directa da aplicação de medidas referidas e declara-se também pronto a iniciar consultas adequadas com o Conselho de Segurança, nos termos do artigo 50.º da Carta das Nações Unidas, a fim de se determinar as modalidades de pagamento da indemnização em causa.

«5. O Governo Português não pode deixar de estranhar que pedidos desta natureza, fundamentados na própria letra da Carta das Nações Unidos, tenham até agora sido ignorados pelo Conselho de Segurança e exprime a esperança de que seja dada, em breve, satisfação ao solicitado na presente comunicação. Rogo a V. Ex.ª o favor de mandar publicar esta carta como documento do Conselho de Segurança, conforme é usual.

a) *Marcello Caetano, ministro interino dos Negócios Estrangeiros.*»

(1) *O texto da nota anexa referida é o seguinte: «Perdas sofridas pela província de Moçambique entre 1 de Janeiro de 1968 a 30 de Junho de 1969: porto de Lourenço Marques, £ 1 166 612; porto da Beira, £ 1 853 850; linha do Limpopo, £ 2 861 960; linha da Beira, £ 5 556 300.*»

Legião Portuguesa

O general Fernando de Oliveira, comandante-geral da Legião Portuguesa, passou a manhã de hoje, no aquartelamento da Penha de França, e de tarde seguiu para Faro, em visita ao comando distrital desta cidade. Amanhã, visita os comandos distritais de Beja, ás 11 horas, e de Portalegre (á tarde).

MANUEL EMYGDIO DA SILVA

A data do nascimento de Manuel Emygdio da Silva, que hoje passa, será oportunamente comemorada no Jardim Zoológico com uma série de inaugurações que se encontram em acabamento.

DE ONTEM PARA HOJE

CENTRO DE FORMAÇÃO DO PESSOAL FERROVIÁRIO

No Entroncamento, foi inaugurado o Centro de Formação do Pessoal Ferroviário, realizado pela C. P. e integrado no III Plano de Fomento. O Centro ora inaugurado faz parte de um vasto plano, dividido em três fases e abrangendo uma área de 150 mil metros quadrados. Nesse centro ficará também instalado o Museu Ferroviário com suas velhas locomotivas e carruagens, elementos preciosos agora dispersos pelo País fora e sem grandes condições de acondicionamento. Ao Entroncamento foi ontem o ministro das Comunicações, brigadeiro Fernando de Oliveira, recebido pelo presidente do Conselho de Administração da C. P., dr. Neto de Carvalho, antigo ministro da Saude, e por outros administradores como o brigadeiro Almeida Fernandes, antigo ministro do Exército, e dr. Mário Murteira, o coronel Ferreira Valença. Na sessão solene que se efectuou numa das dependências do edifício escolar, disse o sr. ministro das Comunicações: «No plano económico, é desaconselhável o seu pouco racional desaproveitamento: o esforço exagerado, que o homem não suporta em regime contínuo de compensação biológica, o suor a traduzir-se em fadiga inibidora da produção regular. Ensinar os homens de boa fé, que mais não produzem porque mais não sabem. Corrigir os menos sinceros e recuperá-los. Eis o caminho. À aprendizagem tradicional — o aprendiz ao lado do oficial que não o ensinava (por inércia, preferindo ele próprio executar; explorando o aprendiz, usando-o para ir buscar ferramentas e materiais ou aquecer o almoço; guardando segredo da sua técnica para não ter mais tarde um concorrente) — á aprendizagem por contacto sucedeu-se, dentro das empresas e das fábricas, a aprendizagem sistemática, orientada, na teoria e na prática.

Fizemo-lo em Alverca, com o maior êxito a alguns milhares de especialistas. Ali se formaram e muitos de lá partiram para ocupar os postos mais variados na industria nacional, via de regra aceites em preferência nos processos de admissão: era conhecido antecipadamente o seu alto nível profissional. Fizeram-no igualmente outras empresas.»

O LEILÃO ERNESTO DE VILHENA

O leilão de preciosidades legadas por Ernesto de Vilhena continuou ontem. São mais de 400 lotes que serão vendidos nos três dias do leilão. Presentes os grandes coleccionadores portugueses e muitos estrangeiros, vindos expressamente para o efeito. Presidiu o sr. João Nascimento. No leilão de agora destacam-se as porcelanas orientais, os vidros coalhados. Muitos lotes ultrapassaram a barreira dos cem contos e centenas deles a dos vinte contos.

PALÁCIO DE BELÉM

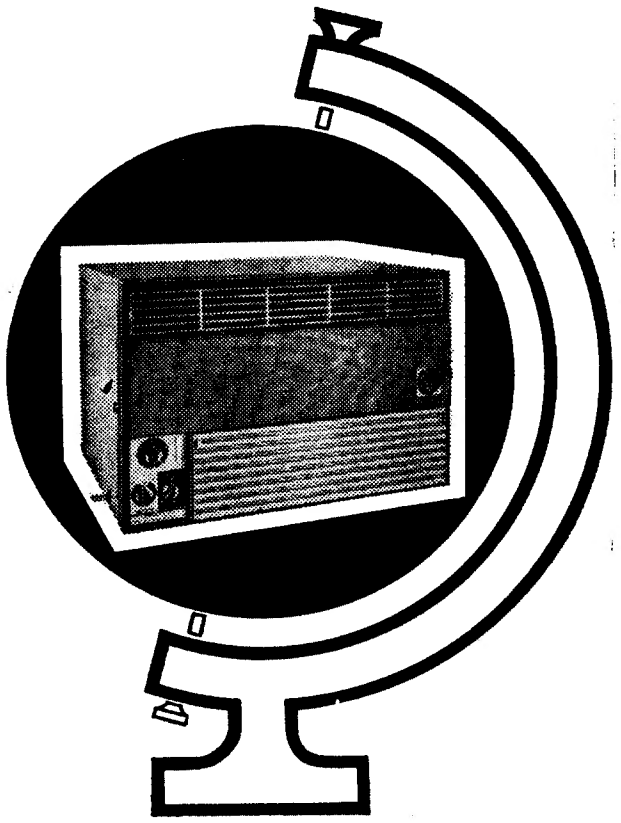
O sr. Presidente da República recebeu ontem em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o sr. coronel Hélio Felgas e o sr. José Félix Mira.

A EXPLOSÃO NA FÁBRICA

Foi em Alvito, á noite, numa fábrica de extracção de óleos de cartamo junto á estação de caminhos-de-ferro. Verificou-se uma explosão por o sócio-gerente da firma, sr. Germano Borges Lopes de 52 anos, ter acendido um fósforo para ver se o tanque do óleo já estava cheio. A tampa do depósito projectou-o a mais de cem metros de distância. Morreu logo e a fábrica, em laboração, só deixou que os empregados dessem pelo desastre algum tempo depois.

condicionador de ar

Crolls EM TODO O MUNDO SIMBOLO DE QUALIDADE



PORQUE APARELHO DE AR CONDICIONADO "CROLLS"?

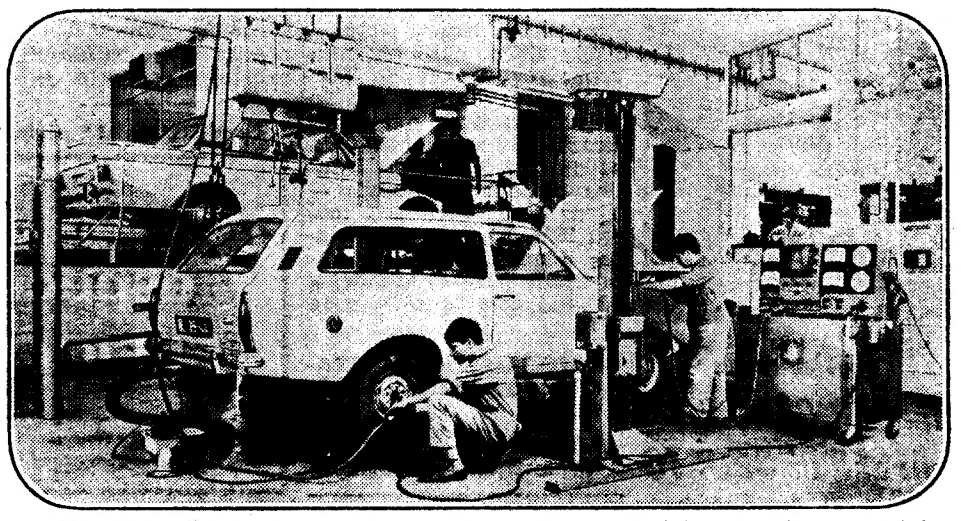
- Pela sua limitada largura, só 58 cms.
- Pelas suas baixas velocidades de ventilação, a corrente de ar não é turbulenta e que o faz altamente silencioso.
- Pelo seu filtro electroestáctico, de célula extrafina, fácilmente desmontável e lavável.
- Por iliminar totalmente a água da desumidificação, sem gotejar evitando o tubo de desague.
- Pela sua compacta e sólida construção.
- Pela reconhecida garantía da qualidade CROLLS, e o seu serviço permanente de Assistènsia Técnica em todo o país.

* * *

CROLLS PORTUGUESA
COMERCIO DE ARTIGOS ELECTRODOMESTICOS, LDA.
R. Damasceno Monteiro, 12 r/c-1.º andar-Tel. 872636 - 872639

ACABA DE SER PUBLICADO:
NOMENCLATURA DA QUÍMICA INORGÂNICA
pelo Dr. SILVINO CORDEIRO
As recomendações da União Internacional de Química Pura e Aplicada, pela 1.ª vez condensadas e convenientemente adaptadas, numa clara exposição destinada ao Ensino Secundário
Pedidos às livrarias ou a
EDITORIAL DIVUL
R. Marques da Silva, 99, 2.º

J. MENDES COELHO LDA.
CONCESSIONÁRIOS
Ford
NOVAS INSTALAÇÕES
R. S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 122
MARCA



Vista parcial das Secções de Inspecções, Revisões, Serviços Rápidos e Análise Electrónica de motores.

produtos e serviço SHELL

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Externato SÁ DE MIRANDA
PRIMÁRIO • C. PREPARATÓRIO • LICEAL
• Inexcedível Corpo Docente
• Instalações funcionais e aprazíveis
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (À ESTEFÂNIA)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

LICEU
CICLO PREPARATÓRIO—CURSO COMERCIAL
ADMISSÃO INSTITUTOS — LÍNGUAS
Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.
• ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
• EXTERNATO MARQUÊS POMBAL:
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef 820221
• EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — T. 706974

O CONFLITO DO MÉDIO-ORIENTE

Uma reviravolta no Egipto?

A proposta oficial da R.A.U. no sentido de entabular conversações indirectas com Israel «segundo a fórmula de Rhodes» foi geralmente bem acolhida nas capitais estrangeiras, onde se considera que este gesto constitui um passo importante na via de uma solução diplomática para a crise do Médio-Oriente.

É certo que a ideia não é totalmente nova. Já dela se tinha falado na Primavera de 1968 e, no mês passado, os diplomatas egípcios na O. N. U. davam a entender, em particular, que esse era o desejo do seu Governo. Mas, desta vez, a notícia foi dada mesmo no Cairo e em presença de uma centena de jornalistas egípcios e estrangeiros.

A interpretação que a R. A. U dá à «fórmula de Rhodes» não corresponde á de Jerusalém — que insiste em negociações directas — mas tem, pelo menos, o mérito da clareza. Renunciando a uma certa ambiguidade de que rodeava as suas intenções o Egipto aceita o princípio de negociar sem condições prévias, ainda que «indirectas» numa primeira fase. Com efeito, as conversações de Rhodes tinham conduzido á assinatura de um documento unico, no decurso de uma reunião que não era a primeira — na qual estavam presentes os delegados do Cairo e de Tel-Avive. Certa margem de manobra fica nas mãos de Israel, visto que o Governo do presidente Nasser não pede a evacuação prévia dos territórios ocupados e não obriga a sr.ª Golda Meier — como até obrigava — a renunciar publicamente a todos «os objectivos expansionistas.»

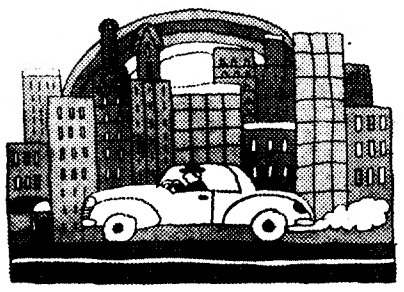
A R.A.U., segundo telegramas vindos do Cairo, quis dar assim um penhor da sua boa vontade, indicando que a resolução de 22 de Novembro constitui, para ela o limite do compromisso e a «fórmula de Rhodes», o limite das concessões.

Será de surpreender a atitude egipcia (que alguns classificam de reviravolta?).

Na verdade, desde a ultima Primavera que a política do presidente Nasser se encaminhava claramente para o endurecimento.

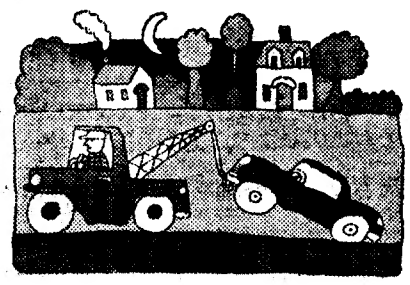
(Continua na pág.ª seguinte»

Onde quer que vá vai melhor com Hertz



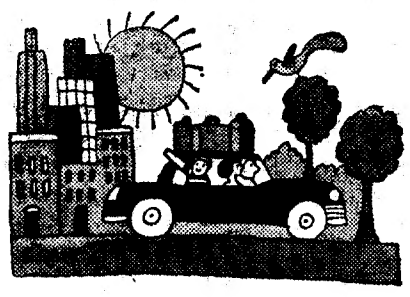
Em viagem de negócios vai melhor com Hertz

Podemos poupar-lhe tempo e dinheiro na sua próxima viagem de negócios. Antes de partir no seu carro faça as contas: não esqueça factores como a desvalorização, o tempo, o alojamento, as refeições. Concluirá, depois, porque o avião e um carro Hertz constituem a solução mais económica, rápida e prática.
Portanto, sempre que viajar em negócios, lembre-se que a Hertz tem um carro à sua espera — é a melhor solução.



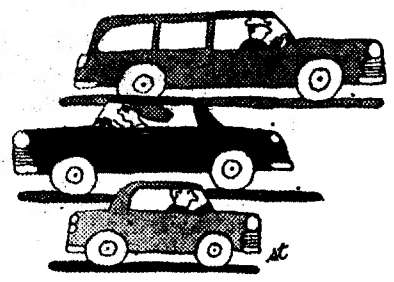
Quando o seu carro não vai, Hertz vai

Se o seu carro não pode andar, Hertz tem sempre um carro ao seu dispor. Porquê? Porque o nosso sistema impõe que todos os carros Hertz sejam verificados em 19 pontos capitais antes de entrarem ao seu serviço. Por isso, alugue um Ford (ou outra marca) da Hertz, quando o seu carro se avariar.
Lembre-se que quando o seu carro *não vai*, Hertz *vai*.



Para fim-de-semana vai melhor com Hertz

Para os seus fins-de-semana a Hertz tem preços especiais: Por exemplo, um Ford Escort ou um carro similar custa 360$00 (incluindo 100 Kms gratuitos) e, se quiser ir a Espanha, tem o seguro pago. Mais: os fins-de-semana Hertz são mais longos, começam à sexta-feira à tarde e acabam segunda-feira de manhã. Telefone à Hertz e marque o seu carro para o fim-de-semana.



Para cada situação há um carro Hertz

A Hertz tem sempre um carro diferente, conforme as suas preferências... ou os seus caprichos (porque a Hertz pode mesmo resolver o problema das senhoras que gostariam de mudar a cor do automóvel consoante a cor do vestido). Se tem um carro utilitário pode mudar para um carro de turismo no fim-de-semana; se, em qualquer momento, precisa de carros diferentes; se precisa de mais carros, de um dia para o outro, alugue um Ford ou outro bom automóvel da Hertz.
LISBOA — Telefone: 328247
PORTO — Telefone: 33455
FARO — Telefone: 23537/24326

Hertz

vai melhor com Hertz

H-B

Nota do dia

SELECÇÃO NACIONAL

A PRONTIDÃO E A REPULSA com que o Governo reagiu perante as violências cometidas contra a sede de uma das centrais eleitorais oposicionistas de Lisboa e contra a pessoa de um candidato a deputado, o escritor Urbano Tavares Rodrigues, merecem registo e realce. Não acrescentaremos que mereceu louvor porque entendemos que o Governo, na emergência, cumpriu o seu dever, mas dizemos que mereceu registo e realce porque, pelo menos, não se esquivou a esse dever.

Os actos de violência ocorreram na madrugada de 15 para 16 e deles se houve pronto conhecimento público por uma «nota» distribuída pelo Governo Civil e publicada nos jornais da tarde desse mesmo dia: o assalto foi praticado por um grupo de cerca de trinta indivíduos, «que causaram depredações e agrediram algumas pessoas que se encontravam presentes». Logo aí se falou de «deplorar» e «reprovar» e de «averiguações dos factos e punição dos culpados».

A nota do Governo, comunicada directamente pela Presidência do Conselho, explicitou de pronto que tais actos «não podem deixar de merecer a mais enérgica reprovação» e que sobre eles se estava desde logo a proceder à averiguação, «a fim de descobrir os seus autores e fazer seguir o respectivo procedimento criminal». Esta linguagem viva, sem recurso a subtilezas nem a metáforas, aparenta uma determinação que mostra o Governo à altura dos seus compromissos.

Também a «União Nacional» teve por oportuno varrer a sua testada e pormenorizar «que esse grupo de desordeiros colou alguns dos nossos cartazes nas paredes do edifício da sede da C. D. E., possivelmente com o intuito de nos comprometer». E, em consequência e comentário, não se eximiu a acrescentar; «Lamentamos profundamente o sucedido e reprovamos com a maior energia o sucedido». Estes os factos.

Primeira observação a notar: a prontidão com que o Governo decidiu informar o País, renunciando ao recurso tão fácil como inoperante de qualquer espécie de política de sigilo, entendendo, parece-nos que salutarmente, que tal prática não viria em favor do seu prestígio. A seguir: que a formação política de suporte ao regime se tenha ela também apressado a fazer saber que nada tinha nem queria ter com o insólito cometimento de tais energúmenos.

Estão frente a frente, na actual contenda eleitoral, dois blocos identificados, o situacionista e o oposicionista. O bando que actuou de madrugada foi assaltar um escritório da Oposição. Aparentemente, estaria em seu intento prestar ao regime um serviço. O Governo, porém, apressou-se a fazer saber a sua repulsa por tais métodos, que os não perfilha, que os repudia e se dispõe a entregar à acção da Justiça aqueles que os decidiram e praticaram.

Isto quer dizer que há forças subterrâneas, cujo «contrôle» escapa a quem desejaria tê-lo e se dispõe a não o deixar perder. Donde veio o bando? Quem o inspirou? Quem o formou? Quem o domina ou não domina? Que forças obscuras estão em acção? Com que intuitos? Estas são as perguntas que naturalmente faz o País, as perguntas que fazemos todos os que, aceitando o exercício eleitoral, entendemos que ele deve decorrer num ambiente de serenidade onde tais violências não podem ter lugar.

Ao chamar a si directamente a responsabilidade de repudiar a acometida e de anunciar o curso de uma investigação, o Presidente do Conselho marcou pontos no seu prestígio de governante que se pretende fiel à linha de acção que ele próprio traçou. Não deixará o País, perante a indesejável turbulência, de aplaudir essa firmeza e de a interpretar como sinal de que a desejada e prometida «renovação» se dispõe a não admitir em si a «continuidade» de tais desmandos.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Presos dois «ratos de automóveis» que furtaram (com mais 3 companheiros) artigos no valor de 35 contos

Um guarda da 20.ª esquadra da P. S. P., de giro numa das zonas de Benfica, prendeu, a pedido do caixeiro-viajante sr. João Violas de Araujo, morador em Ponte de Frielas, António Paulo da Conceição Lopes, mecânico, residente no Bairro de Santa Cruz, a Benfica, e Artur Henriques Lopes Teixeira, ambos solteiros e naturais de Lisboa. São acusados pelo queixoso de lhe terem furtado, na noite de 13 para 14 do corrente, do seu carro estacionado próximo da sua residência, oito rádios-gravadores, dois rádios, dois gravadores pequenos, cinco gira-discos três isqueiros, uma lanterna de mão dez cortes de tecido, etc., tudo avaliado em cerca de 35.000$

Entregues á secção de Justiça da P. S. P. e ali interrogados, os dois confessaram ter cometido o furto de que são acusados, juntamente com mais três meliantes que fugiram e são activamente procurados pelas brigadas da referida secção.

Aos dois larápios foram ainda apreendidos, e depois entregues ao queixoso, dois gravadores, dois rádios portáteis, cortes de tecido e a lanterna de mão.

O duo seguiu para a Polícia Judiciária.

Queda mortal

VISEU, 18 — Faleceu no hospital da Misericórdia, pouco depois de ali dar entrada, o sr. José Manuel Gonçalves Pereira, de 32 anos, casado, residente no Bairro do Moinho de Vento. Quando dirigia a montagem de um frigorífico em Távora (Tabuaço), deu uma queda grave.

Artes plásticas

Exposição de Artistas Naturalistas

Na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, foi inaugurada a Primeira Exposição dos Artistas Naturistas realizada em Portugal e na qual participam o escultor Maurício Penha, D. Ivone de Sousa, D. Aura Farol, Narciso Morais, Alvaro Pinto, José Bazalisa e Carlos Guimarães.

Exposição de Pintura em Viseu

VISEU, 17 — Nos salões do Clube de Viseu, está patente ao público uma exposição de pinturas, do conhecido artista-poeta Henrique Tavares, que apresenta cinco séries de pinturas, denominadas «Metais raros» (três estudos de paisagens), «Elementos» (quatro estudos), «Língua natal» (gramática de luz, sintaxe de sombra, a morte da fonética e uma nova perspectiva... semântica), «Construtivismo metálico» (dois estudos de paisagens-radar e satélite) e «Regra numero» (legenda e gema unica).

Uma reviravolta do Egipto?

(Continuaç.º da pág. anterior)

Cansado das «delongas» e da «má fé» de Israel, o chefe da R.A.U. chegara á conclusão de que era impossivel um regulamento politico. A «guerra de desgaste» por ele encetada devia, segundo ele dizia, preceder a «reconquista».

Na realidade, numerosos observadores estavam persuadidos de que se tratava, ao mesmo tempo, de um tema de propaganda — destinado a acalmar a crescente impaciência da opinião publica egipcia e árabe — de um meio de pressão sobre as grandes potências, cuja «passividade» face «ás ambições israelitas» se deplorava no Cairo. É de crer que os revezes militares sofridos — os quais levaram, no mês passado a uma importante remodelação nos altos comandos — tivessem contribuido para modificar, pelo menos provisóriamente, a táctica adoptada.

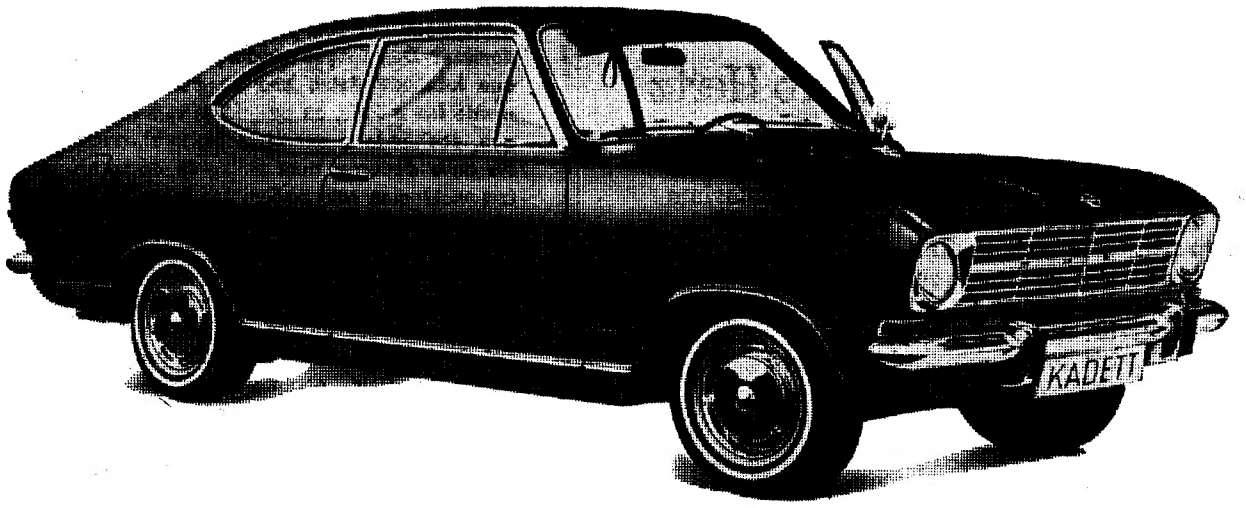
É provável também que as negociações discretas encetadas nos E.U.A. pelo ministro egipcio dos negócios estrangeiros, Hahmoud Riad, tenham pesado na balança. Washington, como aliás Moscovo, não cessava de prodigalizar conselhos de moderação ao Governo do Cairo. Este deve ter sido particularmente sensivel á garantia recebida do secretário de Estado, William Rogers, nos termos da qual Washington não pensava que as negociações directas seriam «indispensáveis numa primeira fase.»

Se Israel aceitasse a «fórmula de Rhodes», no sentido que lhe atribuem o Cairo e também (ao que parece) os Quatro Grandes, seria finalmente cancelada a onerosa hipoteca da forma que a elaboração de um regulamento deveria tomar. Talvez exista hoje uma frágil oportunidade de paz Oxalá a não deixem escapar...

Opel Kadett. O automóvel.

O automóvel. Porque o Opel Kadett – como nenhum outro do seu preço – lhe oferece tudo aquilo que você espera de um carro a sério.
Performance. Sinta a palpitação, o temperamento do motor. Robustez, arranque, aceleração na medida certa. E a excelência da mecânica alemã.
Estilo. Um desenho moderno, funcional, que faz do Opel Kadett um carro diferente nas ruas e estradas.
Conforto. 2 ou 4 portas à escolha. Amplo espaço para cinco pessoas. Grande mala.
Economia. Faça um teste de quilometragem: o Kadett dar-lhe-á uma enorme satisfação!
Segurança. Sistema duplo de travagem, painel almofadado, coluna de direcção telescópica, a nova suspensão Variflex.
Visite o seu concessionário Opel. Ele tem, para si, Opel Kadett. O automóvel.

Opel. É sempre mais carro.



OPEL GM
Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país

DOM PEPE

BAR-RESTAURANTE

AVENIDA MARGINAL — PAREDE

Estupenda vista sobre o Oceano

ABERTO ATÉ ÀS 3,30 H.

MÚSICA AMBIENTE

ESPECIALIDADES
Túlipa de gambas à Dom Pepe
Bacalhau nosso segredo
Zarzuela à San Jurjo
Pato ao vinho tinto
(confeccionado à vista do cliente)
Chateaubriand Tyrolienne
Osso-bucco com cogumelos

SERVIÇO DE CHÁS DAS 16 ÀS 19 HORAS

CEIAS COM EMENTA PRÓPRIA
DAS 0 ÀS 3,30 HORAS

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

ADMISSÃO DE EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

— Sexo masculino;
— Curso comercial completo ou equivalente oficial, com boa formação contabilística;
— Razoáveis conhecimentos de francês e inglês;
— Serviço militar cumprido ou dele isento;
— Vencimento inicial de 3 550$00 acrescido de outros benefícios.

Se reúne as condições descritas faça a sua inscrição no Serviço do Pessoal da TAP, até ao dia 27 do corrente.
Rua do Conde de Redondo, 79.

PASSAPORTES

Obtenha seu passaporte por intermédio da
AGÊNCIA TURALGARVE
Rua Luciano Cordeiro, 6-C
Tel. 53 82 40 — L I S B O A

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO OLÍMPIA

TÍTULO — «Uma arma entre mil».
REALIZAÇÃO — Primo Zeglio, 1968 (Itália).
INTÉRPRETES — Peter Lee Lawrence e Rosalba Neri.

Olimpiou-se esta semana mais um *western* «made in Italy», desta feita assinado por Primo Zeglio, um homem que se havia especializado nos filmes ditos *históricos* (também chamados *peplums*). «Uma arma entre mil» relata um novo caso de uma arma justiceira, com a qual «a paz volta á cidade». Um clima de mistério e *suspense* fazem desta fita uma obra medíocre, é certo, mas (mesmo assim) menos aborrecida do que a grande maioria dos produtos congéneres. Nem mesmo isso chega, porém, para tornar recomendável o irrecomendável.

L. A.

• NO EDEN

TÍTULO — «Acaba com eles e volta só» («Kill them all and come Back Alone»).
REALIZAÇÃO — Enzo G. Castellari (1969).
INTÉRPRETES — Chuck Connors, Frank Wolff, Franco Citti, Leo Anchoriz, Ken Wood e Hercules Cortes.

— «Acaba com eles e volta só!»

— «Já está! Cá estou...

Entre estas duas frases medeiam (aproximadamente) duas horas. Nessas duas horas não se pode dizer que tenha acontecido muita coisa. Apenas algumas centenas de mortes, muitos tiros, muita tareia, muita violência disparatada. Posto isto, revelemos um pouco do indescritível: durante a fase final da Guerra da Secessão nos E. U. A., um grupo de bandoleiros é encarregado por um comando sulista de ir dentro de um forte inimigo roubar uma enorme quantia de ouro que se encontra aí escondida e misturada com a pólvora do paiol. Assim acontece. Dos nortistas não escapa um, dos bandoleiros só resta o chefe, dos sulistas acabam por sobejar muito poucos. Massacre em ritmo de 24 imagens por segundo. *Western* italiano para espectador digerir com desgosto. Tudo mau, incluindo a mentalidade.

L. A.

A NOVA TEMPORADA DO TEATRO DE BRANCA FLOR

Depois do seu regresso da Bélgica, onde em Agosto se apresentou com grande êxito no Festival Internacional de Marionetas realizado na cidade de Spa, o Teatro de Branca-Flor inicia a sua nova temporada amanhã.

A sessão decorre no Centro Social do Beato, ás 15 e 30, e está integrada na série de representações que, com o patrocínio da Fundação Gulbenkian, aquele teatro está a realizar para diversão de crianças de bairros populares, de escolas e estabelecimentos de ensino de Lisboa.

No programa estão incluídas três peças assinadas por Lília da Fonseca, que propositadamente as escreveu para o seu teatro de fantoches.

RAUL SOLNADO em «AMOR ÀS RISCAS»

VASCO MORGADO APRESENTA

HOJE, 2 APAIXONANTES SESSÕES

Às 21 horas e às 23 horas (Adultos)

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

Domingo MATINÉE às 16 h. NOITE às 21.45 h.

UMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA QUE AMAR É DIVERTIDÍSSIMO

COLISEU

HOJE ÀS 21,30

Podem assistir crianças a partir dos 6 anos

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

SÓ HOJE E AMANHÃ

Ultimos espectáculos

As maiores atracções

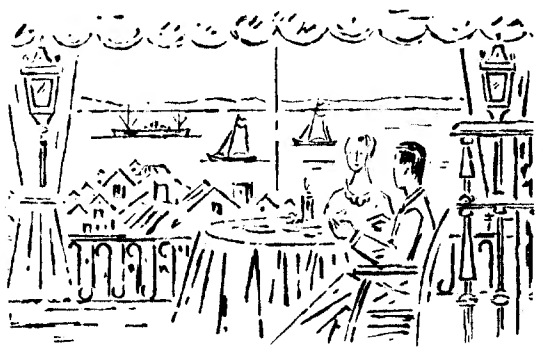
PALHAÇOS

AMANHÃ

À TARDE, entrada gratuita ás crianças até 10 anos

À NOITE — DESPEDIDA DA COMPANHIA

Varanda do Chanceler



ABERTO AOS DOMINGOS

Tel. 87 15 59

Encerrado ás 2.as-feiras

LATINA

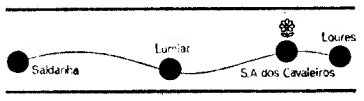
Apenas com 2.000$ de entrada inicial pode ser dono de um andar*

Um lar verdadeiramente seu... pago em mensalidades suaves, como se fosse uma renda de casa. Um desejo que se torna realidade. Com as nossas facilidades de pagamento. Informe-se hoje mesmo. Seja, também, proprietário-morador no parque residencial de Santo António dos Cavaleiros. Para uma vida feliz e saudável entre árvores e flores. Num andar confortável e moderno. Visite-nos. E escolha o seu futuro lar entre 10 tipos diferentes de habitação, com 3 a 9 divisões. Realiza, assim, um seguro e rentável investimento.

Andares com 3 divisoës e elevador apenas 205.000$

*A ICESA, por encargo de alguns clientes, dá-lhe, também oportunidade de alugar um andar em Santo António dos Cavaleiros.

Visitas ao empreendimento todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras.



SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS *UMA NOVA MANEIRA DE VIVER*

ICESA — INDÚSTRIAS de CONSTRUÇÃO e EMPREENDIMENTOS. S. A. R. L. AV. DA LIBERDADE, 9 — LISBOA — TELEF.: 32 63 14 (P. P. C.) 6 LINHAS

COBERTORES

Participamos às nossas Ex.as Clientes que chegou nova remessa de cobertores e mantas de viagem das melhores fábricas Nacionais e estrangeiras, em lã australiana, pêlo de camelo e pêlo de lhama do Peru.

Lindíssimas cores, e qualidade insuperável.

ENORME SORTIDO AOS MAIS DIVERSOS PREÇOS

Lavores Femininos

Av Guerra Junqueiro, 3-D

LAVORES

Rua Áurea, 179

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

RÁDIOS E ALTA FIDELIDADE A TRANSISTORS

Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º Telef. 43464 — LISBOA

ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

Temporada de 1969/70

FUNDAÇÃO GULBENKIAN • GRANDE AUDITÓRIO • Às 18.30 horas

1.ª SÉRIE DE CONCERTOS

26 de Outubro
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solista: SÉRGIO VARELLA-CID, piano
Programa Beethoven

29 de Outubro
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solista: NOEL FLORES, piano
Programa Beethoven

1 de Novembro (Ver Nota)
Maestro: PIERRE SALZMANN
Solistas: JENNIFER SMITH, LUÍSA BALETE, MANUEL LISBOA, JOSÉ AGUIAR
CORO GULBENKIAN
«Requiem» de Mozart

5 de Novembro
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solista: ELIAS ARIZCUREN, violoncelo
Hasquenoph, Saint-Saens, Stravinsky, Prokofieff

12 de Novembro
Maestro: MARIO BENZECRY
Solista: ZVI ZEITLIN, violino
Narradora: LOURDES NORBERTO
Gianneo, Nardini, J. S. Bach, Prokofieff, Ravel
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solista: ELIAS ARIZCUREN, violoncelo
Hasquenoph, Saint-Saens, Stravinsky, Prokofieff

12 de Novembro
Maestro: MARIO BENZECRY
Solista: ZVI ZEITLIN, violino
Narradora: LOURDES NORBERTO
Gianneo, Nardini, J. S. Bach, Prokofieff, Ravel

19 de Novembro
Maestro: DAVID ZINMAN
Porcell, Haydn, Charles Ives, Mozart

26 de Novembro
Maestro: HELMUT MÜLLER-BRÜHL
Solistas: GÜNTHER PASSIN, oboé / TOMOTADA SOH, violino
Haendel, Fasch, J. S. Bach, Telemann

3 de Dezembro
Maestro: HELMUT MÜLLER-BRÜHL
Solistas: ÁLVARO MALTA, baixo/LUDWIG STREICHER, contrabaixo
Mozart, Dittersdorf, Haydn

10 de Dezembro
Maestro: FREDERICO DE FREITAS
Solista: DUBRAVKA TOMSIC, piano
J. Ch. Bach, Mozart, Frederico de Freitas, Marcel Poot

17 de Dezembro
Maestro: MICHEL CORBOZ
Solistas: WALLY STEAMPFLI, YVONNE PERRIN, sopranos / CHRISTIANE JACCOTTET, oravo • CORO GULBENKIAN
Programa Monteverdi

2.ª SÉRIE DE CONCERTOS

7 de Janeiro
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solistas: ELSA SAQUE, soprano/ORTWIN NÖTH, violino
Wagner, Max Bruch, F. Quaranta, Falla

14 de Janeiro
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solistas: LUISA BOSABALIAN, ELSA SAQUE, ANNA REYNOLDS, JOHN MITCHINSON, ÁLVARO MALTA, canto • CORO GULBENKIAN
«Te Deum» de Sousa Carvalho

21 de Janeiro
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solista: MAURICE GENDRON, violoncelo
Cinarosa, G. Ferrari, Jean Françaix, Baccherini, Mozart

28 de Janeiro
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solista: COLIN TILNEY, cravo
Fiume, J. Horowitz, J. S. Bach, Mendelssohn

4 de Fevereiro
Maestro: GERARD DEVOS
Solista: RICARDO ODNOPOSOFF, violino
Haydn, Mozart, Couperin, Roussel

28 de Janeiro
Maestro: GIANFRANCO RIVOLI
Solista: COLIN TILNEY, cravo
Fiume, J. Horowitz, J. S. Bach, Mendelssohn

4 de Fevereiro
Maestro: GERARD DEVOS
Solista: RICARDO ODNOPOSOFF, violino

11 de Fevereiro
Maestro: FRANCO GULLI
Solistas: FRANCO GULLI, violino/ENRICA CAVALLO, piano
Programa Mozart

25 de Fevereiro
Maestro: MÁRIO BENZECRY
Solista: JACQUES GENTY, piano
Delalande, Mozart, M. Quinet, Webern, Ravel

4 de Março
Maestro: RAYMOND LEPPARD
J. S. Bach, C. Ph. Em. Bach, J. Ch. Bach, Romeau, Mozart

11 de Março
Maestro: WERNER ANDREAS ALBERT
Solista: MARILYN TYLER, soprano
Hoffman, Mozart, Hans Werner Henze, Hindemith

18 de Março
Maestro: RENÉ KLOPFENSTEIN
Solista: GABRIEL TACCHINO
Haydn, Mozart, Schubert

25 de Março
Mestro e solista (violoncelo): ANTONIO JANIGRO
Bocherini, Wolfgang Fortner, Couperin, Mozart

NOTA — **1 de Novembro:** Concerto extraordinário em homenagem à memória de Olga Violante às 16 horas na Igreja de S. Vicente. Entrada livre.

PREÇOS AVULSO: 20$00 e 30$00 • 50% de desconto aos estudantes.

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA (Outubro): dia 20 — venda de assinaturas a antigos assinantes, dias 21 e 22 — venda de assinanturas a novos assinantes, dia 25 — início da venda de bilhetes avulso para todos os concertos • A Bilheteira estará aberta das 13 às 20 horas, na Fundação Gulbenkian, Av de Berna • Os estudantes deverão apresentar o respectivo cartão na Bilheteira e à entrada do Auditório

Espectáculos para maiores de 6 anos

LEVI'STA-SE

irrequietas e actuais

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Levi Strauss & Co. San Francisco, California

ÚLTIMOS DIAS

A revista dos PARODIANTES DE LISBOA com CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS

— um espectáculo de VASCO MORGADO em QUARTO MÊS com lugares desde 10$00

MONUMENTAL

HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)

AMANHÃ, A TARDE, ÀS 16 H.
2.ª-feira, descanso da Companhia

A COMÉDIA DE QUE TODOS FALAM
NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37
14.ª SEMANA

VASCO MORGADO apresenta
— HOJE —
À NOITE, às 21.45 h. (Adultos)
2 HORAS A RIR com UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ☆ IRENE ISIDRO ☆ COSTINHA ☆ LIA GAMA ☆ MARIA HELENA ☆ LUÍSA DURÃO ☆ DAVID SILVA ☆ HELENA ISABEL ☆ BENJAMIM FALCÃO

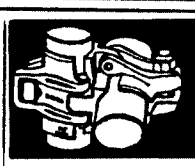
AMANHÃ, A TARDE, ÀS 16 H.
2.ª-feira, descanso da Companhia

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

Sapataria ORION

Expõe as últimas novidades em calçado para HOMEM e SENHORA, executado com pelarias das melhores procedências.

RUA GARRETT, 42 LISBOA-2



MUNDUS
CIMBRES E TORRES

Na PRAIA DA NAZARÉ o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por BAPTISTA VIEIRA— Praça Sousa Oliveira, 38-A.

TOIROS NO MONTIJO

DOMINGO, 19 DE OUTUBRO
ÀS 17.15 HORAS —— M/ 6 anos

GRANDIOSO FESTIVAL COM PICADORES
A FAVOR DA MISERICÓRDIA DO MONTIJO

REAPARIÇÃO DE JOSÉ LUPI
6 TOIROS ESPANHÓIS DE CHARCO BLANCO-SALTILLO DE TOLEDO
1 NOVILHO DA SOCIEDADE AGRÍCOLA RIO FRIO

CAVALEIROS
JOSÉ MALDONADO CORTES
JOSÉ LUPI
ANTÓNIO INÁCIO VARGAS
GREGÓRIO MORENO PIDAL
E A REVELAÇÃO DA TEMPORADA
JOSÉ JOAQUIM LUPI

ESPADAS
AMADEU DOS ANJOS
— E —
GREGÓRIO LALANDA

2 GRUPOS DE FORCADOS:
AMADORES DO MONTIJO, de ANTÓNIO SÉCIO
TERTÚLIA TAUROMÁQUICA DO MONTIJO, de JOAQUIM RESTOLHO

VENDA DE BILHETES:
LISBOA, AGÊNCIA ABEP — Tel. 328823
MONTIJO, DROGARIA MODERNA — Tel. 230235

TRANSPORTES ASSEGURADOS PARA LISBOA E ARREDORES DO MONTIJO NO FINAL DO ESPECTÁCULO

ADULTOS

Teatro Maria Matos

O TEATRO **MÁRIA MATOS**
APRESENTA EM ANTE-ESTREIA DE GALA
NA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA
A OBRA DE AQUILINO RIBEIRO

«TOMBO NO INFERNO»

DIRIGIDA POR IGREJAS CAEIRO

•

HOJE DEDICAMOS O NOSSO
ENSAIO-GERAL
A QUANTOS TRABALHARAM
NA CONSTRUÇÃO DESTE TEATRO

TELEFONE BILHETEIRA 717017

«QUANDO A VERDADE MENTE» — NO CONCURSO DO TEATRO DA TRINDADE

Mais uma peça no Trindade.

Assim vai o concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura, etc., etc., etc. Ontem, o grupo de Mem Martins (Sport Clube) fez a sua prova com a comédia que Costa Ferreira, virado para um teatro que não é o dele (faça-se-lhe essa justiça) não evitou escrever, há uns bons quinze anos: «Quando a Verdade mente». Ora, já não deveria continuar a mentir, mas, a dois passos de Lisboa, em jeito de fotonovela, a colectividade de Mem Martins reabilitou-a. Oh Mem!

É certo que a coisa de ontem era uma destas do tipo A (designação do concurso para peças marcadas, encenadas e tudo, por amadores), mas mesmo assim. Amador é o que ama, não é o que sobe a um palco e zás: tu és a mulher, vestes uma bata; eu sou major, tenho bigodes; a peça diz sopa, vem uma terrina; a filha bebe água, o pai tem direito a vinho; o filho é ladrão, come uma estalada e pronto.

O mais nos espanta é este concurso ter tido um júri-itinerante a fazer a selecção prévia e ter posto, com tal à-vontade, a brasa a arder nas mãos do júri-final, constituído (este, não o outro) pelos actores Paulo Renato, Varela Silva e Manuel Lereno e pelos não-actores (mas vá lá) Dutra Faria, Santos Braga e Humberto d'Ávila. E, júri a júri, o palco do Trindade lá se vai enchendo deste milho. Veremos o que vem hoje, vindo a Lisboa o «CETA» (de Aveiro) com «O Inspector-Geral», de Gogol.

TAVARES DA SILVA

TAUROMAQUIA

Festival em Vila Franca

VILA FRANCA DE XIRA, 18 — Amanhã, ás 21 e 45, na Praça de Touros Palha Blanco, serão lidados seis novilhos, num festival a favor da União Desportiva Vila-Franquense. Actuarão os cavaleiros Alfredo Conde e Gustav Zenkl e os espadas Manuel António, Ana Maria, Dário Venancio e Carlos Alberto.

TRINDADE

Hoje, às 21,30

CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T.

«O INSPECTOR - GERAL»

PELO CÍRCULO DE TEATRO DE AVEIRO

(Maiores de 12 anos)

AMANHÃ — «**ALBERGUE NOCTURNO**», pelo **Grupo Mérito Dramático Avintense**, de Avintes-Gaia

(Maiores de 17 anos)

Bilhetes à venda no Teatro, aos preços de 10$00, 5$00 e 2$50

Atrás do Reposteiro

* *Ingressou no Teatro Experimental de Cascais o actor Augusto Leal.*

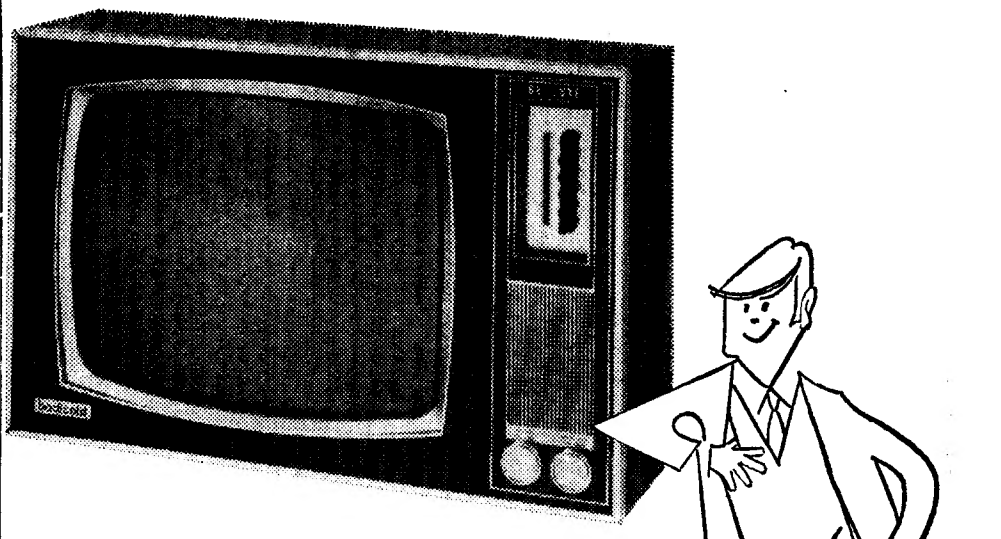
* *A R. T. P. vai apresentar brevemente a peça de Honoré Balzac, «O poeta».*

* *O Teatro Experimental do Porto vai apresentar a peça «Medeia», numa tradução de Sofia de Melo Breyner.*

* *A revista «Ri-te, Ri-te» vai ser apresentada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.*

Os nossos vendedores gostariam de rever os seus clientes.

(Mas, como o possuidor dum* badicold *não tem reclamações a fazer!...)



E gostariam, por uma questão de cortesia. Mas, sabem que um televisor **BADICOLD** é sempre uma presença agradável e firme no lar de cada um. **E** isso é muito mais importante para eles. Outros clientes virão por intermédio desses clientes que lhes darão boas referências do seu **BADICOLD**, da sua beleza de linhas, da sua selectividade, do seu inultrapassável poder de captação de som e imagem em pureza integral... Ouvir queixinhas» dum cliente deve ser tão desagradável!...

badicold

100% TELEVISÃO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL: MANUEL D'ARAUJO SERRA
ESCRITÓRIOS CENTRAIS: RUA DOS FOGUETEIROS, 107/125 • TELEFS. 951388/9 • S. MAMEDE DE INFESTA
EXPOSIÇÃO E VENDAS: RUA DA RESTAURAÇÃO, 471 • PORTO

FILIAL EM LISBOA:
Calçada da Quintinha, 9 A — Telef. 684840

Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam a grande revista

ESPERTEZA SALOIA

● Um enorme êxito de gargalhada, com
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
● VITOR MENDES ● MARIANO FRANCO
AS ATRACÇÕES
● HELENA TAVARES ● «THE MELODIES»
À frente de uma grande companhia

JOSÉ VIANA na «Voz da Guitarra»

MARIA VITÓRIA

HOJE ÀS 20.45 E ÀS 23 H.

(Adultos)

AMANHÃ, DOMINGO MATINÉE, ÀS 16 H.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, n.º 22

Hoje às 22 h. e dias seguintes

MÁRIO OU EU PRÓPRIO —O OUTRO de José Régio

com **Manuela Machado, Vítor de Sousa • Jorge Vale**

MARCAÇÕES depois 18 h. T 677299

Maiores de 17 anos
Subsidiado pelo Fundo de Teatro

HOTEL DOM CARLOS

PARA SI, SUA FAMÍLIA OU COM AMIGOS
UTILIZE O NOSSO RESTAURANTE

Ao almoço tem sempre á sua disposição um **prato típico** da cozinha portuguesa

Amanhã: Domingo — ENSOPADO DE LULAS

PARA MARCAÇÃO DE MESA: TELEF. 53 90 71

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 LISBOA

Krefft

COM ...É LIMPINHO!...

KREFFT — AS FAMOSAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA — A MAIS ALTA QUALIDADE ALEMÃ — ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS **TELVI** PORTO LISBOA

A REALIMO
TEM EM EXPOSIÇÃO
EM MIRATEJO
A CIDADE PANORAMA:

APARTAMENTOS MOBILADOS
COM RENDIMENTO IMEDIATO DE 8%
GARANTIDO DE 6 A 12 ANOS

E AINDA:

ANDARES DE 2 A 5 DIVISÕES
LOTES DE TERRENO PARA MORADIAS

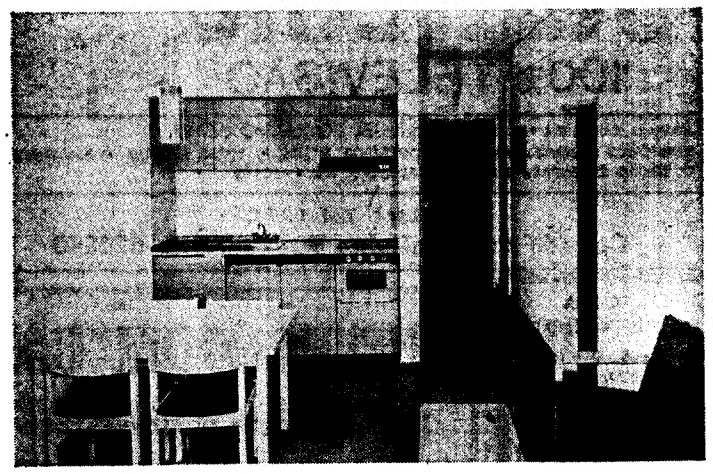
PERSPECTIVA DE UM APARTAMENTO MOBILADO

CONSTRUÍDO com materiais de 1.ª Qualidade, tais como caixilharias em alumínio, mármores, tijoleira envernizada, madeiras exóticas etc.

MOBILADO E DECORADO por OLAIO

EQUIPADO com Máquina de Lavar Roupa, Frigorífico, Fogão, Esquentador e Exaustor Eléctrico de fumos

SERVIDO por uma Rede própria de Gás Butano

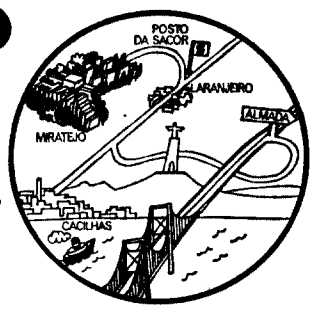


ASPECTO DE UM INTERIOR DO APARTAMENTO

VISITE MIRATEJO

INFORMAÇÕES EM LISBOA NOS ESCRITÓRIOS DA
REALIMO, S.A.R.L.
Avenida Eng. Duarte Pacheco, 21 - 3.º B
Edifício Angola / Tel. 68 32 46 / Lisboa 1

ALVARA DE LICENÇA DE LOTEAMENTO N.º 13 DE 22/12/67



E VERÁ QUE A REALIMO REALIZA O SEU SONHO

ora diga-nos...

— Como prefere as ruas: empedradas ou alcatroadas?

Sim, o que será melhor? Como preferem as pessoas que sejam as ruas palmilhadas diàriamente? Os paquetes (que andam e desandam) têm autoridade e experiência para depor.

O primeiro interrogado foi Darlindo Casaca. E disse:

— Prefiro-as alcatroadas. São melhores. Para o escoamento das águas quando chove, para os esgotos e para andar, claro.

Depois foi a vez de António Augusto Duarte da Silva. Directo, conciso, convicto:

—Alcatroadas. Anda-se melhor nessas. O andar é mais leve.

— E quando c h o v e? (E como ela — a chuva — caía na altura...)

— Não gosto de nenhuma!

O último interrogado foi Ernesto José Carvalho Eduardo. As suas preferências coincidem com as dos colegas já ouvidos:

— Acho que as alcatroadas são m e l h o r e s. São melhores para andar, pois nas pedras po de se tropeçar.

— ...

— Sim, são melhores para quando está tempo de chuva.

E vem aí tanta!

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS

9696 — 4 000 000$
43850 — 400 000$
58024 — 200 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

9695 — 15 875$
9697 — 15 875$

PRÉMIOS DE 10 000$00

51	1652	3524	6822	7224
10184	18409	19321	25621	25660
30844	31560	33075	33121	34200
34938	37557	37918	38448	40896
40990	41689	42770	43162	50935
51191	51360	52055	53811	56107
59707	59766			

PRÉMIOS DE 500$00 (centenas)
9601 a 9700; 43801 a 43900 e 58001 a 58100

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

São premiados com 1 000$00, no bilhete, todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 001, 090 155, 184, 360, 429, 575, 890, 978 e 988. Com 500$00, aqueles que terminem em 25, 52 e 69. Por ultimo, são contemplados com 250$00, também em cada bilhete, todos os restantes numeros cujo ultimo algarismo — terminação —, seja 6.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

CASA PIA

A abertura solene das aulas na Casa Pia de Lisboa efectua-se no próximo dia 29 na Secção de Santa Clara.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

AS CASAS
TRAVASSOS

VENDERAM ONTEM NOVAMENTE UM PRÉMIO GRANDE

58024 — 200 contos
(número certo)

OS 50 000 CONTOS DA GRANDE
LOTARIA DO NATAL
JÁ ESTÃO À VENDA

2 bilhetes 5000$, 1 bilhete 2 500$, décimos 250$, cautelas 50$. Pelo correio mais 2$50

CASAS TRAVASSOS
Rossio, 42 — R. Palma, 43 — Apartado 2038 (Tel. 864533)

e a SORTE
CONTINUA NO
QUIOSQUE TIVOLI
QUE VENDEU AOS SEUS BALCÕES A
TALUDA
4.000 CONTOS
9696

Número certo recebido directamente da Santa Casa

HABILITEM-SE AOS
4.000 CONTOS
DA PRÓXIMA EXTRACÇÃO

Bilhetes a ... 250$00
Décimos a ... 25$00

E DESDE JÁ AOS
50.000 MILHÕES
DA
GRANDE LOTARIA DO NATAL

Bilhetes - 2 séries 5.000$00
Bilhetes - 1 série 2.500$00
Décimos ..... 250$00

Pelo correio mais 2$50 para registo — Não se envia lotaria á cobrança

FAÇAM QUANTO ANTES OS VOSSOS PEDIDOS AO
QUIOSQUE TIVOLI
o QUIOSQUE que faz MILIONÁRIOS!!!

Assinado o ajuste complementar do acordo luso-brasileiro de Previdência Social

«Integra-se o Acordo da Previdência Social entre Portugal e o Brasil nas modernas tendências do movimento de realização da segurança social, com vista á garantia internacional dos meios de existência dos trabalhadores migrantes, tendo em conta a conservação dos respectivos direitos em face das legislações do País de origem e dos novos países em que passaram a exercer a sua actividade. Do mesmo passo, constitui também o Acordo uma das mais expressivas concretizações, no domínio social, das aspirações contidas no ideário da comunidade luso-brasileira.

Relativamente a Portugal, vem ainda trazer um complemento indispensável ás conversações análogas já celebradas com alguns países onde trabalham os nossos emigrantes (França, Alemanha, Luxemburgo, Holanda, Espanha e Argentina), panorama que nunca poderíamos considerar completo sem o coroamento natural e necessário da convenção luso-brasileira.»

Estas palavras foram proferidas hoje, ao fim da manhã, no Ministério das Corporações e Previdência Social, pelo titular daquela pasta, prof. Gonçalves de Proença, na cerimónia de assinatura do ajuste complementar do referido acordo sobre segurança Social que assim fica regulamentado. Pelo Brasil assinou o seu ministro do Trabalho e Previdência, coronel Jarbas Paesarinho, e pelo nosso País o ministro das Corporações e Previdência Social.

Estavam presentes o subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Nogueira de Brito, o embaixador do Brasil, dr. Carlos de Ouro Preto, o ministro conselheiro, adido das Forças Armadas e outros altos funcionários da Embaixada.

elogio de Portugal

Num improviso brilhante, informal, objectivo e breve, elevado aqui e além de alusões do melhor humor, o ministro Jarbas Passarinho afirmou, em certo passo, a propósito das tradicionais, repetidas (e pouco concretizadas, na prática), alocuções inflamadas sobre a amizade luso-brasileira:

— Não mais farei o elogio de Portugal, meus amigos portugueses, pois não devemos ser excessivos. Não que o elogio fosse excessivo, mas a palavra sim.

Sublinhou, seguidamente, que «ultimado o facto (com a assinatura do acordo), lutemos agora pelas consequências».

Expressou assim a necessidade de se concretizarem as disposições agora criadas. Referindo-se ao facto, igualmente sublinhado pelo ministro Gonçalves de Proença, de ser grandemente superior ao de brasileiros, o número de portugueses beneficiados pelo acordo, o ministro brasileiro afirmou:

— Nesta rua de duas mãos, o tráfego é maior daqui para lá. Mas isto enaltece o Brasil e enaltece Portugal.

Anunciou ainda que, no próximo mês, a delegação lusitana que participou nos trabalhos de preparação do acordo agora firmado, receberá a comenda da Ordem do Mérito do Trabalho com que o Brasil quer distinguir os seus componentes.

A's 13 e 15, o dr. Ouro Preto ofereceu, na sua residência, um almoço em honra do ministro do Trabalho do seu país que, durante a tarde, visitou o Bairro dos Olivais e instalações do Instituto de Formação Profissional Acelerada.

O coronel Jarbas Passarinho regressa ao Brasil no começo da próxima madrugada.

DOUTORAMENTO EM FILOLOGIA GERMÂNICA

Começaram hoje as provas de doutoramento em Filologia Germânica requeridas pelo licenciado Olívio José Caeiro, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.

O candidato, que apresentou uma dissertação intitulada «O diário de Platen-Hallermünde: expressão de uma crise espiritual», será interrogado na segunda e na quinta-feira sobre dois pontos tirados á sorte, após o que defederá a tese na sexta-feira.

Do juri fazem parte o prof. Paulo Quintela, catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra, e todos os catedráticos efectivos da congénere de Lisboa.

Procuraram trabalho e encontraram trabalhos

Não havia trabalho na Madeira. Acrescentar mais seja o que for, é retórica. Aquelas cinco palavras bastam para justificar a atitude de três homens, Jorge Luís, Fernando José Gomes de Vasconcelos e Manuel da Silva Melim, que embarcaram clandestinamente no paquete «Vera Cruz» quando este tocou no Funchal, de regresso dos portos de África. Descobertos, deram entrada no Albergue de Mendicidade da Mitra, a fim de aguardarem embarque para a Madeira. Jorge Luís e Fernando José regressaram já ao ponto de partida da sua aventura frustrada. Manuel Melim conserva-se em Lisboa, aguardando novo rumo á sua vida.

Agora com 25 anos de idade, Melim dedicava-se quando rapaz á prática de mergulhar quando chegavam os barcos com turistas, para apanhar quase no fundo do mar as moedas que eles atiravam. Feito homem, foi para a vida militar, serviu no campo de aviação de Bissau. Concluida a missão regressou á sua terra sem nenhumas condições para trabalhar visto que jamais aprendera ofício. Desde o seu regresso da Guiné, não têm conto as privações que passou. O «Vera Cruz» foi a grande tentação...

No Albergue da Mendicidade da Mitra souberam do seu comportamento militar.

Interessaram-se por ele de tal modo que a administração daquela instituição se pôs em contacto com o Ministério do Ultramar, com o propósito de lhe arranjar colocação da Região de Povoamento do Niassa.

De quem são as bicicletas?

Na Secção de Justiça da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, edifício do Governo Civil, estão depositadas duas bicicletas a pedais, próprias para criança, proveniente de furtos.

Solicita-se assim ás pessoas lesadas em tais furtos, que compareçam o mais breve possível, naquela repartição, com vista ao reconhecimento de tais velocípedes.

Despedida de um batalhão em Abrantes

ABRANTES, 18 — No Regimento de Infantaria n.º 2 efectuou-se a cerimónia de despedida de um batalhão e dois pelotões de morteiros destinados ao Ultramar

ALVÍSSARAS

Dão-se a quem descobrir paradeiro carro Opel Rekord 1700, 4 portas, cor creme, estofos vermelhos matrícula DA-94-36.

Informar telef. 538866.

Necrologia

FALECIMENTO

Humberto Rodrigues Alves

Faleceu o sr. Humberto Rodrigues Alves, de 41 anos, natural de Lisboa, empregado bancário, casado com a s.ª D. Margarida Maria Gomes Alves, filho da sr.ª D. Nazaré Rodrigues e do sr. José Alves e irmão da sr.ª D. Maria Emília Rodrigues Alves e do sr. João Rodrigues Alves.

O funeral, a cargo da da Agência Miguéis, da Calçada da Boa Hora, 216-218, sairá amanhã, pelas 10 horas, da igreja da Boa Hora para o cemitério da Ajuda.

D. Marcolina Amado Henriques Baptista

Em Pernes, faleceu a sr.ª D. Marcolina Amado Henriques Batista, de 63 anos, casada com o sr. Valentim da Silva Baptista, mãe da sr.ª D. Maria Helena Amado Henriques Baptista e do sr. Valentim Carlos Amado Henriques Batista, atleta do Sporting Clube de Portugal e sogra da sr.ª D. Irene Cintra Baptista. O funeral realiza-se, esta tarde, para o cemitério local.

João da Albuquerque Castro

PENALVA DO CASTELO, 18 — Em Sezures, deste concelho, faleceu o sr. João de Albuquerque Castro, de 78 anos, residente em Viseu, casado com a sr.ª D. Prazeres de Almeida, pai dos srs. coronel António de Almeida Albuquerque Castro, director do Gabinete de Estudos da Junta de Energia Nuclear; dr. Lucio de Almeida Albuquerque, e das sr.as D. Olimpia de Almeida Castro e D. Glória de Almeida Castro, e cunhado do sr. prof. dr. Lucio de Almeida, major Elias de Almeida Cabral e Miguel de Almeida e da sr.ª D. Maria de Almeida.

Eduardo Nogueira

ÉVORA, 18 — Faleceu o sr. Eduardo Nogueira, de 72 anos, casado com a sr.ª D. Celeste Horta Nogueira, pai das sr.as D. Lorena Nogueira Morais Santos, casada com o sr. Fernando Morais Santos, e D. Maria Helena Horta Nogueira dos Santos, casada com o sr. José dos Santos, e avô dos srs José Luís Morais dos Santos, Eduardo Nogueira Morais dos Santos e Luís Manuel Nogueira Morais dos Santos.

O extinto, que se radicou nesta cidade há muitos anos, era um notável artista fotográfico. O funeral sai esta tarde da igreja de São Tiago, para o cemitério dos Remédios, nesta cidade.

FUNERAIS

Alberto Simões Torres

ILHAVO, 18 — Realizou-se, com grande acompanhamento para o cemitério local o funeral do sr. Alberto Simões Torres, que na sua casa na praia da Costa Nova, onde residia no Verão, fora na véspera, acometido de doença grave, quando se preparava para seguir para uma feira de gado da região. Negociante de gados, muito estimado na região, contava 61 anos, era casado com a sr.ª D. Lucinda da Silva Peixoto e irmão da sr.ª D Rosa Simões Torres e dos srs. João e Luís Simões Torres.

D. Maria da Conceição Marques dos Santos

ABRANTES, 18 — Realizou-se para o cemitério local o funeral, que foi muito concorrido, da sr.ª D. Maria da Conceição Marques dos Santos, viuva de António Marques dos Santos, natural de Carregueira-Mação e aqui há muito residente em casa de seu filho. Tinha 68 anos, era mãe do sr. Armando Marques dos Santos, empregado no Banco Espírito Santo, casado com a sr.ª D. Alice Grosso dos Santos e avó das meninas Linda Maria e Ana Bela Grosso Marques dos Santos, alunas liceais

SUFRÁGIOS

Prof. Mário de Figueiredo

COIMBRA, 18 — Na capela da Universidade foi, esta manhã, rezada missa por alma do prof. Mário de Figueiredo, antigo professor e director da Faculdade de Direito local, mandada celebrar pela Reitoria. Além do reitor, vice-reitor, directores de Faculdades e membros do Senado Universitário, assistiu ao ofício o dr. João de Almeida, director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, que representava a viúva do extinto.

*

Também por alma do prof. Mário de Figueiredo serão rezadas, em Lisboa, na próxima segunda-feira, missas, ás 11 e 30, na Igreja de S. Mamede, mandada celebrar pela viúva, e, ás 12 e 30, na Igreja da Pena, mandada celebrar pela Junta Nacional da Educação, de que o extinto era presidente.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis

Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

25 bactérias provocam a caspa

1 produto a elimina

apélic

Foi a pensar no seu problema que os Laboratórios Garnier criaram o primeiro shampoo anti-caspa verdadeiramente eficaz.

Por uma questão de elegância, higiene e de saúde,

apélic

apélic — TEM A GARANTIA "GARNIER" PARIS

Fabricado por M. B. B. Teixeira, Lda. (Courage)

DESPISTE DE UMA FURGONETA NO ALTO DA BOA VIAGEM

• Um tufo de cactos evitou vinte metros de queda

— *Tive uma sorte! A camioneta bateu-me por trás e eu fui ao muro. Quando dei por mim estava a ir pela ribanceira abaixo. Mas depois o carro parou, fiquei cinco minutos á spera que alguém me tirasse, e nada. Parti o vidro da janela com os pés.*

Esta é a história de António da Silva Mesquita, 31 anos, motorista, residente na Cruz da Guia, a Cascais, que esta manhã (8 e 25) viu a morte diante dos olhos, ao galgar, com uma furgoneta, o muro do Alto da Boa Viagem, imediações de Caxias. O veículo, propriedade da União de Padarias de Carcavelos, Lda., tinha os pneus da frente lisos. Ficou aconchegado numa espécie de parapeito sobranceiro á linha férrea. Por ali abaixo são vinte metros em queda livre, de onde o suspiro de António Mesquita.

Explicação do acidente, segundo apurámos junto da brigada-moto n.º 62 da P. V. T. (agente Caetano):

— *A furgoneta fez uma ultrapassagem irregular a uma camioneta. Foi bater no corrimão de resguardo de via («auto-safe»), do lado esquerdo, e, ao retomar a direita, fê-lo com demasiada antecedência, levando um toque da camioneta. Entrou em despiste, percutiu o muro, saltou e despenhou-se. Sim, teve sorte: aquele tufo de cactos amorteceu a queda da furgoneta, e imobilizou-a pouco adiante.*

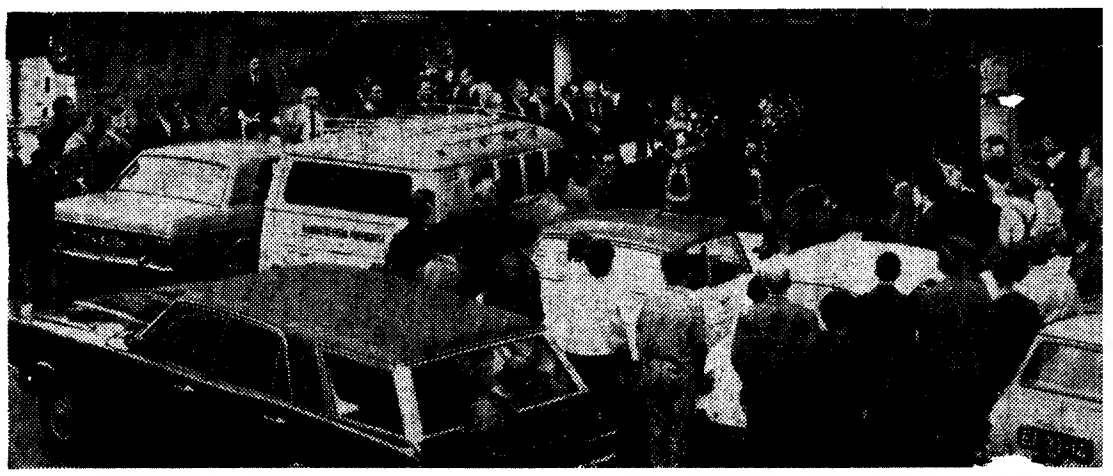
Por menor acrescentado por um jovem popular:

— *A furgoneta ainda ficou a trabalhar mais de meia hora. Depois o motor parou sòzinho.*

Um guincho da firma Hércules, Lda., puxou a furgoneta cá para cima: 800$00 de trabalho, disse-nos o motorista do pronto-socorro. António Mesquita, que tem carta há nove meses e meio, assistiu á cena e suspirou outra vez:

— *Ia levar bolos a Algés* — comentou ele, sacudindo a lama da camisa.

Por baixo do sítio onde a furgoneta parou vive um «gandaeiro». Foi o segundo susto do género para este homem: em tempos, morava ele noutra barraca da zona, um «*Volkswagen*» aterrou-lhe no tecto. Ainda o procurámos hoje. «*Deu á sola*», contou um amigo.



A curiosidade do lisboeta foi despertada esta manhã pelo insólito espectáculo: dois homens de saias (escoceses, de foles. Era, muito simplesmente, uma forma de assinalar, de maneira festiva, a inauguração da Quinzena (mas sem saias), Britânica em Lisboa

AO SOM DE GAITAS DE FOLES

INAUGURADA EM LISBOA Á QUIN DA MODA MASCULINA BRITÂ

Dois «bagpipers» do célebre Regimento da Guarda Escocesa — os Scots Guards —, Pipe Major Roe e Lance Sargent Davidson, iniciaram hoje, ao som de gaitas de foles escocesas, a Quinzena da Moda Masculina Britanica que, como noticiámos, deveria ter sido inaugurada ontem. O retardamento deve-se ao facto de a bagagem ter ficado perdida em Munique.

O lisboeta foi, pois, esta manhã, alertado pela estridente e típica musica, que concentrou ao redor dos gaiteiros pequenas multidões curiosas do motivo porque tocavam os gaiteiros, vestidos com o trajo tradicional escocês. Os motivos não eram de imediato compreendidos e foram tomados como publicidade ás casas que os gaiteiros visitaram.

Os gaiteiros, que se deslocaram a semana passada de Inglaterra e visitaram Zurique, Munique e agora Lisboa, como embaixadores da moda masculina britanica, percorreram os principais estabelecimentos da moda masculina da nossa capital, tocando á entrada e dentro do próprio estabelecimento, cerimónia a que assistiram importantes personalidades ligadas ao Conselho Nacional de Exportação da Grã-Bretanha e do Grémio Britanico do Vestuário Masculino, o Encarregado de Negócios da Grã-Bretanha e altos funcionários da Embaixada, além de individualidades portuguesas ligadas ao ramo do vestuário masculino.

A cerimónia, que se repetiu em 14 casas de moda e numa companhia de aviação, prolongou-se por toda a manhã e parte da tarde, animando, com o colorido do vest tico d dia lis Scots bém a das ce ciment

A pr da Moc ainda ofereci de Neg nha, e dos pr Lisboa.

A MODA DE 1970 NO CASINO DO ESTORIL AMANHÃ À NOITE

Amanhã, o «show» do Casino do Estoril vai ser enriquecido com um numero de grande categoria internacional — através de modelos de Alta Costura vindos especialmente de Paris e de peles chegadas de Nova York, a moda feminina e masculina para 1970, vai ser espectáculo para uma plateia de gente exigente e elegante.

A iniciativa, que é do Secretariado Internacional da Lã, apoiada pelo Grémio dos Industriais de Vestuário do Sul, vai, decerto, resultar em cheio neste começo de época, atraindo ao Casino do Estoril as ditadoras — e os ditadores — da moda da nossa melhor sociedade.

O bilhetes encontram-se á venda no Casino do Estoril.

Caiu do castanheiro

COVILHÃ, 18 — Recolheu ao Hospital da Misericórdia, em estado de coma, o jovem Autonómio Manuel Lopes Dias, de 10 anos, escolar, filho do sr. Manuel Alveolor. Quando apanhava castanhas, uma pernada da árvore partiu-se e o rapaz sofreu, com a queda fractura do frontal e ferimentos graves.

O TEATRO MARIA MATOS INAUGURA-SE NA 3.ª-FEIRA

Na próxima terça-feira, ás 21 e 30, inaugura-se o Teatro Maria Matos com a anteestreia de gala da peça de Aquilino Ribeiro «Tombo no Inferno», dirigida por Igrejas Caeiro.

Para esta anteestreia de gala foram convidados o Chefe do Estado, os ministros da Educação Nacional e das Corporações e Previdência Social, o secretário de Estado da Informação e Turismo, os subsecretários de Estado da Administração Escolar, Juventude e Desportos e Trabalho e Previdência e outras individualidades.

Hoje, ás 21 e 30, o ensaio geral é dedicado a todos quantos trabalharam no teatro Maria Matos, desde a construção da sala até á montagem da peça.

Na segunda-feira, á mesma hora, haverá outro ensaio geral dedicado á gente de teatro e dos órgãos da informação. Estão, portanto, convidados para esse espectáculo todos os jornalistas e e homens da rádio e televisão, assim como todos os que trabalham no teatro para os quais foi escolhida esta data, tendo em conta que a segunda-feira é o dia habitualmente escolhido para o descanso das companhias.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

escoceses, claro) tocavam gaita

Quinzena da Moda Masculina

do vestuário e o característico da música, mais um dia lisboeta, pois os dois Scots Guards levaram também a sua música para lá das cercanias dos estabelecimentos, á via publica.

A prosseguir a Quinzena da Moda Masculina haverá, ainda hoje, um «cocktail» oferecido pelo Encarregado de Negócios da Grã-Bretanha, e um banquete, num dos principais hotéis de Lisboa.

ATENÇÃO ÀS ESCOLAS E COLÉGIOS!

Assaltaram o Jardim-Escola João de Deus

Nos últimos tempos, diversas escolas e colégios particulares têm sido alvo das «atenções» dos ladrões nocturnos, de certo atraídos pela miragem das importancias das propinas, cuja época de pagamentos decorre.

Esta noite chegou a vez ao Jardim-Escola de João de Deus, na Avenida Pedro Alvares Cabral. Os ladrões penetraram no edifício da Escola utilizando o processo do vidro cortado, tão belamente exemplificado pela personagem da série da Televisão «Ladrão, precisa-se». Depois arrombaram diversas gavetas de secretárias, encontrando cadernos e trabalhos escolares que desprezaram, pois não estavam interessados em questões pedagógicas. Acabaram por levar consigo a importancia de 75 escudos, em moedas, da caixa do telefone.

Para se alumiarem, os gatunos queimaram papeis escolares. Os focos de fósforos encontrados são de três tipos diferentes, o que leva a supor ser de três o número dos assaltantes.

Este é o terceiro assalto que os jardins-escolas João de Deus sofrem no presente ano. Igual sorte tiveram as secções de Alvalade, em Lisboa, e do Porto, de onde os ladrões levaram cerca de duas dezenas de contos.

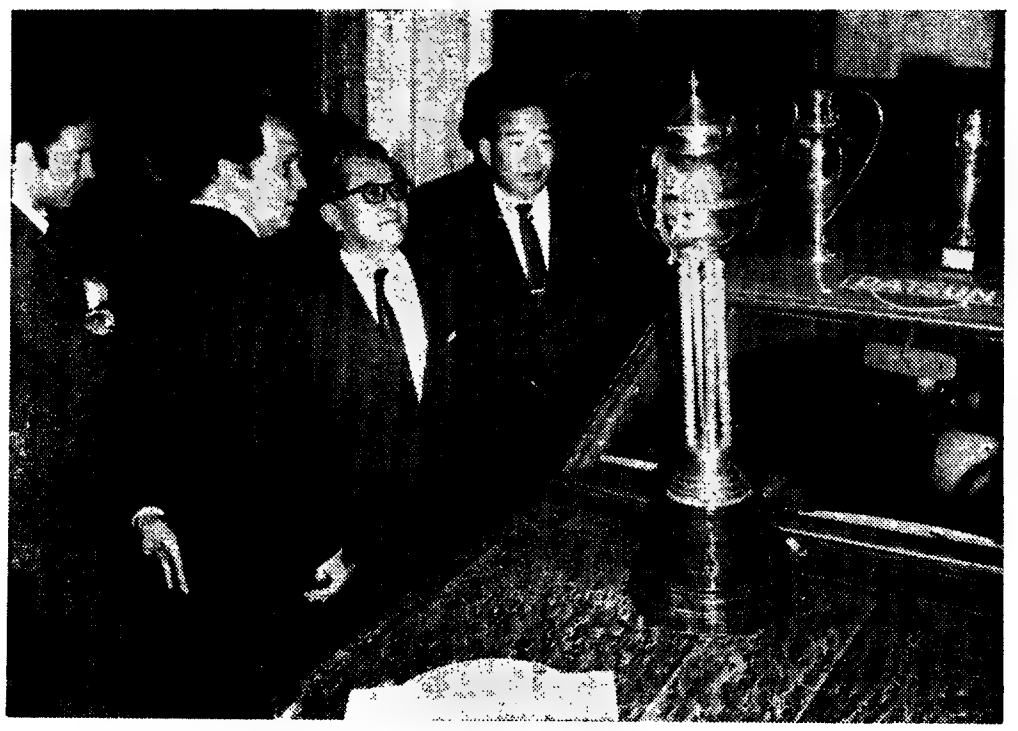
Delegação Portuguesa à Câmara de Comércio Internacional

Na Câmara de Comércio de Lisboa, foram empossados, em cerimónia presidida pelo prof. José Gabriel Pinto Coelho, os novos corpos gerentes da Delegação Portuguesa á Câmara de Comércio Internacional.

Da nova assembleia geral fazem parte: como presidente, o prof. José Gabriel Pinto Coelho e o dr. Carmindo Ferreira, como vice-presidente; como secretários, a Mabor (representada pelo seu administrador, dr. Albuquerque Calheiros) e a Philips Portuguesa (representada pelo seu administrador - delegado, Jan Johannes van de Panne).

São membros estatutários da nova direcção: como presidente a Associação Comercial de Lisboa — Câmara de Comércio (representada pelo prof. Caetano Léglise da Cruz Vidal) e, nos impedimentos, o vice-presidente, sr. Tomás Pinto Basto; como vice-presidentes a Associação Comercial do Porto (representada pelo dr. Vasco Mourão), a Associação Comercial do Funchal (representada pelo dr. Alberto de Araujo), a Associação Industrial Portuense (representada pelo eng. Almeida e Sousa), a Associação Comercial de Lourenço Marques (representada pelo sr. António Ferreira), a Associação Comercial de Luanda (representada pelo sr. Augusto de Almeida Campos), o Banco Nacional Ultramarino (representado pelo dr. António Julio de Castro Fernandes) e a Sociedade de Agricultura de S. Tomé e Príncipe (representada pelo dr. Pedro Belard).

Foram os seguintes os membros eleitos para a nova direcção: vice-presidente, o Grémio dos Seguradores (representado pelo eng.º Basílio Caeiro da Matta); vogais, o Banco de Angola (representado pelo dr. Rui Pereira de Melo), o Banco de Lisboa & Açores (representado pelo sr. Salazar Antunes), o Banco Português do Atlântico (representado pelo dr. Afonso Patrício Gouveia), a Companhia I. B. M. Portuguesa (representada pelo sr. Robert Dunkel), a Companhia Nacional de Navegação (representada pelo dr. António Prazeres), a Companhia União Fabril (representada pelo sr. Rui Correia Henriques), Propagandas Belarte (representadas pelo sr. António Pereira Coelho), a Radiotelevisão Portuguesa (representada pelo dr. Ramiro Valadão), os Transportes Aéreos Portugueses (representados pelo sr. Luís Forjaz Trigueiros), e a Shell Portuguesa (representada pelo dr. José Augusto Correia de Barros).



Um aspecto da cerimónia da entrega do «Troféu dos Construtores», conquistado pelos automóveis «Datsun» no 3.º «Rallye» Internacional TAP

DIRIGENTES JAPONESES DO GRUPO DATSUN-NISSAN VISITARAM AS INSTALAÇÕES DO ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS

Em visita ao Entreposto Comercial de Automóveis, que representa no nosso País os veículos japoneses Datsun-Nissan, encontram-se em Lisboa os srs. R. Yamazaky, administrador da Nissan; J. Zaitsu, director comercial de exportação; e K. Tamaki, director do «Bureau» Central para a Europa, em Bruxelas, os quais além de virem estudar aspectos relacionados com a montagem e comercialização daqueles veículos entre nós, visitaram as instalações do Entreposto, oficinas, «stand», etc. e a fábrica da Movauto, em Setúbal, onde estão instaladas as linhas de montagem.

Aproveitando a presença destas individualidades em Lisboa, o Entreposto Comercial de Automóveis realizou, hoje ao fim da tarde, no seu «stand» na Avenida Duarte Pacheco, uma breve cerimónia, durante a qual o sr. eng.º José Dias da Cunha, administrador-delegado da empresa, que se encontrava acompanhado pelos srs. dr. António Dias da Cunha, administrador; e António Candeias, director, e de chefes de Serviço e de Secções, entregou ao sr. R. Yamazaky o «Troféu dos Construtores» conquistado pelos automóveis Datsun no 3.º «Rally» Internacional da TAP, disputado na semana passada.

Ao proceder à entrega do troféu, o sr. eng.º Dias da Cunha pôs em evidência o excelente comportamento dos Datsun no decorrer da duríssima prova e manifestou a sua satisfação pelo êxito alcançado pelos carros que o Entreposto representa em Portugal. O sr. Yamazaky, no final, agradeceu e exteriorizou o seu júbilo por mais esta vitória conquistada pelos Datsun.

Seguidamente, foi exibido um filme sobre o 17.º East African Safari, disputado no Kénia e uma das mais rudes provas automobilísticas do mundo, onde os carros Datsun alcançaram a vitória por equipas.

ESCOLAS ENCERRADAS NO CONCELHO DE MONFORTE

MONFORTE, 18 — A escola primária de Azeiteiros está encerrada há cerca de dois anos; e agora coube a vez á escola primária de Prazeres, deixando privadas do ensino duas dezenas de crianças. Fecharam: a primeira das referidas escolas, por falta de crianças á matrícula; e, a segunda, por falta de professor.

Em Prazeres, os pais das crianças estão aflitos por não poderem dar ensino escolar aos seus filhos; e assim torna-se urgente a reabertura daquela escola.

Em Monforte, as crianças que, no ano transacto, frequentaram a quinta classe, não puderam, este ano, matricular-se na sexta, e, quando pretenderam inscrever-se na telescola só o podiam fazer pagando a multa por estar fora do prazo, facto que tem causado, igualmente preocupação aos pais a alunos.

Vai realizar-se o 3. curso de Pneumologia para pós-graduados

De 3 a 8 de Novembro, próximo, vai realizar-se, na Faculdade de Medicina de Lisboa, o 3.º Curso de Pneumologia para pós-graduados, promovido e organizado pela Clínica de Doenças Pulmonares daquela Faculdade, de que é director o prof. Tomé Vilar.

U curso, que tem como tema «Cancro do Pulmão», é constituído por duas lições teóricas em cada dia, seguidas de demonstrações práticas, bem como por mesas-redondas.

As inscrições podem fazer-se no Serviço de Doenças Pulmonares do Hospital de Santa Maria, piso 8.

Dr. Tavares da Silva

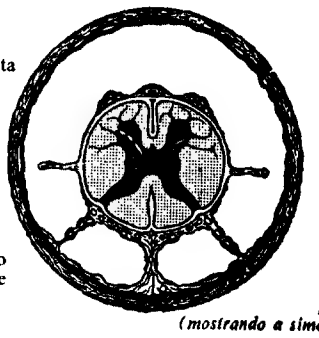
Faz amanhã 11 anos que faleceu o nosso saudoso camarada de Redacção dr. Tavares da Silva. Por esse motivo, sua viuva, sr.ª D. Maria de Lourdes Tavares da Silva, manda celebrar, na segunda-feira, ás 12 e 30, na igreja dos Mártires, ao Chiado, missa de sufrágio.

ico
lumbia
ML 245
IAS
TERRAS
DO
FIM
GO
MUNDO
111
BISSAIDE

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Sempre cansado?
Os seus nervos devem ser a causa

É natural que se sinta cansado depois de um longo dia de trabalho. Mas, se anda sempre esgotado sem razão, se o seu trabalho se amontoa porque não consegue «dar-lhe andamento», então há, com certeza, qualquer coisa que não anda bem. E você sabe que a culpa é dos «nervos».



Secção da espinal medula (mostrando a simetria do conjunto)

Como Sanatogen o ajuda

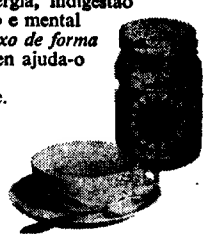
Das células nervosas depende o funcionamento eficiente do seu sistema nervoso. Se elas não estão a receber proteína e fósforo nas quantidades precisas, *morrem de fome*. O Sanatogen fornece-lhes então a proteína e o fósforo necessários. Por meio desta acção tónica vigorosa o Sanatogen ajuda o crescimento normal das células. Promove o bom funcionamento do sistema nervoso. Suprime o cansaço, supera o esforço e restitui a energia nervosa perdida.

Universalmente recomendado

O Sanatogen é bem conhecido da classe médica e é largamente receitado pelos médicos alemães, ingleses e de outros países. Nenhum outro alimento contém tudo o que o Sanatogen lhe dá. Testes sob controle médico demonstraram que o Sanatogen dá mais saúde. Que grande diferença no rendimento, capacidade e bem estar de cada um! Você deve experimentar o Sanatogen. Experimente-o no seu caso.

Para todas as formas de «nervos»

Os «nervos» manifestam-se de várias formas: cansaço permanente, depressão, insónia, irritabilidade, preocupações excessivas, falta de energia, indigestão até, «surmenage» e esgotamento físico e mental —como lhe dizem seus amigos *em baixo de forma*. Fortalecendo os seus nervos, Sanatogen ajuda-o a reconquistar a sua antiga *forma* e a gozar a saúde em toda a plenitude.



Sanatogen
THE PROTEIN NERVE TONIC
Nestlé Produtos Dietéticos, Lda. - Apartado 1382 — Lisboa 1

MERGULHÃO
As mais lindas pratas
R. de S. Paulo, 162 Tel. 30013

Actualidade internacional

DA DEMOCRACIA NA ALEMANHA

As eleições alemãs, que culminarão no próximo dia 21 com a designação do novo chanceler pelo novo Bundestag (Parlamento federal), permitem, na sua linearidade e na previsibilidade dos seus resultados, enunciar um feixe de observaçõcs.

1) A concentração do capital origina alterações ao nível político. *A decisão política deixa em definitivo de residir nas «representações» parlamentares e populares e passa a ser detida por uma burocracia directamente ligada aos monopólios nacionais e internacionais. O* capitalismo monopolista de Estado, *planifica, prevê, decide, dirige.*

Nos Estados com constituição política liberal e parlamentar, as alterações exigidas pela nova fase do capitalismo podem originar um de dois processos:

a) *O aparelho de Estado passa, através de uma reorganização das* direitas, *a ser gerido, directa e autoritàriamente, por uma força eficiente, tecnocrática, dinâmica. Esta via, normalmente só possível com recurso á técnica do golpe de Estado, é exemplarmente ilustrada pelo gaullismo.*

b) *A gestão do Estado passa a assentar numa* coligação *das* direitas *e das* esquerdas *parlamentares. Digamos que a* esquerda *empresta á* direita *o dinamismo que a esta faltava; a* direita *empresta á* esquerda *a fidelidade ao capitalismo monopolista e ao seu Estado.*

A coligação entre os aparelhos políticos do capital e os que, política e sindicalmente, enquadram, (disciplinam, integram) o trabalho, pode, alternativa ou exclusivamente, adquirir as formas de união governamental (de que o governo de centro esquerda é paradigma) ou de rotativismo político. Após ter assumido a primeira, o regime alemão prepara-se para experimentar a segunda

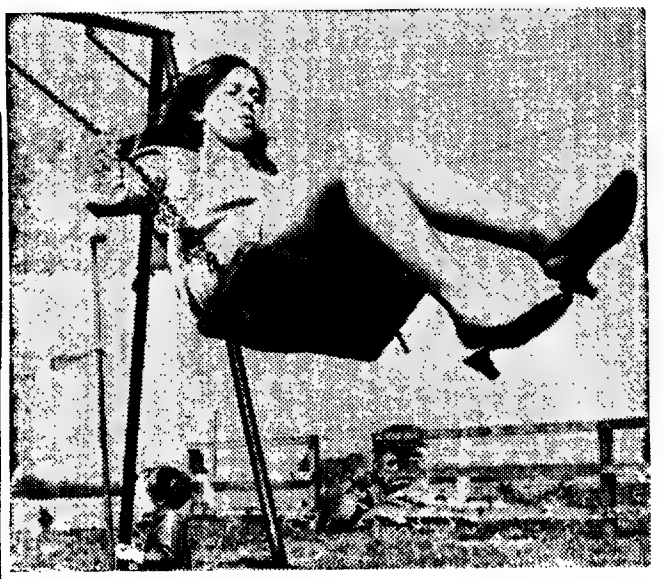
2) De facto, verifica-se a monopolização do poder pelas grandes formações partidárias, *que se tais da burocracia estatal. Há vinte anos, o S. P. D. e a C. D. U., contornam peças fundamentalmente considerados, somavam 60 % dos votos expressos; nas actuais eleições obtiveram 89 %. Se tivermos presente o carácter similar das opções propostas pelos dois partidos (similitude que permitiu a formação de uma «coligação governamental» que durou três anos), e a diferença puramente quantitativa e não qualitativa das respectivas práticas políticas, compreenderemos como, e em que termos, a possibilidade de escolha entre várias definições políticas diferenciadas, característica (ideal) da democracia, é, na Alemanha de hoje, um significado insignificante.*

3) O aparelho de Estado do capitalismo monopolista é totalitário. *O centro de decisão social e política não é fiscalizável pelo «cidadão» (e muito menos pelo produtor) os organismos de «representação popular» perderam a importância legislativa e política que noutras épocas tiveram, o próprio acto da eleição se encontra desvirtuado, em relação ao «modelo» democrático herdado da Revolução Francesa. A «livre» escolha está limitada a um conjunto de proposições de ordem técnica, quantitativa, definidas no interior de um mesmo sistema.*

Esse sistema pode assim abandonar e fustigar as vias extremistas de direita, radicadas numa «consciência de classe» que continua a pensar o presente e o futuro em termos de passado.

4) No interior deste círculo como podem as forças revolucionárias definir e praticar a sua política? *O P. C. alemão ocidental optou pela obtenção da legalização e pela aceitação do «jogo» da democracia. Não obteve nestas eleições os 5% de votos necessários à entrada no Bundestag. Os grupos de extrema-esquerda (a APO, oposição extraparlamentar), propõem a reconducção da luta aos locais de trabalho, a criação de um «poder paralelo». A denúncia do «jogo» eleitoral como tentativa de contenção da luta popular.*

AMADEU LOPES SABINO



Devlin — uma partida de estudantes

DEVLIN «RAPTADA» POR ESTUDANTES

LONDRES, 18 — (F. P.) — A Polícia de Nottingham abriu um inquérito devido a uma informação transmitida telefónicamente a uma agência de notícias, por um estudante desta cidade, segundo o qual a deputada católica Bernadette Devlin teria sido «raptada no final de uma reunião sobre os direitos cívicos.

« O «rapto» foi anunciado por um estudante de Nottingham, que telefonou para uma agência de Imprensa inglesa nestes termos: «Liberta-la-emos contra um resgate de 50 libras (3450 escudos) que serão entregue ás obras de caridade». E o estudante acrescentou: «Quando a raptámos, ficou primeiro surpreendida, depois muito zangada. Começou a dar-nos pontapés com força. Posso afirmá-lo porque também apanhei alguns. Em seguida, «miss» Devlin achou que o rapto tinha sido realizado por uma causa justa e aceitou o café que lhe oferecemos».

Em Nottingham, os estudantes costumam raptar as pessoas durante a «Rag Week» (que é observada em todas as Universidades britanicas). A «Rag Week» é uma semana durante a qual se pregam mentiras e partidas e também se «sequestram» pessoas. O dinheiro obtido com os «resgates» é sempre dado a obras de caridade.

Crise fulminante de rejeição

— causa provável da morte do padre Boulogne

PARIS, 18 — (F. P.) — A morte subita do padre Boulogne parece ter sido causada por uma crise de rejeição fulminante. Na ausência de explicação médica para o caso, parece ser esta a hipótese mais plusível até agora aventada. Contudo, é ainda muito cedo para se indicarem motivos definitivos. Os médicos do hospital Broussais decerto irão efectuar a autópsia para saberem o motivo exacto da morte do padre dominicano.

O padre Boulogne já tinha sido acometido por duas crises de rejeição, rápidamente dominadas, com o uso de soro antilinfocitário e de medicamentos imuno-repressivos. Tendo retomado uma vida normal e viajando em França e no estrangeiro, o padre dominicano abandonara no fim do Verão o hospital Broussais e dera entrada num convento. Levava uma vida muito activa, respondendo ao seu abundante correio, participando numa emissão semanal de Rádio e visitando os amigos. Parece, assim, que este doente — difícil de dominar devido á sua forte personalidade — se entregou a actividades excessivas para a sua condição de perpétuo convalescente. Contudo, estava sujeito a uma inspecção médica rigorosa e frequente: era examinado por um médico várias vezes por semana e tinha de se apresentar frequentemente no hospital para ser submetido a testes de rotina. Na cela do convento, onde se instalou depois de abandonar definitivamente o hospital, foi instalado um aparelho electrónico de aviso que, por intermédio de uma linha telefónica, mantinha o doente em contacto constante com o hospital.

Nacionalização da Gulf Oil na Bolívia

(Continuação da 1.ª página)

tura do decreto, assinado pelos 16 ministros do general Ovando.

Os cinco artigos do referido decreto decidem:

— O retorno ao estado boliviano das concessões outorgadas á Gulf Oil, assim como a nacionalização de todos os bens e do material da companhia.

— A ocupação imediata das instalações pelo Exército.

— A transferência da direcção técnica e comercial para peritos bolivianos.

— A criação de uma comissão especial dirigida pelo ministro das Minas e do Petróleo, a fim de estudar as modalidades das indemnizações.

Numa mensagem rádio-difundida, o general Ovando Candia explicou as razões que levaram a esta medida de nacionalização, afirmando que as concessões feitas á Gulf Oil e o contrato anteriormente existente lesaram gravemente os interesses nacionais.

EFECTUARAM-SE JÁ 150 ENXERTOS CARDÍACOS

PARIS, 18 — (F. P.) — Com o falecimento do padre Boulogne existem em França, apenas, dois sobreviventes dos dez casos já tentados no país. O mais antigo é agora um operário espanhol, José Flores, operado em 24 de Novembro do ano passado, no mesmo hospital onde fora operado o padre Boulogne. Segundo informações provenientes de membros da equipa Dubost, este paciente acusa já alguns sinais de tentativa de rejeição. O outro sobrevivente é um marselhês, Emanuel Vitria, operado a 28 de Novembro em Marselha.

Foram efectuadas, até á data, 150 operações de transplantação cardíaca no mundo, sendo o mais antigo sobrevivente actual o americano Jurgens, operado em 22 de Julho de 1968.

Com a morte do padre francês, o «record» de sobrevivência continua a pertencer ao dr. Philip Blaiberg, o unico paciente que conseguiu sobreviver 18 meses e meio a transplantação cardiaca.

Aumenta de preço o Jornal «Times»

LONDRES, 18 — (F. P.) — O «Times» aumenta o seu preço na segunda-feira, passando de seis dinheiros (1 escudo e 80 centavos) para 8 dinheiros (2 escudos e 30 centavos).

Em Dezembro do ano passado o actual proprietário «Lord» Thomson tinha declarado que embora a tiragem do «Times» tivesse dobrado entre 1966 e 1968 o jornal «perdia cada vez mais dinheiro».

A SOYUZ-8 ATERROU

MOSCOVO, 18 — (F. P. e R.) — Chegou á Terra a sonda soviética Soyuz-8, terminando assim uma missão espacial em que entraram três cápsulas e sete cosmonautas — anuncia Rádio Moscovo.

Os dois cosmonautas Shatalov e Elisseiev, que se encontravam a bordo da Soyuz-8, foram recebidos, depois da sua aterragem suave, ás 12 e 10 horas locais, na região prevista de Karaganda, pelas autoridades locais e pelos jornalistas. Encontram-se de boa saude.

sr. automobilista!

Se vai para o **ALGARVE** assegure a sua instalação e do seu carro no,

MOTEL ALAGOAS

Lugar belo, cómodo, decorado segundo as características da região, com boa cozinha e preços acessiveis a 5 Km. da Praia do Carvoeiro.
MARCAÇÕES EM LISBOA: — Av. Infante Santo, 56-A — Telef. 661036-661069 e 672953
A sua saúde vale como um sólido investimento a favor do capital da sua vida defenda-a, descansando.

«MOTEL ALAGOAS» — Estrada Nacional, N.º 125 Tel. 149 e 168 LAGOA Algarve

motel alagoas

Humberto Rodrigues Alves

FALECEU

Margarida Maria Gomes Alves, seus Pais, Sogros, Irmãos, Cunhados, Sobrinhos, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido Marido, Filho, Genro, Irmão, Cunhado, e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja da Boa Hora para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA MIGUÉIS
Calçada da Boa Hora, 216-218
Telefs. 637567 - 641835

AMANHÃ — **I Programa** — Às 12 e 30: Abertura e Missa de Domingo; 13 e 5: Dia do Senhor; 13 e 30: Musica e artistas; 14 e 5: Série Juvenil; 15: Telejornal; 15 e 10: Desenhos animados; 15 e 35: Tarde de cinema; 16 e 50: TV Educativa; 17 e 15: Domingo desportivo; 17 e 30: Programa infantil; 18 e 25: Folclore; 18 e 50: TV Rural; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Expedição; 20 e 15: Se bem me lembro; 20 e 30: Concerto; 20 e 55: Domingos da Europa; 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: Folhetim; 22 e 40: Tele-Ritmo; 23 e 50: Domingo desportivo; 0 e 15: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 5: Recital; 22 e 25: Tunel do Tempo; 23 e 20: TV Clube; 23 e 45: Fecho

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

Momento de Decoração

France de Vasconcellos regressa ao pequeno «écran», passada a ausência habitual do período estival, com o seu programa de decoração, apresentado logo após a emissão de «Nós as Mulheres».

O título do programa, que era «Harmonia e Bom Gosto», passou agora a ser «Momento de Decoração».

Especialmente dirigido ás senhoras, «Momento de Decoração» estará «no ar», quinzenalmente, nas tardes de sábado.

II PROGRAMA
Riso e Ritmo

Já apresentado no I Programa, em 11.9.69, é hoje repetido, no emissor de V. H. F., o programa Riso e Ritmo, que ocupa toda a emissão nocturna.

«Os invasores»

«Os invasores» é uma série que, em 1968, obteve estrondoso êxito na vizinha Espanha, e que apareceu agora na R. T. P., a par de outras emissoras da TV europeias. No episódio desta noite, a exibir pelas 23 e 5, intitulado «Genesis», veremos Roy Thinnes, John Larch, Carol Rossen e Frank Overton.

«O polícia Hal, numa praia deserta, manda abrir o porta-bagagem dum carro, e, o que vê, é tão pavoroso, que fica em estado de choque e á beira da loucura. O arquitecto David Vincenti está convencido de que seres de outros planetas estão a invadir a Terra, pois ele foi vítima de uma experiência dessas. Tenta contactar com o polícia Hal, mas...»

Programa infantil

Pelas 16 horas é apresentado mais um programa infantil da nova série, coordenado por Maria do Sameiro Souto. Inclui o filme britânico para crianças «Trinpton», traduzido e adaptado por Maria Cândida Mendonça e uma rubrica com texto e apresentação de Maria Fernanda Cabral.

TV CLUBE COM TONICHA

Cerca das 22 e 40, «TV Clube» apresenta a cançonetista Tonicha, numa nova faceta da sua carreira como intérprete de folclore. Acompanhada pelo conjunto de António Luís Gomes, Raul Silva e Hélder Nery, Tonicha canta «Vira da Rapioca», «Maria Rita», «Erva Cidreira», «Saudade, Saudadinha», «Rapsódia de Cantares Alentejanos», «Vira dos Malmequeres» e «Resineiro Engraçado».

Tonicha

«As aventuras de Seaspray»
«Viagem perigosa»

A série juvenil «As Aventuras de Seaspray», exibida pelas 19 e 45 tem por título «Viagem Perigosa» e como intérpretes os habituais Walter Brown, Bob Haddow, David Voston, June Campbell e Ray Cairdl. «Janet, uma viuva, propõe a Dan Wells e a seus filhos, levarem-lhe um rebanho de três mil cabeças até Oamaru, afim de ser vendido, caso contrário ficará arruinada...

NOITE DE ÓPERA

Realizada pela O. R. F. para a Eurovisão, a R. T. P. transmite, pelas 20 e 25, a obra de Mozart «Bastien e Bastienne», ópera que esteve integrada no Festival de Salzburgo. Apresentação de João de Freitas Branco.

Bastien und Bastienne

Personagens e intérpretes:

Bastien ..... Thumas Lehrberger
Bastienne.... Ileana Cotrubas
Cola ..... Peter Van der Bict

Argumento:

«A infeliz «Bastienne» lamenta a sua triste sorte. «Bastien» abandonara-a, e nada poderá trazer alívio ao amargurado coração da donzela. «Cola», o feiticeiro, ao ver «Bastienne» chorosa e triste, adivinha logo o que se passa, e propõe-se ajudá-la com as suas artes mágicas. A moça conta-lhe, então, que o namorado se deixara enfeitiçar por uma dama do castelo. Poderá ela reconquistar o seu coração? Como

Mozart hoje na TV

não tem dinheiro para pagar ao bruxo, está disposta a dar-lhe os seus brincos — que são de ouro fino! Mas o feiticeiro contentar-se-ia com um beijo de «Bastienne». «Cola» ouve com atenção as queixas da pobre rapariga. Ela dedicara-lhe todo o seu amor, e o tratante esquecera tudo e deixara-a. Nada de exageros, diz-lhe o feiticeiro, «Bastien» ainda gosta dela. Fora, sómente, um pouco leviano; portanto, o que convinha era mudar de táctica. Daí por diante, «Bastienne» teria de fingir indiferença, aguçar-lhe o ciúme. A rapariga promete seguir os seus conselhos e manifesta a sua alegria ao pensar que tudo acabará em bem.

«Cola» fica só. Aguarda a chegada de «Bastien» e surpreende-o com a notícia que já anda de boca em boca: «Bastienne» não gosta dele. Arranjou outro namorado. «Bastien» nem quer crer no que ouve, mas, ante a insistência do feiticeiro, fica inquieto. Oh!, que saudades da sua «Bastienne». Que tonto ele fora. Tudo perdido, assegura-lhe o bruxo. Ela agora morre de amores por um lindo rapaz, alto, varonil e encantador. E «Bastien» quer, por força, saber como conseguirá reconquistar a sua namorada. Pede-lhe que, com as suas artes, «Cola» os aproxime um do outro. O bruxo responde-lhe que fará o possível. Dentro de instantes poderá ver a sua linda «Bastienne». «Bastien» e «Bastienne» estarão novamente juntos. Mas, como continuam zangados, fingem não se conhecer. A situação é hàbilmente aproveitada por ambos para mùtuamente darem a impressão de que já não se amam. Mas a comédia não dura muito, e acabam por cair nos braços um do outro, ante a satisfação de «Cola», que, finalmente, conseguiu reconciliar os dois namorados.»

Do autor:

Mozart contava 12 anos quando o dr. António Mesmer lhe encomendou uma ópera miniatura. Essa encomenda proporcionou a Mozart uma alegria enorme.

Favart escreveu uma paródia a um «Intermezzo» de Rousscau. E foi precisamente sobre esta versão de Favart que Mozart compôs «Bastien und Bastienne», estreada no ano de 1768, no jardim da casa do dr. Masmer, em Viena.

canal da crítica

O TOM EXACTO, O CONTEÚDO INGRATO

Antigamente, o «Estúdio C» vinha à cabeça na hierarquia do cançonetismo televisiaudível. Era comprido, bem enfeitado e ocupava-se geralmente de uma única personagem. Lá tivemos Amália, Simone e Rui de Mascarenhas, para citarmos apenas três estrelas da constelação comercial. Lá os tivemos, um de cada vez, está claro.

Pois nos tempos actuais, «Estúdio C» baixou de patente. Agora equivale aos TV Clubes **de rotina, consumidos por um ou vários das segundas linhas, das reservas cançoneteiras.**

No «Estúdio C» de ontem cantou Paulo de Carvalho. Diga-se já que estamos na presença do cançonetista que melhor até hoje, na televisão, soube entender o tom de voz que se casa com a maneira de comunicar que é o veículo televisivo. Ele não grita como a maioria dos nossos cançonetistas, não se dirige ás muitas pessoa de um recinto ou casa de espectáculos. Paulo de Carvalho está ao pé de nós, na nossa casa, na nossa pequena sala de uma habitação de renda limitada. Há que guardar o maior silêncio para não se perder uma palavra, uma inflexão. A linha melódica é extremamente simples, quase não existe senão na medida em que os versos poderão dizer-se cantados — e não apenas ditos.

Claro que uma voz assim teria de alargar um clima de intimidade através de frases, de versos, de poemas dirigidos de pessoa a pessoa. Se Paulo de Carvalho prefere *contar*, em vez de *cantar*, os seus poemas deviam *dizer* e não apregoar.

Tal não acontece, e o desfasamento torna-se inevitável. Existe nítido desequilíbrio, por exemplo, entre esta voz que fala, para outras pessoas, com intimidade, versos tão impessoais como: *«De novo regressámos á aventura/de descobrir em nós rumos antigos/De novo a alvorada tem o ritmo/de cânticos guerreiros despertados».*

(Continua na pág.ª seguinte»

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Fim-de-semana; 18: Noticiário; 18 e 05: Musica de filmes; 18 e 15: Emissão Infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas Pop; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 40: 16.º Episódio do Folhetim «O Grande Industrial»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: A Orquestra Paul Mauriat; 21 e 40: Um espectáculo de variedades; 22 e 30: Poesia, Musica e Sonho, por Miguel Trigueiros; 22 e 50: O saxofonista Fausto Papetti; 23 e 05: Programa da noite; 2: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 22: O maestro George Szell — «Sinfonia Doméstica» (Strauss) — Orquestra de Cleveland; 17 e 15: Trio N.º 7 em si bemol maior op. 97 (Beethoven) —Leonide Kogan (violino)—Mstislav Rostropovitch (violoncelo) — Emile Guillels (piano); 18: Espelho de Mil Faces, por António Manuel Couto Viana; 8 e 20: Arias Ciganas (Sarasate) — violino: Artur Grumiaux. Ao piano: Istvan Haydu; 18 e 30: Concertos da Emissora Nacional: 2.º Concerto da Série, em que tomam parte a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional dirigida por Silva Pereira e a pianista Gina Bachauer; 20 e 45: Solos de Cravo, por Albert Fuller; 21: Concerto preenchido com obras de Händel, Telemann e Mozart; 21 e 34: Solos de viola dedilhada por André Segovia; 21 e 45: O Gosto pela Musica, pelo dr João de Freitas Branco; 22 e 15: Musica Coral Sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa (MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica sinfónica; Orquestra de Filadélfia dirigida por Eugene Ormandy, Orquestra Filarmónica de Berlim dirigida por Jerzy Semkov; 23 e 50: Sonata n.º 6, em mi maior op 1 n.º 15 para violino e cravo (Haendel), Arthur Grumiaux (violino) — Robert Veyron-Lacroix (cravo); 0 h.: Festival de Viena de 1969 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Austríaca; 1: Fecho

RÁDIO UNIVERSIDADE—Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Conversando; 19 e 30: Noticiário; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Conjuntos instrumentais; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Robbialac; 19 e 30: Teatro Trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 17: Momento ABC; 20 e 22: Uma orquestra famosa; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08 Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16: Da Philips para si; 16 e 15: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Presença Singer; 19: Noticiário, 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Conjunto; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Viagens na nossa terra; 21 e 45: Hora Luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 20: Nota do dia, noticiário; e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Verdade e vida; 21 e 30: Musica para seu fim-de-semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

CRESCEMOS PENSANDO EM SI...

A REBOLEIRA É HOJE UMA REALIDADE

Um aspecto de parte da Reboleira construída por J PIMENTA, S. A. R. L.

Entrámos na 3.ª Fase da Reboleira e com ela a construção da Piscina e Zona Desportiva mais cerca de 1.000 fogos vão ser construídos na Reboleira por J. PIMENTA, S. A. R. L.

Multiplicando os diversos tipos de andares e apartamentos, para lhe poder oferecer aquele que corresponde aos seus desejos e necessidades.

Habitações com o máximo conforto. Valorização segura do seu capital.

Rendimento de 6 a 10% garantido de 6 a 18 anos, à escolha do cliente, por escritura pública. 190 Contos rendem-lhe 1.187$50 Mensais (administrando directamente este rendimento pode subir para 1.437$50, superior a 9%

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baía)

Propriedades à venda em: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS, LISBOA

LISBOA — R. Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Telefs. 45843 e 47843; QUELUZ — R. D Maria I, 30 — Telefs. 952021 - 952022; AMADORA — Reboleira — Telef. 933670

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Déz. 65=100)

	10/10/69	17/10/69	Desvio %
GERAL	141,8	141,4	—0,3
METROPOLITANAS	136,4	135,5	—0,7
Bancárias	230,3	225,4	—2,1
Eléctricas	93,7	93,6	—0,1
Industriais	124,4	124,8	+0,3
Diversas	148,5	148,5	0
ULTRAMARINAS	181,6	184,6	+1,7
Angolanas	187,3	190,4	+1,7
Moçambicanas	116,3	118,0	+1,5

Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 194/69

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Av. 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente á «EMPREITADA N.º 225/69 — CONSTRUÇÃO DO MURO DE SUPORTE NO TALUDE DA ESTRADA MILITAR JUNTO ÀS TRASEIRAS DOS LOTES 1 A 5 DO IMPASSE E», com a base de licitação de 894.050$00.

(Processo n.º 120/69/CP/ /DSTE).

O depósito provisório é de 22.351$30 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do art.º 6.º do programa do concurso público acima referido.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 10.396, de 15/10/969.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras públicas na I Categoria (Construção Civil), 1.ª Classe ou superior.

A abertura das propostas realiza-se ás 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 15 de Outubro de 1969.

O PRESIDENTE

António Vitorino França Borges

«Operação Saudade»

No âmbito da «Operação Saudade», chegou ontem a Lisboa o marinheiro fuzileiro António José de Brito, de Algoz (Algarve), que cumpre serviço na Guiné.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuaç.º da pág. anterior)

A qualidade dos versos cantados por Paulo de Carvalho ensopados de romantismo (não faltou a «*alma de bréu...*») ou de ambiguidade (aquela «*aventura de descobrir em nós rumos antigos*» não será antes uma «desventura»?) dizia eu que a qualidade dos versos não me parece famosa, com expressões de mau gosto que ficam mal no tom coloquial, inegávelmente bem conseguido, de Paulo de Carvalho.

DEPARTAMENTO S

Nesta série estava marcado o «*Assalto ao vagão-cisterna*» para o dia 24. O assalto deu-se com uma semana de antecipação, a provar o grau de eficiência em que se desenvolvem as relações entre os ralizadores e os eternamente frustrados assaltantes de.

Escusado será dizer que a série é de origem britânica. Não podia deixar de ser. Depois do assalto ao vagão dos correios, tudo quanto se relacione com o roubo da ordem dos milhões, tem de vir marcado pelo selo da insularidade. na Inglaterra, o frio é tanto que os ladrões só se aquecem verdadeiramente á fogueira dos milhões.

Eles sabem, portanto, por experiência própria, que os grandes feitos no mundo dos assaltos só são possíveis com a existência de uma organização. Ontem lá tivemos, pois, uma quadrilha a reservar para si um carregamento de lingotes de ouro com cheirinho a «apartheid», pois eram provenientes da África do Sul. Tudo falhou porque um elemento feminino da quadrilha destemperou a língua com um desconhecido — e esse desconhecido era da polícia...

Algumas ingenuidades (como aquela da entrada do vagão-cisterna no aeroporto...) são características destas séries destinadas ao consumo de um público cuja pouca exigência se aproveita para o tornar cada vez menos exigente. Tudo a bem, está claro, do puro entretenimento...

MÁRIO CASTRIM

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém

Para os devidos efeitos se comunica que, durante vinte dias, se encontra aberto concurso para o preenchimento de vaga de

AUXILIAR DE ENFERMAGEM

existente no quadro de pessoal de enfermagem do Posto Clínico desta Caixa no Cartaxo.

As interessadas poderão dirigir-se aos Serviços Centrais da Caixa em Santarém, onde serão prestados os esclarecimentos que necessitarem.

Santarém, 13 de Outubro de 1969.

O Presidente da Direcção

FÁBRICA DE PELES ESTRELA M.L.

MARTINHO, LDA.

Apresenta a

GRANDE NOVIDADE PARA HOMENS E SENHORAS

* casacos DUBLE-FACE

Modelos inéditos

*

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

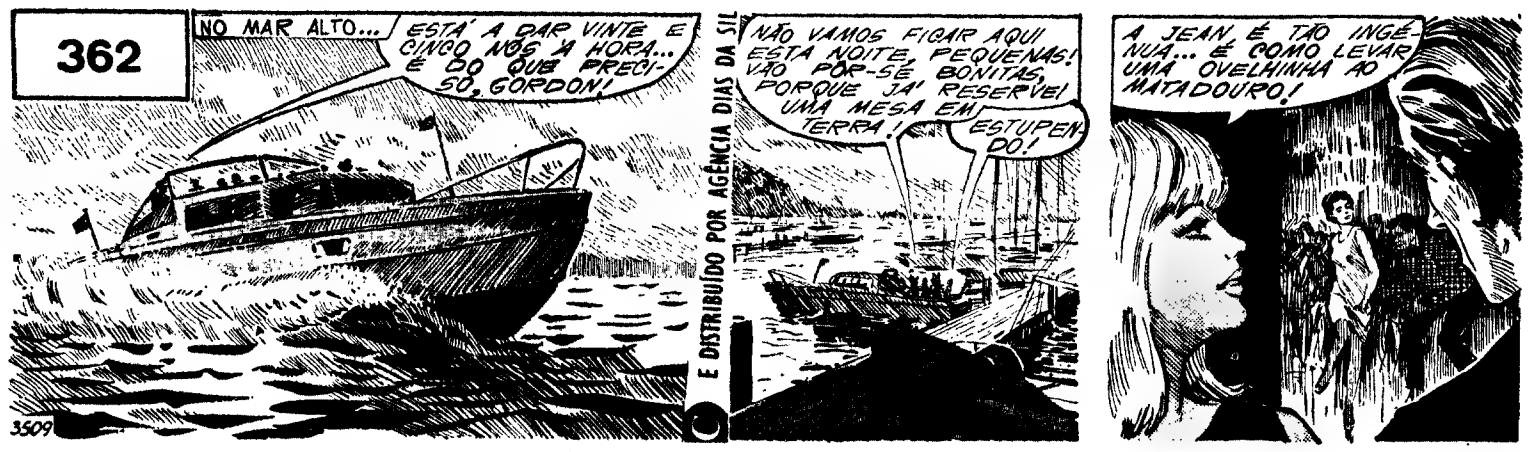
Est. de Benfica, 382-A LISBOA

FERGUSON

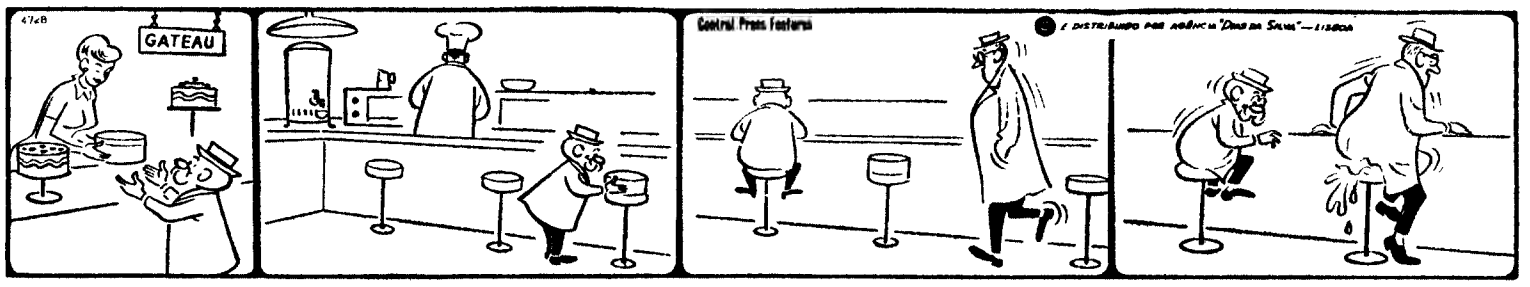
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

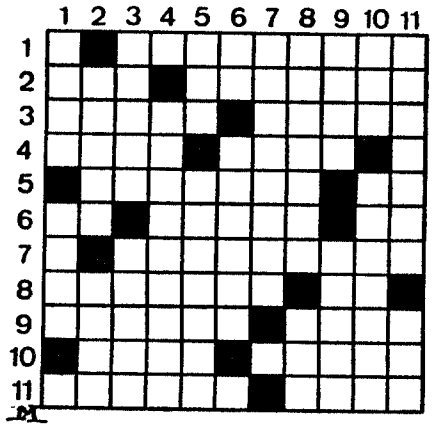
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5331

HORIZONTAIS: 1 — Toldados 2 — Víscera Concreção pétrea 3 — De um ano Varão 4 — Irmã Senhora 5 — Freguesia de Lisboa, num dos seus limites. Símbolo químico do bromo. 6 — Porco. Compositor musical francês, autor de várias óperas, entre as quais «A Arlesiana» Batráquio 7 — Medida com que se regula o carregamento, a capacidade ou o deslocamento dos navios. 8 — Dizia respeito. Quarto 9 — Capital do Estado de Amazonas (Brasil) Naipe das cartas de jogar 10 — Embarcação de recreio sem recursos — Indício Tânger

VERTICAIS: 1 — Lavram Retinam 2 — Primeiro rei lendário de Argos, filho do Oceano e de Tétis (mit.) Esses 3 — Evola-se Banheiras 4 — Sal resultante do ácido carbónico 5 — Repercussão do som Pessoa alguma 6 — Caminhe Pronuncias. 7 — Lance de olhos 8 — Ataque Colocou. 9 — Designação do antigo parlamento russo. Cabo na costa de Cabinda (Angola) 10 — Olá! Valentia. 11 — Leves noções Ente.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5330

HORIZONTAIS: 1 — Retrocedera 2 — Exaurir. Ser 3 — CÁ, Iça E. LÁ. 4 — Arimo Andar 5 — MÁS. Uredo 6 — Brio. Orobos. 7 — Ias. Ilesa 8 — FADAS Om 9 — Devota Orle 10 — Ateneu HÁ 11 — Ciosas Dor

VERTICAIS: 1 — Recambiado 2 — Exarara 3 — Tá. Isis. Vai 4 — Ruim. Foto. 5 — Orçou Iates. 6 — Cia. Roldana. 7 — Er. Aérea. És 8 — Endossou. 9 — És. Doba. 10 — Rela Olho 11 — Arar. Semear.

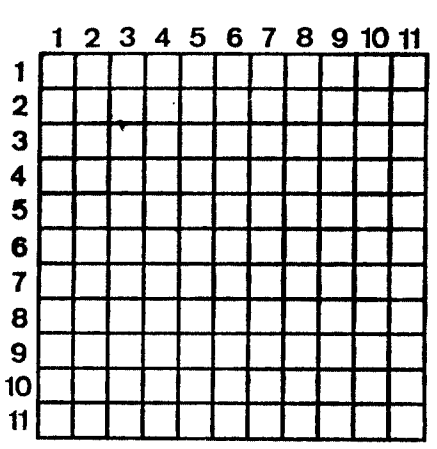
(Provérbio: CÁ E LÁ MÁS FADAS HÁ).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9174

HORIZONTAIS: 1 — Eventualidade. Vila e concelho do distrito de Castelo Branco. 2 — Nome de dois antigos pequenos condados da Alemanha Numeral 3 — Fecha as asas para descer mais depressa Colocar Magnete natural. 4 — Sufixo que designa estado Lugar da freguesia de Santo António dos Olivais, concelho de Coimbra Letra grega (Inv.) 5 — Gorgulhos tropicais Fora para fora. 6 — Érbio (s. q.). Prefixo de negação. 7 — Quebre Arma curta um pouco maior do que o punhal 8 — Prefixo de privação. Campo de discussão. Troça 9 — Rato. Gavinha Oceano 10 — Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Espécie de roupão abotoado na frente. 11 — Capatão (peixe e pl.) Espécie de bergantim

VERTICAIS: 1 — Esmonca Cidade de França 2 — Cidade do Egipto. Que tem muitos anos 3 — Fileira Raer Seguram 4 — Samário (s. q.). Talho Letra grega 5 — Patas Medida de superfície 6 — Lista Pronome pessoal 7 — Chefe etíope. Espaço de doze meses 8 — Pertences. Venda Bario (s. q.). 9 — Monarca. Ilha do estado da Baía, Brasil. Doença 10 — Província portuguesa na Oceânia. Agradecida. 11 — Guarnecera de asas Espécie de andorinha



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9173

HORIZONTAIS: 1 — Curta. Fulvo. 2 — Amais. Irias 3 — Rampa Arais. 4 — Aos. Mar. 5 — Avis. Sais. 6 — És Roi. Sr. 7 — Em. Celta. Ab. 8 — Palmada. 9 — Cia Ias Imã. 10 — Oriá. Idas. 11 — Lasca. Prata.

VERTICAIS: 1 — Carta. Escol. 2 — Uma. Vem. Ira. 3 — Ramais. Pais. 4 — Tipos. Ca. AC. 5 — Asas. Reli. 6 — Dolman. 7 — Fiam. Itas. 8 — Urros. Ad Ir. 9 — Liaras. Aida. 10 — Vaim. Irá Mat. 11 — Osseos. Brasa.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 18 de Outubro de 1939 publicava:

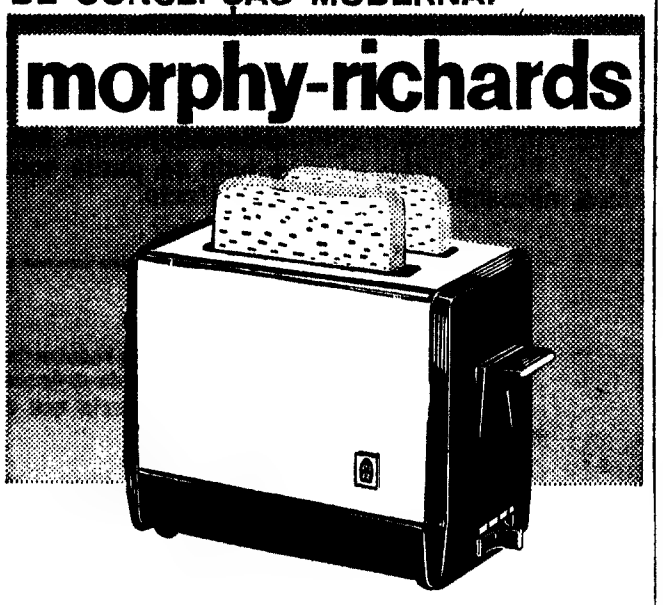
«LONDRES, 18 — Sabe-se que o paquete inglês «City of Mandaly» foi afundado, no Atlântico, por um submarino alemão.

☆

«O Almirantado anuncia que o número total de sobreviventes do «Royal Oak» é de 424 e que o de mortos é 810.»

TORRADEIRA DE DISPARO AUTOMÁTICO DE CONCEPÇÃO MODERNA.

morphy-richards



MODÊLO ATR.

- Regulação a seu gosto do grau de tostagem.
- Desliga automàticamente elevando simultâneamente as torradas.
- Tabuleiro de migalhas de fácil limpeza.

REPRESENTANTES:
SOC. de REP. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 · LISBOA

CURSOS RÁPIDOS DE MECANOGRAFIA
EFICEX KIENZLE
AV. JOÃO XXI, 4-A
TEL. 72 61 05 LISBOA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

PROMO

VERDADEIRA alta fidelidade para os verdadeiros apreciadores

Celestion
Altifalantes de alta fidelidade

Farfisa graph
Gravadores de alta fidelidade e profissionais

Garrard
Gira-discos de alta fidelidade

MICRO
Braços de alta fidelidade para gira-discos

PIONEER
Gravadores - Tuners e Amplificadores "Stereo", Altifalantes e Colunas de alta fidelidade

Selmer
Amplificadores e Altifalantes para Guitarras e Violas baixo e para conjuntos musicais

SHURE
Células para braços de gira-discos

RUALDO
TUDO PARA ELECTRÓNICA, ACESSÓRIOS RÁDIO E TV
R. D. José, 9-11-13-15 LISBOA-2
TELEFONE PPC 3 37 25

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Quem trabalha tem crédito

Proponha à sua Empresa que pague, por cheque, o seu ordenado

Uma **conta-ordenado** Sotto Mayor tem muitas vantagens, tanto para o seu patrão como para si.

Em vez de receber o ordenado em dinheiro, faça-o transferir para uma conta junto do Banco Pinto e Sotto Mayor. O seu patrão ficará satisfeito com a sugestão, pois o seu trabalho encontrar-se-á simplificado. Mas, sobretudo, é Você que vai lucrar com a **conta-ordenado** Sotto Mayor.

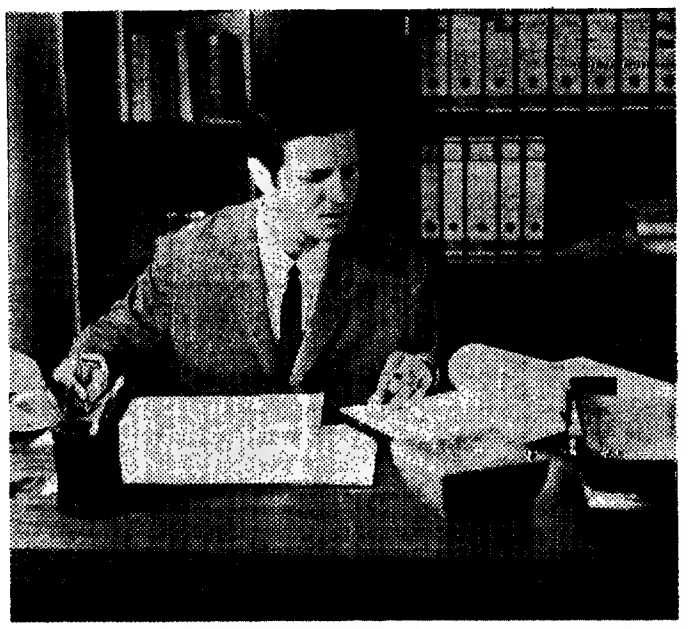
O seu ordenado vai trazer-lhe juros: — o máximo consentido por lei.

Não será nos primeiros dias que vai gastar todo o seu dinheiro. No começo tem na sua conta somas ainda consideráveis e também as reservas que constituem provisão para grandes despesas futuras, como férias, impostos, etc... Pense no valor que isto representa! Não é preferível que o seu ordenado frutifique no Banco, em vez de dormir inùtilmente em sua casa?

A **conta-ordenado** tem ainda as grandes vantagens seguintes:

CRÉDITOS SEM QUAISQUER FORMALIDADES:

Se, por qualquer razão, necessitar de uma



quantia maior do que aquela que em saldo figura na sua conta, beneficiará automàticamente do nosso crédito.

Sem autorização especial, sacará para além do montante disponível, até quantia equivalente à do seu ordenado mensal. Não há propostas nem solicitações, e tudo se passa com rapidez, facilidade e em total confidência.

Vai dispor, assim, fàcilmente de quantia que necessita.

FACILIDADES DIVERSAS

Uma **conta-ordenado** Sotto Mayor não lhe vai complicar a vida, pelo contrário, vai facilitá-la.

Através de instruções suas, há toda uma gama de facturas mensais que podemos pagar: a sua renda, as suas contas de telefone, água, luz, seguros, qualquer prestação, etc. Enfim, todos estes e outros pagamentos regulares cujas datas de vencimentos obrigam — para além de uma atenção constante — a estar em casa "à espera" dos cobradores ou a andar de "guichet" em "guichet", fazendo as liquidações.

Liberte-se dessas preocupações!

Endosse-as ao Banco Pinto & Sotto Mayor...

SEGURO AUTOMÁTICO

E lembre-se ainda que todos os titulares de contas gozam de um Seguro de Acidentes Pessoais.

E agora, não pensa que devia ir já falar com o seu patrão, acerca desta **conta-ordenado**?

Desejo receber informações detalhadas àcerca da conta-ordenado Sotto Mayor.
Agradecia que me enviassem o vosso prospecto.

Nome _____

_____

Morada _____

_____

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

RUA ÁUREA N.º 18

conta ordenado

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«NACIONAIS» DE FUTEBOL

SPORTING - F. C. PORTO
—ROMARIA A ALVALADE

O «Nacional» da I Divisão prossegue amanhã. Jogos da 5.ª jornada, com começo ás 15 horas. São os seguintes:

V. Setúbal (4 pontos)-União de Tomar (5); Sp. Braga (4)-Barreirense (2); Sporting (8)-F. C. Porto (4); Boavista (3)-Varzim (4); C. U. F. (4)-Benfica (6); Académica (3)-V. Guimarães (3) e Leixões (2)-Belenenses (4).

Grande atractivo da jornada: Sporting-F. C. Porto. Favoritos: os «leões». Um favoritismo que põe em sobressalto os portistas, que mais atrasados ficarão na tabela classificativa, caso percam. Quem sabe se um atraso irremediável. Portanto, luta emotiva em perspectiva. Mas todos os outros encontros se revestem, também, de atractivos Teremos, pois, uma jornada para todos os gostos e paladares.

*

Os jogos de amanhã, relativos á II Divisão, são os seguintes:

ZONA NORTE — Salgueiros (5 pontos)-Tirsense (5); União de Lamas (3)-Sanjoanense (6); Desp Gouveia (4)-Beira-Mar (5); Torres Novas (4)-Famalicão (5); Penafiel (1)-Ac. Viseu (3); Marinhense (4)-Leça (4) e Vizela (4)-Sp. Espinho (3).

ZONA SUL — Torriense (6)-Seixal (4); Atlético (4)-Farense (5); Montijo (4)-Portimonense (6); Lus. Évora (1)-Oriental (6); Sesimbra (4)-Peniche (6); Tramagal (3)-Sintrense (3) e Luso (2)-União de Santarém (1).

Jornada inquietante para os «leaders».

*

Prossegue, também, amanhã, o «Nacional» da III Divisão, com os seguintes jogos, relativos á segunda jornada:

ZONA A — Limianos-Chaves, Gil Vicente-Avintes, Mirandela-Régua, S. Pedro da Cova-Fafe, Riopele-Torre de Moncorvo, Sp. Lamego-Bragança, Vila Real-Vianense e Rio Ave-Aves

ZONA B — Feirense-Gonçalense, Sp. Covilhã-Vale-cambrense, Guarda-Penalva do Castelo, Marialvas-S. C. Alba, Lusitano-Pinhelenses, União Coimbra-Celoricense, Oliveirense-Lusitânia e Mortágua-Ala-Arriba.

ZONA C — Calipolense-S. C. Estrela, União Leiria-Nazarenos, Alhandra-Odivelas, Sacavenense-Almeirim, Ferroviários-Castelo Branco, Naval 1.º de Maio-Casa Pia, Portalegrense-Estoril-Praia e Caldas S. C.-Alcanenense.

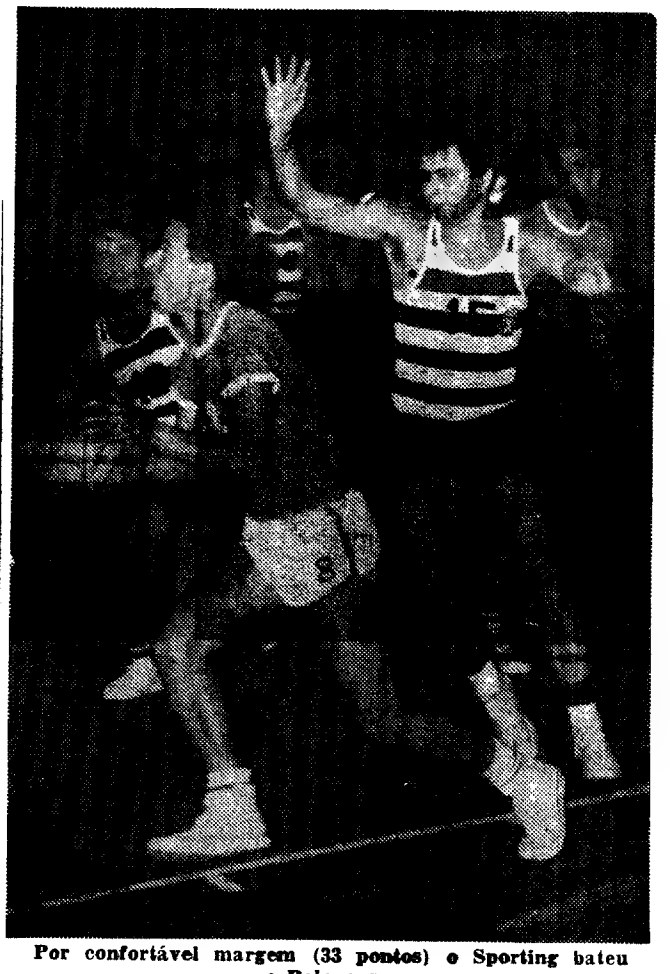
ZONA D — Aljustrelense-Juventude Vasco da Gama-Almada, U Algés-Faro e Benfica União de Montemor-Olhanense, Cova da Piedade-Grandolense, Silves-Lusitano e Amora-Desp. Beja.

Todos os jogos começam ás 15 horas, á excepção dos seguintes: Alhandra-Odivelas (16 horas), Ferroviários-Castelo Branco (14 horas) e U. Algés-Faro e Benfica (11 horas)

Já não há Portugal-Rodésia

Sob a alegação de que a sua equipa de «esperanças» prefere efectuar partidas no Extremo Oriente, a Federação Rodesiana de Futebol acaba de cancelar o jogo com Portugal, previsto há longo tempo para o próximo dia 2 de Novembro, em Lisboa.

A Federação Portuguesa está a envidar todos os esforços para conseguir uma formação que substitua os rodesianos.



Por confortável margem (33 pontos) o Sporting bateu o Belenenses

TÉNIS DE MESA

ALEMANHA E JUGOSLÁVIA
são finalistas do Torneio Internacional

Confirmaram-se as previsões quanto aos resultados dos dois encontros da primeira jornada do Torneio Internacional de Ténis de Mesa, que ontem principiou sob organização da Federação Portuguesa, com o propósito de assinalar a passagem do seu 25.º aniversário.

Com inegáveis condições de agrado, até porque os portugueses têm, desde há bastante tempo andado afastados de competições internacionais, o torneio não mereceu (pelo menos ontem) o interesse do publico.

Pouca gente (relativamente) viu, portanto, em acção os jogadores jugoslavos, alemães e espanhóis, que representaram os seus países, os primeiros dos quais se exibiram com maior agrado do que os restantes, o que não quer dizer que os restantes decepcionassem. É, até, crível que os alemães não tenham fornecido medida exacta das suas possibilidades, na medida em que não foram forçados a empregar-se a fundo para não serem surpreendidos pelos portugueses.

Destes, pode dizer-se que corresponderam ao que se poderia esperar, considerando a sua prolongada ausência de competições internacionais e, ainda, o facto da época de 1969-70 ainda não ter principiado.

Dos espanhóis deve dizer-se que não formaram a melhor representação da nação vizinha, dada a ausência de Palés.

Ficou a impressão de que os encontros de hoje á noite, correspondendo ás previsões (Portugal e Espanha disputam o terceiro lugar e Jugoslávia e Alemanha jogam para o primeiro lugar) serão bastante agradáveis de seguir.

A vitória (3-0) da Jugoslávia sobre a Espanha foi obtida através does seguintes resultados técnicos: Surbeck v. Sahis, por 21-12, 21-6 e 21-13; Cordas v. Olivar, por 24-22, 21-13 e 21-12; Surbeck/Cordas v. Sahis/Olivar, por 21-9, 21-9 e 21-15.

O êxito 13-0 da Alemanha sobre Portugal resultou dos resultados seguintes:

Lieck v. João Rui, por 21-15, 21-12 e 21-17; Ness v. Delfim Soares, por 21-15, 22-20 e 21-15; Lieck/Ness v. Miguel Costa/J. Alvoeiro, por 21-14, 21-10 e 21-18.

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

BENFICA: NOVA DERROTA AGORA FRENTE AO ALGÉS

Realizou-se a terceira jornada do campeonato regional de basquetebol da (Divisão de Honra). No jogo considerado o mais importante, o Algés venceu o Benfica, que assim averbou a sua segunda derrota na prova em curso. Por sua vez, o Algés confirmou o favoritismo que se lhe atribuía, perante um Benfica desfalcado e, ainda, com a agravante de no encontro de ontem ter sofrido a expulsão do seu jogador Simões. Nos restantes jogos, Sporting e Nacional não tiveram problemas perante os seus opositores: *Belenenses e Cif*, respectivamente. No encontro que colocou frente-a-frente Atlético e Ateneu registou-se equilíbrio constante do marcador. A vitória que parecia pela primeira vez não fugir aos «acelistas», acabou por sorrir aos «alcantarenses», por dois pontos (e no ultimo segundo da partida...) mercê de um rasgo individual de Lourenço.

As equipas

NACIONAL (68) — Alfredo (17), Rogério (16), Lavin (5), «Beto» (11), Ferreira (11, Sérgio (7) e Leite (1).

CIF (52) — Francisco Correia (8), Julio (5), H. Silva (8), C. Correia (10), Martins (19), Sérgio (2) e Ferreira.

SPORTING (79)—José Mário (14), José Augusto, Sousa (3), Sobreiro (8), Monteiro (29) Encarnação (15), Guimarães (2) e Ernesto (8).

BELENENSES (46) — Abel (7), Freixo (9), Monteiro (18), Ribeiro (2), Teixeira (4), Moura (4), Samuel e Barata (2).

BENFICA (57). — Simões (19), Julio Campos (9), José Alberto (16), Armindo (2), Abel (10), Amador (1), Martins e Ramos.

ALGÉS (62) — Tiago (22), Rui Freitas (9), José Paulo (6), «Beto» (9), Jorge (3), Freixo (13) e Vítor.

ATLÉTICO (55 — Areias (5), Alfredo (23), Lourenço (12), Martins (5), Barroso (5), Jorge Lima (8), e Carrondo (2).

ATENEU (53) — Rogério (8), Nelson (10), Pires (10), Carvalho (8), Fernandes (9) e Baptista (8).

QUATRO CLUBES NO COMANDO DO REGIONAL DE HÓQUEI

Disputaram-se, ontem, mais três jogos atrasados do campeonato de hóquei em patins, da Associação de Patinagem de Lisboa. Os resultados foram os seguintes:

C. U. F., 2-Benfica, 0
P. Arcos, 5-Parede, 0
Belenenses, 1-Oeiras, 3

Os desfechos das três partidas deram origem a ficarem quatro equipas no topo da tabela, com o mesmo número de pontos. Todavia, duas delas beneficiam da circunstância de contarem menos um jogo. Dessas equipas, afiguram-se-nos condenadas as do Benfica e da Associação de Oeiras, pois que sómente têm ao seu alcance 3 pontos, enquanto a C. U. F. e o Paço de Arcos têm seis pontos, já que o campeonato comporta 22 jornadas.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da Variante de Sete (1.ª Divisão): Belenenses-C.N.O.C.A., ás 20 e 30; Passos Manuel-Sporting, ás 21 e 45 e C. Ourique-Benfica, ás 23, no Pavilhão do C. Ourique.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão: C.D.U.L.-Moscavide e Liberdade-Cruz-Quebradense, ás 21 e 30; Carnide-Oriental e Lisgás-Técnico, ás 22 e 30, no Pavilhão da Ajuda.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano (fase de apuramento da Zona Norte): Beira-Mar-Termas, em Aveiro, ás 22 horas.

LUTA GRECO-ROMANA— Prova «O Primeiro Golpe», em juniores, no Pavilhão da Ajuda, ás 21 horas.

Amanhã, o «Grande Prémio das Nações»

Agostinho e Miranda
entre 19 concorrentes

São dezanove os ciclistas profissionais que amanhã participam na prova denominada «Grande Prémio das Nações», uma das mais importantes que anualmente se disputam em estradas francesas.

Assim, estão inscritos:

FRANCESES (9) — Poulidor, Perin, Chappe, Alain Vasseur, Wilhem, Ravaleu, Heintz, Sanquer e Quinchon.

BELGAS (4) — Van Springel, Pintens, Crapez e Vekemans.

ITALIANOS (2) — Boifara e Moser.

PORTUGUESES (2) —Joaquim Agostinho e Leonel Miranda.

HOLANDÊS (1) — Karstens.

DINAMARQUÊS (1) — Ritter.

DOMINGO DESPORTIVO

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão, 2.ª jornada; Belenenses-C. N. O. C. A., Passos Manuel-Sporting e C. D. U. L.-Benfica, no pavilhão de Campo de Ourique, ás 20 e 30, 21 e 45 e 23 horas.

BASQUETEBOL — Campeonatos regionais de juniores e juvenis, em vários campos, de manhã.

CICLISMO — Campeonatos do Sul, da rampa, em Lisboa, ás 9 e 30.

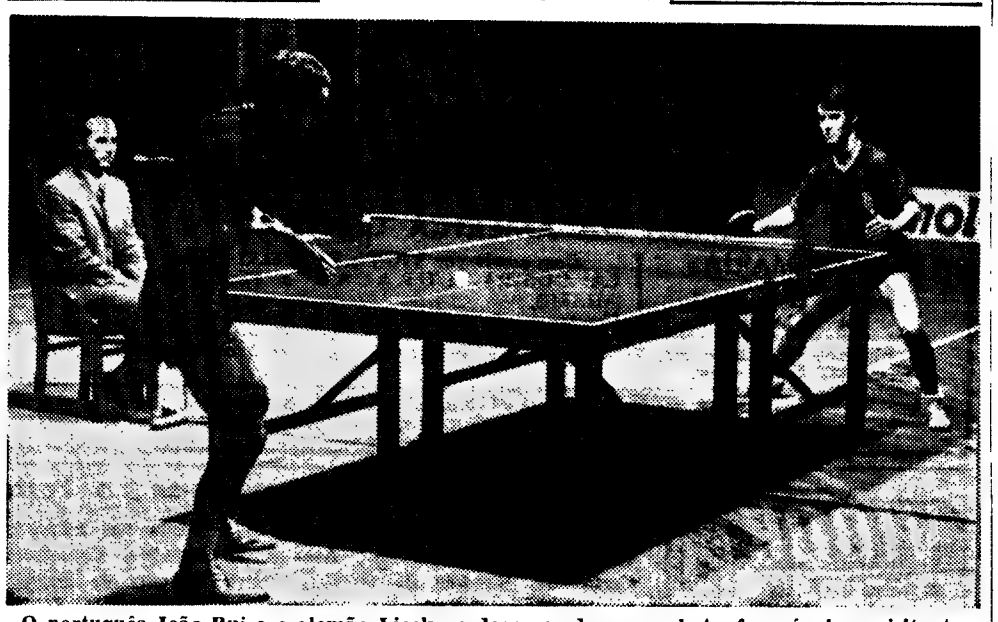
GOLFE — Torneio da Taça «Duque de Windsor», 2.ª jornada, no campo do Estoril, a partir das 10 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Torneio de Abertura, 2.ª jornada: Belenenses-Hóquei e Atlético Palmense, ás 9 horas; Fut. Benfica-Benfica, ás 15 e 30 (série B) e ás 17 horas (série A).

LUTA GRECO-ROMANA— Torneio «Primeiro Golpe», em juvenis, no Pavilhão da Ajuda, ás 14 horas.

RAGUEBI — Festival do aniversário do Belenenses, com jogos entre o Belenenses e o Macarena (Espanha), no Estádio Nacional, a partir das 15 horas.

TÉNIS DE MESA — Taça «Diário de Lisboa» (1.ª eliminatória). Nas mesas do Casa Pia, Centro Católico, G. I. P. Amoreira, Belenenses, Estrela Amadora, Rec. Apolo e Combatentes, ás 10 horas.



O português João Rui e o alemão Lieck no decorrer do seu embate, favorável ao visitante por 3-0 (21-14, 21-12 e 21-17)

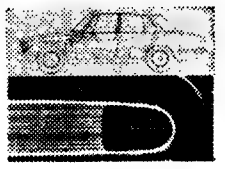
Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

AGORA... MAZDA 1800 - 104 H.P.

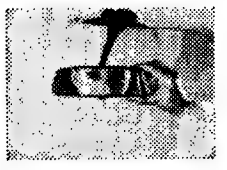
Em Exposição: JAPANAUTO - Rua Luciano Cordeiro, 113 A LISBOA

Bancos separados completamente inclináveis

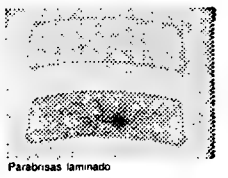
Travões de duplo circuito


Circulação de ar – Respiradores

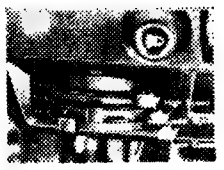
Ventiladores


Retrovisor ajustável com anti - encadeamento

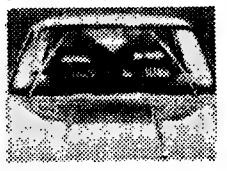
Travões de disco nas rodas da frente

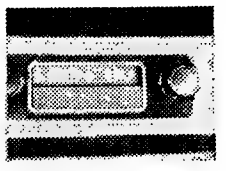

Parabrisas laminado

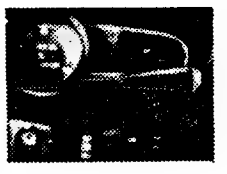
Pegas com cabide


Aquecimento com 3 velocidades

Interruptor de emergência funcionamento dos 4 pisca-pisca


Limpa-vidros eléctricos de 2 velocidades


Rádio estereofónico com reprodução de cassetes


Interruptor geral
Pisca-pisca código de luzes,
limpa-vidros Esguicho

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

CONCURSO PÚBLICO N.º 8/69

PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «INSTALAÇÃO DA SINALIZAÇÃO E ILUMINAÇÃO DAS ÁREAS OPERACIONAIS E RESPECTIVA ALIMENTAÇÃO EM ENERGIA ELÉCTRICA, NO AEROPORTO DE PONTA DELGADA»

Base de licitação, 12 000 000$00.
Depósito provisório, 300 000$00.
Prazo de apresentação das propostas, trinta dias.
Alvarás exigidos aos concorrentes:
1.ª e 6.ª subcategorias da VI categoria e classe ou VI categoria, correspondente ao valor da proposta.
Locais de consulta do processo:
Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa; e Direcção do Serviço de Obras: Edifício 4 do Arruamento B, sito no Aeroporto de Lisboa.
Local do acto público do concurso:
Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Faz-se público que se encontra aberto o concurso em referência, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 15 de Outubro de 1969

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

COMUNICADO

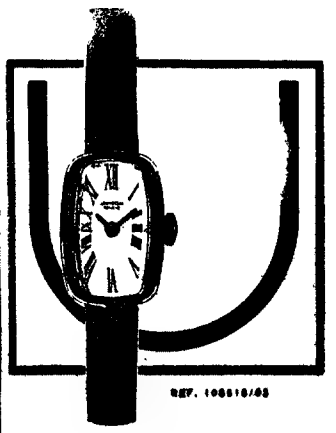
À semelhança de outras congéneres e a título experimental a Gerência dos Snacks-Bars Restaurantes «COVA DA MOURA» e «INFANTE SANTO» comunica aos seus Ex.mos Clientes que, para descanso semanal do seu pessoal, começa a encerrar aos Domingos a partir de amanhã dia 19.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PORTO» a sair em 21 de Outubro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA.** Carrega — Frigorífico: em 18 de Outubro
«AMBOIM» a sair em 20 de Outubro	Para: **SÃO TOMÉ, LUANDA, LOBITO** e **MOÇÂMEDES.** Carrega — Frigorífico: em 18 de Outubro.
«BAILUNDO» a sair em 30 de Outubro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA** (se necessário) Carrega de 18 a 21 de Outubro.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 31 de Outubro às 12 horas	Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES** e **BEIRA** Carrega — Porão: de 23 a 28 de Outubro. Frigorífico: em 29 e 30 de Outubro
«LUANDA» a sair em 12 de Novembro	Com escala por **LEIXÕES** para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇÂMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega de 4 a 8 de Novembro.
«GANDA» a sair em 18 de Novembro	Com escala por **LEIXÕES** para: **CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES** e **PORTO ALEXANDRE** (se necessário). Carrega de 10 a 14 de Novembro.
«PÁTRIA» a sair em 21 de Novembro às 12 horas	Com escala prévia por **LEIXÕES** para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA.** Carrega de 11 a 14 de Novembro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 21 de Nov.º, às 18 horas	Com escala por **VIGO** e **FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU** e **PORT EVERGLADES (MIAMI).** Carrega em 20 de Novembro.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42



UNIVERSAL — o relógio com o qual outro belo relógio gostaria de se poder parecer. Mas um costureiro de relojoaria não se improvisa, cria-se!

UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre

FEIRA DAS MERCÊS

A Empresa Eduardo Jorge comunica que nos dias 19, 26 e 27 do corrente efectua carreiras consecutivas, entre:

BENFICA-MERCÊS
BELÉM-MERCÊS
e vice-versa

VIDOR
a pilha inglesa de qualidade

PASSAPORTES?
paneuropa
Rua Braamcamp, 11 - C-D
T. 561871-2-3-4 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Scope — Technicolor
Quem são eles? Homens cuja profissão é o crime, cuja esperança é a traição, cuja obsessão é o ódio!
ACABA COM ELES E VOLTA SÓ!
com Chuck Connors e Frank Wolf

SÃO JORGE
(M 12 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21,30
A Paródia das Paródias
SHERIFF PRECISA-SE
com James Garner e Walter Brennan

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
O filme que obteve 3 PRÉMIOS DA ACADEMIA
com PETER O'TOOLE e Katharine Hepburn
O LEÃO NO INVERNO

SÃO LUIZ
(M 12 anos) Tel. 327172
Às 15 15 18 15 e 21.30
Franscope — Colon
EM 2.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

ALVALADE
(M 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45, 18.30 e 21.45
Franscope — Colon
EM 2.ª SEMANA
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
SOB O SIGNO DA SUSPEITA
OS 3 SARGENTOS DE BENGALA

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 21.30
A RAPARIGA E O GENERAL
com Rod Steiger e Vima Lisi

IMPÉRIO
(M 12 anos) Tel. 555134
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Panavison — Color
Duas civilizações, duas mentalidades em choque!
Um filme de JOHN BOORMAN
DUELO NO PACIFICO
com Lee Marvin e Toshiro Mifune

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-Picot

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
SHARON TATE e ROMAN POLANSKI em
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO
uma obra-prima do cinema moderno
Panavision-Metrocolor

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15, 18.15 e 21.30
70 m/m — Mescolor
16.ª SEMANA
O MAIOR MONUMENTO DE TODO O CINEMA!
NATASHA
2.º episódio de «Guerra e Paz»

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 e às 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL
A BATALHA DE EL ALAMEIN
A derrota de Rommel perante os exércitos de Montgomery
(Col.) — Um elenco excepcional!

CHIADO TERRASSE
(Adultos) Às 15 e 21 h.
BULLITT
O MALANDRO ENCANTADOR

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
13.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
Comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Finalmente em Portugal o famoso filme com Gary Cooper e Ingrid Bergman
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway
Metro — Estação Picoas

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 e às 21.30
EM 2.ª SEMANA
Um vibrante romance de paixões proibidas e pecados escondidos
AMOR SELVAGEM
com Julio Aleman, Angelica Maria e Teresa Velazques
NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE TITO DAVINSON
(Eastmancolor)

AVIS
(M [illegible] anos) Tel 47163
Às 18.30 e 21.45
2.ª semana de enchentes
A MAIS EXPLOSIVA AVENTURA DE SIMON TEMPLAR
O SANTO E A VENDETTA
ASTMANCOLOR
com ROGER MOORE

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
3.ª SEMANA
Continuação de estreia
O DIABO À SOLTA
com Yves Montand

RESTELO
(Adultos) Tel. 610375
Às 21.30
FUNNY GIRL
com BARBARA STREISAND em Technicolor e Panavision

LUMIAR
Calçada de Carriche
(M. 17 anos) Tel. 791574
(Ar condicionado)
Às 21.30
Um filme que dignifica o Cinema português.
A CRUZ DE FERRO
com Jorge Brum do Canto, Cremilda Gil, Octávio de Matos, Maria Domingas, Ângela Ribeiro, António Machado.
Amor, ódio e violência num espectáculo da maior dignidade

NO INTERVALO do filme a actuação do apreciado cançonetista da Rádio e Televisão ANTÓNIO FRAZÃO

MONUMENTAL
(M 17 anos) Tel 555131
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Faye Dunaway e Marcello Mastroianni
Longe do mundo longe de todos tudo fizeram em nome do amor!
UM LUGAR PARA AMAR

ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
A COMÉDIA DO ANO
CASEI CONTIGO POR ALEGRIA
TECHNICOLOR
com MONICA VITTI

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
(M 17 anos)
Uma comédia de gargalhada permanente com ALBERTO SORDI
UMA CARREIRA SENSACIONAL

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional».

TEATROS
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
VILLARET—Às 21 e ás 23: «Amor ós riscos» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos).
MONUMENTAL—Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)

CINEMAS
MOSCAVIDE — Às 21: «Poucos dólares por Django» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21: «Uma alma entre mil» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Nunca digas sim» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Funny Girl» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Até encontrei ciganos felizes» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Longe da multidão» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Oliver» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Vêm aí os Russos» (12 anos).
UNIVERSAL—Às 21 h.: «O grande restaurante» (12 anos).
JARDIM — Às 21 h.: «Cantinflas, porteiro» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21 h.: «A irmã Sorriso» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21 h: «Da Terra á Lua» (12 anos)

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O estrangulador de Boston» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Sete mulheres» e «Caçador de espiões» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «A rapariga e o general» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Spartacus» (12 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «As sandálias do pescador» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O senhor da guerra» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O pirata do rei» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — 21 e 30: «Tarzan filho das selvas» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Ninguém foge para sempre» (12 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «À margem da Lei» (12 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «A volta ao mundo em 80 dias» (12 anos); CINE-BARREIRENSE — Às 21: «O quarto n.º 13» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «A revolta dos Cossacos» e «Robinson Crusoé em Marte» (12 anos).

RESTAURANTE SNACK
O CONVÉS
R. PINHEIRO CHAGAS, 1 (Esq. Fontes Pereira de Melo)
(ENCERRADO ÀS SEGUNDAS-FEIRAS)
NUM AMBIENTE DE AGRADÁVEL CONFORTO, A CERTEZA DE UMA BOA REFEIÇÃO
EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE HOTER

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M 15 anos)

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé)

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV DO FORNO, 15 e 19 (ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G
AJUDA — Moura, Trav do Memória, 55 (630944) ● Biotilar, Rua D João de Castro, 27-B (638824)
ALCÂNTARA — Beirrão, R Prior do Crato, 25 (132 4)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av do Igreja, 9-D (7 780) ● Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) ● S João de Deus, R. Pedro Ivo -A-B (725 40)
AMOREIRAS — Britânica, Trav Légua da Póvoa, 5-B (689250).
AREEIRO — Garantia, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ● Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860).
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av da Repub., 74-A (77 379) ● Vale, Av Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ● Delva, Av. Duque de Ávila, 125 (45225) ● S. Sebastião, Largo de S Sebastião do Pedreira, 1-9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27 n. 4 (31 2 6).
BAIXA — Fernandes, R. de S José, 187 (326476) ● Azevedo, Filho, Pr de D Pedro IV 31 (327478)
BENFICA — União, Est de Benfica, 592-594 (700092) ● Alegria, Est de Benfica, 80-A-B (780511).
CAMPO DE OURIQUE — Lobet, R. de Infantaria 6, 98-B (688807) ● União, R. Saraivo de Carvalho 19 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, Rua B, 75-A, B Bairro da Liberdade (683694) ● Pinto, R de Campolide, (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971).
ESTEFÂNIA — Mundial, L D Estefânia, 9 (45578)
GRAÇA — Ziller, R de S Tomé, 54-56 (862835)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) ● Douro, Alam das Linhas de Torres, 93-A-B (791 3).
MADRAGOA — Eduardo A. César, R. das Trinas, 102 (662631).
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (31 237).
PENHA DE FRANÇA — Central, da Penha, R Penha de França, 58-60 (849245) ● Vitalis, R. Morais Soares, 66-A (848011).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (728395-720703).
PRINCIPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (326750)
REGO — Baptista, R Francisco Tomás da Costa, 3-C (77 873)
ST.º AMARO — Correia de Azevedo, R Luís de Camões 42-B (638625)
S. BENTO — Maz Teixeira, Rua Poço dos Negros 115 (679961)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zofino Pedroso, 11-13 (38 36 ● Banho, Est, de Chelas, 73-75 (38224) ● Frazão, R do Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019)
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras 202-B (78084)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Branco — Av.ª Combatentes da Guerra, 29 (Tel 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho de Silva, Avenida Patrão Lopes 4 (2432039)
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058)
PAREDE—Alsir—Av Gago Coutinho — B dos Caixas de Previdência (Tel 2472948)
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel 260 9)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 9, 4 (Telefone 280 41) Cascais — R Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra
AMADORA — Cavaco — R Elias Garcia, 209 (Tel 9300 9). Flema — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av.ª D. Nuno Álvares Pereira 15-A (Tel 938 49)
DAMAIA — Lemos, R. de Goa, 8-A (97112)
QUELUZ — Gil — Av.ª Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel. 950123).
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 29 0012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Abreio (299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Central — R de Olivença, 11 (Tel 270504
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (Tel 2241 4)
BARREIRO — St.ª Marta — R de Lavradio, 77-C (Tel 2272 41).
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est das Barrocas 50-A-B (Tel 2760 82)
MOITA — União Moitense — Av.ª Dr Teófilo Braga (Tel 239025).
MONTIJO — Montepio, R Almirante Reis, 93 (230055
SESIMBRA — Leão — Av.ª Salazar (Tel 22947)
SETUBAL — Oliveira — L do Misericórdia (Tel 22488)
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho 38 (Tel 22 8560

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla idem e feriados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ● Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica, 866141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865
SAUDE — Cruz Vermelha, 865342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 ● 771169 ● Transfusões, soros ● oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638511

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado ou encoberto; o vento era fraco ou moderado de Sueste e chovia nalgumas regiões

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Porto e Régua, 23°,5; mínima: Penhas da Saúde, 4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 16°,3; na água do mar, 17°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco a moderado do quadrante Oeste; períodos de chuva ou aguaceiros; possibilidade de trovoadas; melhoria geral do tempo a partir da noite de hoje, passando a períodos de céu muito nublado, alternando com boas abertas e aguaceiros dispersos pouco frequentes.

Amanhã
Ocaso ás 7 e 50
Nascer ás 18 e 54

Hoje Dia 25 Dia 2 Dia 9

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 18** — 9 e 07 (3,5 m); 22 e 07 (3,2 m). **Dia 19** — 10 e 35 (3,4 m); 23 e 35 (3,3 m). **Dia 20** — 12 (3,6 m). BAIXA-MAR: **Dia 18** — 2 e 20 (1,8 m); 15 e 20 (1,7 m). **Dia 19** — 3 e 50 (1,9 m); 17 (1,7 m). **Dia 20** — 5 e 30 (1,8 m); 18 e 23 (1,5 m).

NO AR DESDE HOJE O XII «JAMBOREE»

Os escuteiros de todo o mundo, num total de cerca de 12 milhões, reunem-se durante dois dias na grande sala do ar. Para isso, os escuteiros comunicarão entre si utilizando os postos de rádio-amadores existentes nos respectivos países. Por este processo, trocarão entre si ideias e experiências que poderão ser seguidas de visitas aos diversos países para conhecimento directo.

Hoje, na correspondência apresentada nos postos de correio dos Serviços Centrais do Cais do Sodré, em Lisboa, e na Rua de São Cosme, no Porto, será aposto um carimbo comemorativo deste XII «Jamboree» do ar.

CONTRA A GUERRA — Paul Newman e Joanne Woodward, sua mulher, estiveram entre 200 pessoas que se manifestaram contra a guerra no Vietnam, em frente da Embaixada dos Estados Unidos em Londres. O casal, que está na Europa a passar a «segunda lua-de-mel», assinou uma petição exigindo uma retirada imediata das tropas americanas e o fim das hostilidades. Na fotografia, um imagem da manifestação

INQUÉRITO CONTRA WIESENTHAL

VIENA, 18 — (F. P.) — Foi aberto um inquérito preliminar contra o «captor de Eichmann», Simon Wiesenthal, director do Centro de Documentação das Vitimas do Regime Nazi, em Viena, o qual é suspeito de incitamento a crimes de alta traição, segundo foi anunciado pelo diário vienense «Die Presse».

Segundo o jornal, Wiesenthal — conhecido pelas suas revelações sobre os crimes de guerra nazis — teria obtido informações a partir de documentos oficiais da Polícia, por intermédio de um antigo funcionário da segurança do Estado, condenado em 1968 a dois anos de cadeia por crimes de espionagem.

O dr. Justino de Almeida reconheceu as dificuldades da Escola do Magistério Primário de Bragança

BRAGANÇA, 18 — Encontra-se de visita ao distrito o subsecretário de Estado da Administração Escolar, dr. Justino de Almeida.

Em Mirandela visitou as Escolas Agro-Pecuária e do Ciclo Preparatório, e ainda a secção liceal da mesma vila.

Esta manhã, visitou a Escola do Magistério Primário, nesta cidade, onde reconheceu as insuficiências das respectivas instalações.

Ao princípio da tarde, aquele membro do Governo deslocou-se á Escola Preparatória Augusto Moreno e á Escola Técnica. Por ultimo, visitou o liceu, em cujo ginásio presidiu a uma sessão solene, na qual falaram o chefe do distrito, e o reitor daquele estabelecimento de ensino, ontem empossado, dr. João Manuel de Abreu Faria.

Foi ainda visitado o museu Regional do Abade de Baçal, após o que o subsecretário de Estado se dirigiu para Miranda do Douro.

O BENFICA JÁ NÃO VAI À INDONÉSIA

DJAKARTA, 18 — (R.). As autoridades do futebol indonésio cancelaram um convite ao Benfica para jogar nesta cidade, em consequência dos honorários do clube serem excessivos.

O dr. Kosasih, presidente da Federação de Futebol, declarou hoje que a quantia de 12 500 libras (cerca de 870 contos) pedida pelo Benfica para a realização dum jogo era demasiada.

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE» ÀS 17 H.
no
SALÃO RESTAURANTE
FANTÁSTICA BALLET
● HORCAR
● Saudade dos Santos

MUSICA PARA DANÇAR
EDUARDO NASCIMENTO E «OS ROCK'S»
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA
JIRINA'S COMBO
(M 17 anos)

PREÇOS
Chá completo — 40$00
(taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
Hoje, ás 17 horas
«MATINÉE» INFANTIL
(M/ 6 anos)
e ás 21.30
«A RAPARIGA E O GENERAL»
(M/ 17 anos)
AMANHÃ, ás 17 e 21.30
«O BASTARDO»
(M/ 17 anos)
Ambiente climatizado

Nova Constituição brasileira

(Continuação da 1.ª página)

dia do início da presidência do general Emilio Garrastazu Medici.

O texto da nova Constituição, a sétima desde a independência do Brasil em 1822, ainda não foi publicado, não sendo por isso conhecidas completamente as disposições principais.

Sabe-se apenas que foi redigida, nas suas linhas gerais, por um civil, o ex-vice-presidente Pedro Aleixo, sob «contrôle» do presidente Costa e Silva e que resulta de um compromisso entre as diversas tendências dos membros que fizeram a revolução. Constitui, contudo, um retrocesso, em relação á constituição que agora substitui, suspensa em 13 de Dezembro do ano passado pelo acto institucional numero 5, constituição essa que era bastante mais democrática do que a nova.

A pena de morte, em tempo de paz por actos de subversão, figura na nova Constituição que inclui também a prorrogação, por cinco anos (em vez de quatro) o mandato presidencial.

Uma outra alteração prevê a confiscação dos haveres das pessoas que tiveram causado «graves prejuízos ao património nacional».

A antiga Constituição (1967) previa esta medida mas só no caso de enriquecimento ilícito de funcionários ou de políticos no exercício das suas funções ou cargos.

NOVO EMBAIXADOR DO URUGUAI

Chega hoje, ao fim da tarde, a Lisboa o novo embaixador do Uruguai em Portugal, dr. Alexandre Gallinal Heber, até há pouco representante do seu país na Santa Sé.

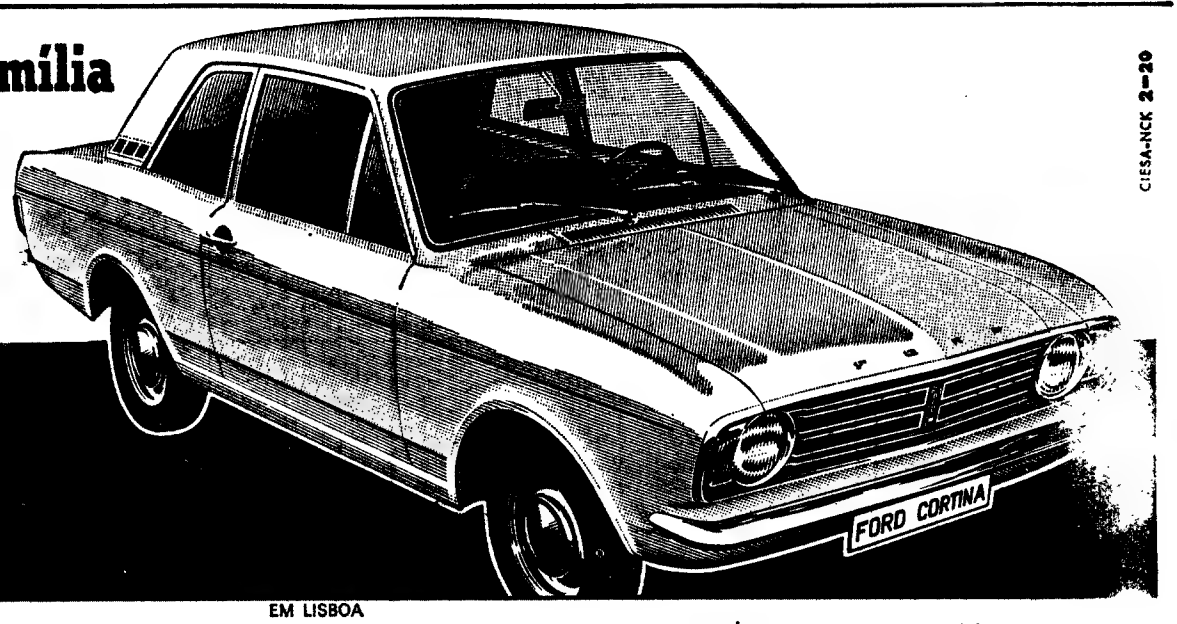
Escritor e ensaista, com numerosos livros publicados, o dr. Heber é figura de grande destaque no seu país.

PATENTE/ EUA,EUROPA

EXCLUSIVO/VALENTIM
AV. DEFENSORES CHAVES, 31 B/C
LISBOA

Uma família é apenas uma família até entrar num Ford Cortina.

Transforma-se então em algo mais.



CORTINA DELUXE – CORTINA GT – CORTINA ESTATE CAR

Ford à frente

Ford

CIESA-NCK 2-20

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

EM LISBOA
AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41 / J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47 / AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32 Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

A nossa política deve ser orientada com vista à manutenção do Ultramar

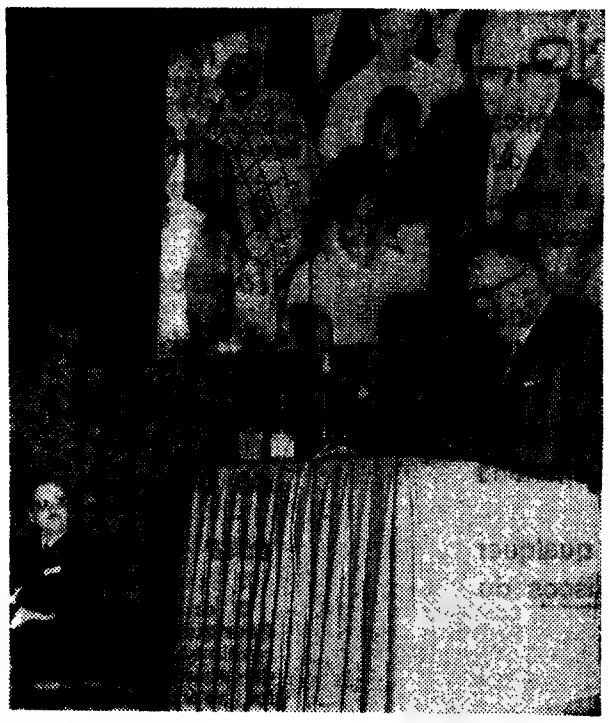
—afirmou o dr. Franco Nogueira na sessão da U. N. em Sintra

«» A sessão de propaganda que a U. N. realizou ontem no Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra, teve a participação de dois dos mais evidenciados candidatos pelo círculo de Lisboa: dr. Alberto Franco Nogueira e sr. Francisco do Casal Ribeiro. Presidiu o sr. eng.º Jorge Coimbra, ladeado pelos candidatos e pelo sr. coronel Cardoso Salgado, presidente da Comissão Concelhia da U. N. de Sintra e sr. Eduardo Cardoso, da mesma comissão.

O sr. coronel Cardoso Salgado salientou a importância do acto eleitoral e referiu-se largamente ao «momento ultramarino».

O primeiro orador da noite, sr. Casal Ribeiro começou por se referir á campanha eleitoral, tendo dito que «*a C. D. E. acabou por deixar cair a más-*

(Continua na pág. 10)



Quando discursava o ultimo orador na sessão da U. N. em Sintra

MESA REDONDA

especial eleições

A primeira opção

J. MACHADO VAZ

(Professor catedrático da Universidade do Porto)

Quando da posse do actual Presidente do Conselho, o «Diário de Lisboa» resumiu no título de um artigo tudo aquilo a que estamos assistindo — *Começar por onde?* Efectivamente outro significado não poderia ter a expressão *ciclópicos trabalhos* de que se servira o Chefe do Governo, o qual, logo depois, apelava para o País, buscando o seu concurso nas tarefas ingentes que se propunha.

Era um estilo novo, habituados como estávamos a que as soluções fossem impostas de cima, sem audiência da Nação. A luz vem do alto, escrevera Agostinho de Campos, criticando tal deseducação cívica. É certo que de ora em quando a Imprensa abordava um ou outro problema. Mas também é verdade que uma nota ministerial, pretensamente explicativa, o atalhava de pronto, restabelecendo o silêncio.

Uma *ordem* destas é apenas aparente, artificial, por imposta. O tempo, hoje mais do que nunca, não resolve as questões, só as engravece. E chega fatalmente o momento em que, senão todas elas, pelo menos as mais prementes fazem erupção. Daí o acerto da pergunta: *começar por onde?*

Para aqueles que nunca reflectiram sobre estas verdades comezinhas, a surpresa chega a ser patética. A sua

(Continua na página seguinte)

Sessão da C. D. E. em Ovar

Apelo aos católicos: Aumentai a vossa acção democrática

OVAR, 18 — No Cine-Teatro desta vila realizou-se, ontem, uma sessão de propaganda eleitoral, promovida pela C. D. E. do distrito de Aveiro. Presidiu o sr. António Bonifácio, sendo a mesa constituída pelos democratas dr. José Magalhães Godinho, D. Irene Araña Chaves, Benjamim Jaime de Almeida, o operário Augusto Cruz Freitas e estudante Carlos Reis Mendonça. Presentes, também, os candidatos oposicionistas pelo círculo de Aveiro.

A sala encontrava-se literalmente cheia, e a sessão decorreu em ambiente de extraordinária vibração e elevado civismo.

Aberta a sessão pelo sr. António Bonifácio, discursou, em primeiro lugar, o

(Continua na ultima página)

Aspecto da presidência da sessão de ontem em Ovar

Dr. Mário Soares:

«Vamos às urnas porque este é um processo educativo»

Perante mais de 600 pessoas, entre as quais uma delegação do Partido Socialista Italiano, o dr. Mário Soares, anunciou a noite passada, no meio de aplausos, que a C. E. U. D. prosseguirá até final, batendo-se com a União Nacional na concorrência ás urnas do próximo dia 26.

«Vamos ás urnas porque este é um processo educativo», disse aquele candidato e reconhecido «leader» da C. E. U. D.

«É na ordem, é na legalidade, que nos manteremos até final sejam quais forem as provocações, afirmou o dr. Mário Soares depois de ter historiado o

(Continua na ultima página)

A primeira opção

(Continuação da página anterior)

primeira reacção é voltarem-se nostàlgicamente para o passado recente, crendo, ingènuamente, que se fora possível prolongá-lo tudo teria permanecido imutável. É um caso de miopia política. Lembra a daquele distinto almirante que, anos atrás, polemizando com o senhor Cunha Leal nas colunas do «Diário de Lisboa», não via, não via sombra de nuvens no horizonte ultramarino, e a quem o eminente homem público aconselhava... um oftalmologista. Acontecimentos trágicos não tardaram a esclarecer o diferendo.

Se no decurso deste último ano, particularmente nestas semanas, aberto o chamado período eleitoral — o qual, será preciso dizê-lo? não se pode abrir nem fechar, pois todos, governados e governantes, devem poder manifestar-se permanentemente no *forum* — nada tivesse acontecido, teríamos de concluir que o apelo do Presidente do Conselho não encontrara eco na opinião pública. Devemo-nos felicitar — e o professor Marcello Caetano primeiro que ninguém — que assim não tenha sucedido.

O País está dando provas da sua vitalidade. Não pede para ser ouvido: reclama a audiência a que tem pleno direito. Estamos assistindo ao indispensável debate — indispensável porque sem ele não haverá soluções válidas.

Face a este despertar não falta quem clame contra a Política! Administração é o que necessitamos! Como se a segunda não dependesse da primeira. O fenómeno não é novo e tem o seu significado. Alguém escreveu há muito: são vozes dos que, não sabendo nem podendo governar com a livre confiança e com o concurso solidário da Nação inteira, lhe pedem que abdique.

É de política que se trata. Enunciou-o o Presidente do Conselho:

«Está convencionado que a genuína linguagem democrática é a dos votos. Resta, pois, tirar a prova real do sufrágio».

Simplesmente, para que essa linguagem seja genuína, importa, antes de mais, torná-la democrática, sob pena de ser impugnável e impugnada. De há muito que nos países verdadeiramente democráticos ninguém discute os resultados do sufrágio. Logo, se efectivamente se pretende tirar essa prova real, volte-se ao princípio do processo, rodeando a campanha (ou esclarecimento) e consulta eleitoral de todas as garantias. Esse é o direito que assiste a todos quantos desejam intervir activamente na vida política, mas para o Governo constitui um dever. Mais: é a sua primeira opção. Todas as outras, para serem legítimas, lhe estão subordinadas.

J. MACHADO VAZ

«Os nacionalistas têm necessidade de acordar»

— afirmou um candidato na sessão da U. N. em Odemira

BEJA, 18 — Ao contrário do que fora anunciado na Conferência de Imprensa dada pelos candidatos a deputados pela U. N. a sua primeira sessão de propaganda realizou-se em Ademira, anteontem, á tarde, no Cine-Teatro local, presidida pelo dr. Clara Delgadinho.

Discursaram os quatro candidatos: dr. António Covas Lima (que se ocupou especialmente do problema da assistência médica no distrito, advogando a constituição do triângulo sanitário Moura-Beja-Odemira); dr. Teófilo Frazão, que fez o elogio de Marcello Caetano, afirmando, nomeadamente, que «a Oposição seria útil se não tivesse no seu seio elementos de ideias não definidas, pois os nacionalistas têm de facto necessidade de acordar do adormecimento em que se deixaram cair». Francisco António da Silva, que se ocupou do problema do Ultramar e da repercussão económico do Plano de Rega do Alentejo; e dr. Francisco Correia das Neves, que se referiu a problemas de ordem jurídica e afirmou que «será conveniente a continuidade da política social, em lugar de se dar um salto brusco no desconhecido».

O presidente da mesa fez depois o elogio dos quatro candidatos, após o que se cantou o Hino Nacional.

O dr. Urbano Tavares Rodrigues estará presente na sessão de Odemira esta noite

O dr. Urbano Tavares Rodrigues acha-se consideràvelmente melhor depois da cobarde agressão de que foi vítima há dois dias. Ontem foi examinado pelo dr. Seixas Pires, no Centro Ortopédico, verificando-se não haver qualquer fractura grave no crânio. Pode todavia haver lesões vasculares internas pelo que o nosso prezado camarada de trabalho terá de ser examinado pelo médico neurologista dr. Ricardo Campos Marçal.

A par disso, Urbano Tavares Rodrigues cuja saúde foi sempre frágil, tem perturbações bastante graves no fígado.

Mesmo assim aquele membro da comissão coordenadora da C. E. U. D. de Lisboa e candidato a deputado pela C. E. D., no círculo de Beja, vai esta tarde a Odemira para estar presente na sessão de propaganda que ali se realiza.

A Urbano Tavares Rodrigues desejamos um completo restabelecimento.

DIRIGENTES DE PEQUENAS EMPRESAS

Disponham diàriamente do "jornal de bordo" da vossa empresa... com a regularidade do jornal diário.

O jornal diário informa-o, dia a dia, sobre a situação económica geral. Mas a «informação económica» mais directamente ligada à sua acção? Aquela que caracteriza a sua empresa? Até agora, só pode conhecê-la através de múltiplos mapas contabilísticos, já ultrapassados quando lhe chegam à mão... Como recuperar este atraso? Como dispor de um verdadeiro «jornal de bordo» da empresa? A solução é o novo ordenador de «bureau» GE-58, da Bull General Electric.

O GE-58 — a discos magnéticos e circuitos integrados — é fruto da experiência ímpar adquirida pela Bull General Electric na resolução dos problemas das pequenas e médias empresas, com os ordenadores da série GE-50.

Mantendo as vantagens essenciais desta série — acesso directo por teclado, programação simples, espaço reduzido — dispõe porém de uma potência, uma integração e uma capacidade de memória aumentadas.

Banco de informações da empresa: a todo o momento poderá introduzir novos dados, sob qualquer forma (teclado, cartões perfurados ou manuscritos, fita perfurada). Assim, a memória a discos do GE-58 contém uma informação constantemente em dia. E este banco de informações está, sempre à sua disposição: o GE-58, ordenador a acesso directo responde sobre impressora, ou sobre «écran», sem interromper o trabalho em curso. O GE-58 será, para si, o melhor instrumento de decisão. Envie-nos o «coupon» junto, e receberá documentação que lhe permitirá conhecer melhor o novo e revolucionário GE-58. Verá que, com efeito, ele foi concebido para a sua empresa.

ORDENADOR DE BUREAU GE—58

DOCUMENTAÇÃO A ENVIAR PARA:

NOME _____

EMPRESA _____

MORADA _____

BULL

GENERAL ELECTRIC

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

manifesto

Dos candidatos da U. N. por Lisboa

Da União Nacional recebemos o seguinte (Manifesto dos Candidatos da U. N. por Lisboa»:

«Os candidatos da União Nacional pelo círculo de Lisboa estão conscientes da responsabilidade de se apresentarem pelo distrito em que se situa a capital da Nação. Como os seus demais colegas, não desejam eximir-se ao dever que lhes incumbe de dar a conhecer aos eleitores o seu pensamento sobre os mais prementes problemas fundamentais que interessam ao distrito e ao País. Consideraram estes com isenção á luz dos interesses gerais. Não procuram exceder em ideias e sugestões os candidatos oposicionistas; não se propõem utilizar as opiniões e a terminologia daqueles; e, não se deixando arrastar pelo que a alguns convenha debater para fins políticos de grupo ou de facção, pretendem sómente expor os seus pontos de vista próprios. Dentro destas coordenadas, e se eleitos para a Assembleia Nacional, defenderão os princípios seguintes:

I — Política ultramarina

Consideram de manter e prosseguir a política de unidade nacional. Entendem que a defesa da integridade de um espaço português indivisível corresponde aos supremos interesses permanentes de toda a Nação portuguesa, independentemente das diferenças étnicas, religiosas, sociais e culturais que possam existir entre os seus membros. Pensam que na igualdade de todos perante a lei, e na segurança de que a todos sejam facultadas idênticas oportunidades de acesso na vida económica, social, política e administrativa da Nação, reside a garantia de progresso e desenvolvimento do conjunto português. Têm a firme convicção de que esse progresso e esse desenvolvimento, que se impõe continuar, se processarão com a maior rapidez se forem utilizados em comum os vastos recursos de espaço português, de forma a que todos os territórios que o compõem participem com igualdade no esforço colectivo.

Para o efeito julga-se necessário: 1) — ampliar nas grandes províncias de África a rede de comunicações, designadamente rodoviárias, e melhorar a rede de transportes entre todos os territórios portugueses; 2) — alargar a cobertura hospitalar e sanitária; 3) — estimular o desenvolvimento agrícola e industrial dentro de uma política unica e coordenada do espaço económico nacional; 4) — facilitar gradualmente a solução do problema dos pagamentos interterritoriais; 5) — intensificar o esforço educativo a todos os níveis, tendo em atenção as necessidades de cada território e do conjunto nacional; 6) — fomentar a circulação de pessoas e bens em todo o espaço português, dentro de uma visão que encare os problemas como interdependentes e não alheios entre si. Com sentido de responsabilidade e de realismo, há que ter consciência, todavia, de que para atingir aqueles objectivos são necessários vultosos recursos financeiros, de que o apêlo ao crédito e ao investimento tem de ser prudente, e de que não é viável forçar através de critérios políticos a evolução sociológica dos agregados humanos, sob pena de os lançar no caos ou na subordinação a terceiros. Afigura-se, por ultimo, que a consolidação e o crescimento de uma sociedade multirracial, além de constituir fundamento da Nação portuguesa, vão ao encontro dos mais elevados ideais do tempo presente, e não se lhe podem opor objecções nos planos moral, religioso, sociológico ou político.

II — Política da Saúde

Consideraram os candidatos da U. N. por Lisboa as deficiências dos serviços médico e médico-sociais, a necessidade de uma política da saúde a indispensável coordenação entre os departamentos governamentais competentes, e os problemas referentes ao equipamento tecnológico, á reorganização administrativa, á formação de quadros e á organica das carreiras médicas. Para formulação de uma política da saude, que tenha em conta estes e outros aspectos fundamentais, propõem-se as seguintes medidas: 1) — coordenar desde já o Ministério da Saude e Assistência com a Previdência, com o ulterior objectivo da sua unificação; 2) — conjugar a acção médico-sanitária e médico-social, de modo a integrar a promoção de saude, a prevenção da doença, a cura e a reabilitação; 3) — regionalizar a acção médico-sanitária, de forma a ser possível acudir ás necessidades médicas da população; 4) — criar e desenvolver *hospitais sub-regionais — centros de Saude;* 5) — criar e valorizar a carreira de Saude Publica de forma a que constitua a base dos Serviços de Saude; 6) — reapetrechar os hospitais, ampliar os quadros médicos e os quadros de apoio e auxiliares; 7) — utilizar progressivamente os hospitais sub-regionais como centros de saude e o sistema hospitalar para o ensino da Medicina e da Enfermagem; 8) — estabelecer cursos regulares de pós-graduação, fomentar a investigação e a educação sanitária.

Este programa deverá ser revisto periódicamente de modo a ser possível facultar a todos os portugueses, no momento necessário, os cuidados médicos de que precisem.

III — Política da Educação

Não esquecem as deficiências do ensino pré-primário, primário e secundário, assim como do ensino técnico, e quanto se torna indispensável tomar urgetes medidas para as corrigir, muito particularmente institucionalizando a noção do ensino permanente. Mas, o aumento constante da população estudantil, as aspirações desta, as novas exigências da ciência, da tecnologia e da vida socio-cultural, impõem a reforma e modernização da Universidade portuguesa. Julgam os candidatos da U. N. por Lisboa que para o efeito se deverão encarar providências de ordem imediata e outras de ordem futura. Entre as primeiras, sugerem-se: 1) — estimular as relações do corpo docente com o corpo discente, integrando este na vida universitária; 2) — ampliar o numero de professores catedráticos, modificando o seu processo de recrutamento, e preencher rápidamente as vagas existentes; 3) — ter em conta as particularidades de cada Universidade e Escola Superior, não lhes impondo um critério uniformozador; 4) — dispersar os centros de ensino e criar novos centros; 5) — institucionalizar a carreira de investigadores, tornando-a paralela e intercomunicável com a carreira académica; 6) — institucionalizar e ordenar o ensino de pós-graduação; 7) — institucionalizar gradualmente o funcionamento normal das Associações Académicas.

Etre as providências a longo prazo apontam-se as seguintes: 1) — nomear uma comissão para estudo do ensino universitário, associando-lhe estudantes, com o encargo de elaborar, em prazo fixo, um *Relatório sobre o ensino superior*, solicitando-se a colaboração das Ordens profissionais, das sociedades científicas, de escritores e artistas e de representantes das actividades culturais sociais e económicas; 2) — fundar novas universidades que não sejam prolongamento das existentes.

Pensam os candidatos que desta forma se garantirá o direito á cultura, extensivo sem distinções a todas as camadas sociais e que permita a sua mobilidade vertical e o aproveitamento de todos os valores emergentes da comunidade portuguesa.

IV — Política da Ciência

A necessidade de actualizar a sociedade portuguesa no domínio tecnológico; a falta de um plano de investigação científica de ambito nacional; a duplicação de centros de investigação; o desconhecimento da prioridade a dar á investigação fundamental, á investigação orientada, á investigação aplicada ou á de desenvolvimento tecnológico; a incerteza existente quanto á relacionação da investigação com a universidade e com ramos sectoriais da ciência ou das actividades da vida nacional que devem ser prioritáriamente atendidas; a necessidade de estabelecer o intercambio com centros estrangeiros, de organizar o trabalho de pesquisa e de integrar o investigador na sociedade — tais são os problemas que se afiguram carecer de atenção urgente e de medidas adequadas á sua solução.

V — Política Agrícola

Consideram os candidatos da U. N. por Lisboa que se impõe acelerar o processo de reconversão da agricultura metropolitana, em ordem a permitir a integração do sector na actividade de uma sociedade moderna. Para o efeito, entendem ser indispensável: 1) — definir e aplicar sistemáticamente uma política agrária que conceda áquele sector as possibilidades de adaptação estrutural e de evolução interna; 2) — desenvolver o ensino agrícola; 3) — fomentar a preparação da mão-de-obra e dos quadros empresariais; 4) — orientar a produção; 5) — estimular o investimento através de financiamentos comportáveis pela economia das explorações; 6) — melhorar o aproveitamento da aptidão dos solos e introduzir novas e modernas técnicas agrárias; 7 — aperfeiçoar a comercialização dos produtos, tornando viável uma mais justa participação do sector na riqueza criada (em particular, através de cooperativas e suas uniões); 8) — garantir a fixação dos preços dos produtos por forma a assegurar ás empresas agrícolas uma capacidade financeira satisfatória. Como complemento, impõem-se medidas de valorização e revitalização das economias e sociedades regionais e locais.

VI — Política Económica e Social

No domínio económico, os candidatos procurarão agir no sentido de acelerar o desenvolvimento económico e o progresso social no espaço português. Coincidem estas finalidades com objectivos definidos no III Plano de Fomento, e traduzem-se num maior dinamismo do processo de crescimento e numa maior harmonia e equilíbrio da expansão mediante atenuação das desigualdades regionais e mais justa repartição dos rendimentos e da riqueza. Plenamente conscientes do papel fundamental que cabe ao Estado como agente do progresso económico, considera-se todavia a iniciativa privada também como elemento indispensável á consecução dos objectivos mencionados. O planeamento constitui assim para nós método imprescindível para garantir maior eficácia aos investimentos que cabem ao Estado e fornece o quadro orientador das iniciativas e investimentos privados. Sem prejuízo da concentração de meios financeiros nos sectores fulorais do desenvolvimento, entendemos que, entre as nossas preocupações, devem ocupar lugar privilegiado os investimentos de infra-estrutura, de transportes e comunicações, e investimentos sociais e culturais, designadamente na saude e assistência, na formação profissional, no ensino e investigação, a habitação e nos desportos e formação de desportistas.

Entendem ainda os candidatos por Lisboa que os princípios orientadores da vida económica portuguesa e as exigências do seu rápido crescimento requerem uma visão de conjunto e uma política consertada e unificada das diversas parcelas do território de modo a obter-se o máximo aproveitamento dos recursos. Esta visão política consideramo-la nova, e vem alterar sensivelmente o quadro habitual dos nossos problemas económicos e permitirá uma rápida ascensão económica e social do povo português. Neste aspecto, Portugal metropolitano tem constituído a charneira do esforço de progresso económico, e os candidatos por Lisboa propõem-se por isso, como é natural, prestar-lhe especial atenção. Desnecessário será acentuar, por ultimo, que o equilíbrio financeiro, a solidez da moeda e a estabilidade política e económica constituem elementos basilares na prossecução dos objectivos anteriores.

No domínio da política social e além do que decorre do que fica afirmado, impõem-se a mais completa cobertura da população económicamente activa pela Previdência, maiores regalias da segurança social, instituição do sistema seguro-desemprego, estabelecimento de salários mínimos para todas as qualificações profissionais, redução do *déficit* carencial da habitação económica. Dentro dos problemas sociais poderá situar-se o problema da emigração e neste particular julgam os candidatos indispensável uma definição de uma política populacional que, dentro da liberdade migratória, nomeadamente conceda primazia ao povoamento do espaço português.

VII — Política Externa

Entendem os candidatos da U. N. por Lisboa que os interesses da Nação impõem: 1) — progressivo estreitamento das relações com o Brasil e a concretização do ideal da Comunidade Luso-Brasileira; 2) — manutenção da amizade com a Espanha e renovação do Pacto Peninsular; 3) — não afastamento da Organização do Tratado do Atlantico Norte, sem prejuízo da defesa do Ultramar nem da independência da nossa acção quanto aos interesses vitais portugueses; 4) — estreitamento das relações políticas, culturais e económicas com os países latino-americanos; 5) — prosseguimento da política de boa vizinhança em África, em particular com todos os países limítrofes dentro do respeito recíproco e independentemente dos respectivos regimes internos; 6) — repudio das resoluções da O. N. U. contrárias a Portugal; 7) — cooperação com as agências especializadas da O. N. U.; 8) — manutenção dos compromissos internacionais livremente assumidos pelo Estado Português; 9) — colaboração com a comunidade internacional e os membros desta que a desejarem na base do respeito mutuo e da não interferência nos negócios internos».

Os candidatos da U. N. por Lisboa

CURSOS

CABELEIREIRO DE SENHORAS
CABELEIREIRO DE HOMENS
MASSAGISTA ESTÉTICA
CALISTA PEDICURA
MANICURA AJUDANTE ETC.

— Continuam abertas as inscrições na Escola Profissional oficial do Sindicato e Grémio do Sul da especialidade.

— Colaboração dos mais competentes profissionais, membros de equipas nacionais e demonstradores no estrangeiro.

— Única Escola autorizada na passagem de diplomas reconhecidos pelas entidades corporativas.

Informações e inscrições na:

Rua dos Fanqueiros, 135-2.º — Tel. 32 77 32/37 04 94
LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

3º RALLY INTERNACIONAL TAP

ESPECTACULAR VITÓRIA COLECTIVA DATSUN

120 carros à partida • 3 carros à chegada

2 DATSUN 1600 entre os 3 "sobreviventes"

1º lugar por marcas (Troféu dos Construtores)
2º lugar da geral (José Lampreia / C. Melville)
3º lugar da geral (Chavan/Loyens)

Os carros vencedores do Troféu dos Construtores estão em exposição no Stand do ENTREPOSTO • Quinta e Sexta-feira até às 23 h. / Sábado das 15 às 19 h.

ENTREPOSTO

NOVA DIMENSÃO NO MERCADO AUTOMÓVEL • ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L. • Av. Duarte Pacheco, 21-A/ Telef. 685175/6/7/8 - Lisboa 3

NISSAN MOTOR CO., LTD.

A propósito da mesa-redonda sobre o estado actual da Previdência

Esclarecimentos do Ministério das Corporações

Do Ministério das Corporações e Previdência Social por intermédio da Direcção-Geral da Informação, recebemos o seguinte documento:

«Publicou o «Diário de Lisboa» o relato de uma «mesa-redonda» em que intervieram representantes das listas oposicionistas da capital e em que foi versado o tema da Previdência, seu estado actual e reformas que se impõe introduzir-lhe.

Pretende o Ministério das Corporações e Previdência Social, com a legitimidade que lhe advém de ser o departamento responsável pela superior coordenação da Previdência Social e de ter sido, várias vezes, citado na «mesa-redonda», esclarecer o público sobre os pontos em relação aos quais foram proferidas opiniões menos fundamentadas e feitas afirmações carecidas de exactidão.

Ao fazê-lo não se deseja, porém, ignorar que se trata de opiniões meramente particulares, da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Não se deseja, igualmente, entrar na discussão das conclusões a que a referida «mesa-redonda» parece ter chegado, não só pela sua imprecisão, fruto natural da diversidade de opiniões expendidas, mas, também, pela sua natureza pessoal e porque a própria definição dessas conclusões, quanto ao sentido exacto e global das reformas pretendidas, parece ter-se deixado para uma eventual consulta popular.

Por último, atendendo a que, segundo se supõe, os intervenientes na «mesa-redonda» não são especialistas dos assuntos versados, não devem tomar-se á conta de «reparos» as observações que a seguir se formulam, mas apenas como mais uma contribuição para o esclarecimento dos problemas em causa.

E, assim, começando pelas afirmações que acima se referem como carecidas de exactidão, salientam-se os seguintes aspectos:

1) — *Internamento hospitalar.* Afirmou-se na «mesa-redonda», concretamente, que o internamento hospitalar previsto pela Previdência em favor dos seus beneficiários «não foi efectivado ainda... sendo mesmo inconcebível que ainda o não esteja, ao cabo de tantos anos de apregoada política de segurança social».

A verdade, porém, é que o regime de internamento hospitalar a favor dos beneficiários do nosso seguro social se encontra de há muito em efectiva execução, abrangendo todos os beneficiários activos e seus familiares, tanto para efeitos de cirurgia geral e especial como para efeitos de medicina geral e especialidades médicas.

Basta referir que, durante os cinco primeiros anos de vigência do acordo celebrado com os Hospitais (de 1963 a 1968, inclusive) foram internados em cirurgia e medicina 139 055 segurados, inscritos nas caixas de previdência, com o correspondente encargo de 457 874 053$00 (quase meio milhão de contos).

2) — *Perda de direitos como consequência da situação de desemprego.* Afirmou-se na «mesa-redonda» que «no nosso sistema o desemprego pode acarretar, nalgumas circunstâncias, a perda de benefícios já anteriormente concedidos».

Esclarece-se a tal respeito que a conservação dos direitos relativos às prestações diferidas (pensões de velhice, invalidez, sobrevivência e subsídios por morte) é plenamente garantida pela inscrição vitalícia do beneficiário, sem dependência da continuidade de pagamento das contribuições. O desemprego como cessação da actividade profissional, apenas tem efeitos suspensivos na concessão de prestações imediatas, salvo, mesmo, quando a estas, se ficar ao abrigo da protecção conferida pelo seguro de desemprego tecnológico ou colectivo, criado a partir de 1962.

3) — *Cálculo do salário base do subsídio de doença.* Afirmou-se na «mesa-redonda», procurando daí tirar várias ilações relacionadas com o decurso do tempo, que o subsídio concedido aos trabalhadores doentes é calculado «com base no salário do ano anterior».

Na verdade, porém, tal subsídio é calculado sobre o salário dos doze meses que precedem o segundo mês anterior ao da «baixa» e em relação aos quais haja entrada de contribuições.

4) *Montante das pensões de invalidez.* Afirmou-se na «mesa-redonda», a propósito do montante das pensões de invalidez, que, após cinco anos de descontos, o valor de tais pensões corresponde apenas a «2% da média anual».

Esclarece-se a este respeito que, quando o beneficiário conte apenas cinco anos de contribuição — incluindo os meses em que recebeu subsídio de doença — o valor da pensão de invalidez é de 30%, e não de 2% da média anual do seu vencimento. Deve notar-se, também, que aos pensionistas é mantido o direito ás prestações em espécie do seguro de doença (assistência clínica, medicamentosa e internamento hospitalar) bem como abono de família e benefícios complementares).

5) — *Universalização do seguro de sobrevivência.* Afirmou-se na «mesa-redonda» que «é oportuno encararmos, também, ser já mais que tempo de promover a universalização da cobertura do risco de sobrevivência».

Sem contestar a legitimidade da pretensão, informa-se, no entanto, que a universalização do seguro de sobrevivência está já a ser estabelecida, constituindo objectivo prestes a ser alcançado, dentro do campo de aplicação da nossa Previdência Social, mercê dos acordos colectivos e dos despachos ministeriais ultimamente exarados nesse sentido.

6) — *Montante das contribuições pagas á Previdência.* Afirmou-se na «mesa-redonda» que «hoje em dia já na maior parte dos ramos da produção se atingem percentagens de 26% e 27% da massa de salários pagos, embora estejamos a distância de certos países muito desenvolvidos e que podem suportar encargo maior».

Supõe-se que, ao fazer tal afirmação, são imputados á Previdência descontos que para ela não são realizados, pois que, em regra, os descontos para o nosso seguro social não excedem 23,5% (incluindo já o seguro de sobrevivência) dos quais 6,5% são suportados pelos trabalhadores e 17% pelos patrões.

A propósito, afirmou-se, ainda, na «mesa-redonda» que «não podemos comparar as percentagens descontadas entre nós para a Previdência com as praticadas noutros países ... a comparação está falseada na medida em que os benefícios que são concedidos em sistemas estrangeiros são totalmente diferentes».

Salvo o devido respeito, o raciocínio deve ser feito ao contrário, pois, em geral, quando se faz a comparação dos descontos praticados lá fora com os que têm lugar entre nós, é normalmente para justificar que os nossos benefícios não podem acompanhar os dos outros países, porque nestes os descontos são maiores, e, por conseguinte, as disponibilidades do seguro social também são mais elevadas, podendo dar mais vantagens.

*

Embora outros aspectos merecessem, ainda, idênticas observações, para não alongar demasiado este esclarecimento, passamos, a seguir, a analisar as opiniões que acima consideramos como menos fundamentadas:

1) — *Cobertura da população pela Previdência.* Afirmou-se na «mesa-redonda» que «não se encontra nas estatísticas senão uma cobertura que ronda os 60%».

O que, na verdade, todavia, se passa, é que, no momento presente, está completamente coberta pela Previdência a população trabalhadora na indústria, comércio e serviços e principia, com a execução da Lei n.º 2144, de 29 de Maio de 1969, a ficar abrangida, também, a população agrícola, que até agora sòmente gozava da protecção conferida pelo «esquema mínimo» das Casas do Povo.

Ora, o extrato populacional referido equivale a mais de 2 terços da população activa nacional. O restante terço é preenchido pelo funcionalismo do Estado e pela população agrícola (esta última com cerca de 660 000 trabalhadores por conta de outrem).

Mais se esclarece que o sistema já em execução para a Previdência Rural vai abranger cerca de metade daqueles trabalhadores e seus equiparados, esperando-se que o seu alargamento aos restantes se faça com a brevidade possível.

Também nesta perspectiva não será de estranhar que a percentagem da população coberta apresente variações de distrito para distrito, pois que, não estando desde já abrangidos todos os trabalhadores agrícolas, é evidente que, nas regiões onde a actividade agrícola seja dominante, o número de indivíduos abrangidos pelo seguro será, necessàriamente, menor.

2) — *Natureza obrigatória do nosso seguro social.* Afirmou-se, a certa altura, na «mesa-redonda» que a nossa Previdência não corresponde a um sistema de seguro social obrigatório, pois que «as Caixas de Previdência tinham origem nos contratos colectivos».

Ora, também esta opinião não pode aceitar-se, uma vez que já durante a execução da Lei n.º 1884, de 16 de Março de 1935, e, mais nitidamente, após a «Reforma da Previdência», consagrada pela Lei n.º 2115, de 18 de Junho de 1962, a constituição, por decisão do Governo, de Caixas Sindicais em todos os distritos, conferiu á nossa Previdência a natureza do seguro social obrigatório em relação a toda a indústria, comércio e serviços. Orientação que continua a ser, igualmente, seguida na extensão da Previdência á população agrícola.

Também na «mesa-redonda» houve quem defendesse, embora sem convicção, «que se o nosso Estado, em vez de ter criado Caixas de Previdência tivesse entregue o sistema da previdência social ás companhias de seguros particulares ... ter-se-ia obtido um sistema de seguros de certeza mais proveitoso e mais lato».

Sem deixar de acentuar, como também aconteceu na «mesa-redonda», a estranheza com que se encara tal opinião, pelo simples confronto entre as vantagens de um sistema de segurança social generalizada e não lucrativo, com outro de características limitadas e lucrativas (opinião que, além do mais, não se coaduna com a tendência socializante das conclusões da «mesa»), oferece-se á ponderação dos interessados os benefícios que a criação entre nós do seguro social das doenças profissionais trouxe, baixando consideràvelmente o seu custo e generalizando a sua aplicação.

3) — *Natureza do regime financeiro adoptado pela Previdência Portuguesa.* Afirmou-se na «mesa-redonda», não sem um certo «dogmatismo», que «em Portugal se adoptou um sistema de previdência absolutamente errado. O da capitalização total...»

Na verdade, porém, o que se passa, é que, actualmente, o nosso seguro social já adopta quanto aos benefícios imediatos um sistema de completa e total «distribuição». A percentagem das contribuições destinadas a esses benefícios tem vindo, mesmo, a aumentar de ano para ano. Foi de 4% dos salários até 1962, passou nesse ano para 6,5%, e elevou-se, em 1969, para 7,5% (não sendo actualmente, como se afirmou na «mesa», de 4%).

Em correspondência, já que as contribuições gerais não aumentaram, a parte destinada aos benefícios diferidos (invalidez, velhice e morte) tem vindo a ser reduzida na mesma proporção. A percentagem destinada a esses benefícios, que era de 7% até 1962, está agora reduzida a 3,5%.

Não pode por isso falar-se já na existência entre nós de um regime de capitalização pois que, em vez de reservas matemáticas existe apenas um fundo de garantia para assegurar a cobertura do crescimento actual das pensões e a sua actualização anual, em função da elevação do custo de vida.

4) — *Previdência Rural.* Afirmou-se na «mesa-redonda», a propósito da Previdência Rural, que «o «actual abono de família aos trabalhadores rurais é exclusivamente pago pelo patrão, sem haver qualquer comparticipação do Estado, a não ser através do Fundo de Desemprego e do F. N. A. F.».

Aproveita-se a oportunidade para esclarecer que o valor dessa «comparticipa», exterior á actividade, agrícola é superior a um terço do custo global do abono de família. Com efeito espera-se que este abono custe, nesta primeira fase, cerca de 300 000 contos, não devendo as contribuições patronais exceder 200 000 contos.

5) — *Proliferação dos serviços da Previdência.* Afirmou-se na «mesa-redonda» que deverá haver economia de gastos «através de uma concentração de serviços á escala nacional em vez de estarem fragmentados por dezenas e até centenas de Caixas de Previdência, através de uma nacionalização desse serviço».

Esclarece-se, a propósito, que segundo a Reforma em vigor a partir de 1962, se tende para a descentralização dos benefícios imediatos, criando para o efeito caixas distritais e se tende para a centralização quanto aos benefícios diferidos (invalidez, velhice e morte) confiados a uma única instituição — a Caixa Nacional de Pensões.

Além disso as caixas distritais, criadas para um mais directo e próximo contacto com os beneficiários, são coordenadas entre si por uma Federação a quem compete, entre outras finalidades, assegurar a compensação financeira (utilizando os saldos de umas instituições para cobertura dos «deficits» de outras).

6 — *Duplicação e sobreposição dos serviços médicos.* Denunciou-se ainda na «mesa-redonda» uma eventual «duplicação da prestação dos serviços médicos da Previdência», considerada como um outro erro extraordinário».

A verdade, porém, é que em matéria de assistência médica e na falta de serviços gerais de saúde capazes de atender as necessidades dos seus beneficiários, a Previdência não pôde deixar de assegurar em serviços próprios a prestação de tal assistência. O sistema adoptado corresponde assim a uma solução pragmática (generalizada, de resto, em muitos outros países) de manutenção dos sectores privado e público de assistência médica.

Sempre que já existiam outros serviços aos quais essa assistência pudesse ser confiada, a Previdência não hesitou em o fazer, como sucedeu com o internamento hospitalar, a assistência aos tuberculosos, as doenças do foro oncológico, etc.

Já acima se referiram alguns números e recorda-se agora que só pelo I. A. N. T. (de 1965 a 1968) foram tratados já 20 218 doentes, beneficiários da Previdência, com um encargo global de 83 785 181$.

Muitas outras opiniões expendidas na «mesa-redonda» mereciam ainda ser apreciadas, o que só se não faz para não alongar esta «Nota» e na convicção de que os assuntos a que se referem têm sido já objecto de amplo esclarecimento público.

Como ainda recentemente foi afirmado «haverá certamente poucos domínios onde a actividade legislativa e regulamentar fomentadora de reais benefícios sociais, seja tão acentuada como no sector da Previdência.

O desenvolvimento das normas e bem assim das instituições, processou-se em perfeita conformidade com os princípios gerais da luta contra a necessidade, tendo sempre em vista a melhor redistribuição do rendimento nacional.

O direito de cada trabalhador á protecção na doença através do Seguro Social ultrapassou há muito, entre nós, a solene expressão do desejo das recomendações da O. I. T. e da Convenção n.º 102 sobre a norma mínima a observar no relativo á orientação internacional. Aliás quem, isenta e honestamente, se der ao trabalho de cotejar o que diz a referida convenção (adoptada pelas 35.ª sessão da Conferência Internacional do Trabalho em 27 de Junho de 1952, que estabelece as condições mínimas que se reputou deverem ser observadas pelos diversos sistemas nacionais de segurança social em relação ás diferentes modalidades de seguro), com o que se passa em Portugal, verificará que o nosso esquema se apresenta de molde a prestigiar-nos no confronto com as realizações de outros países bem mais ricos».

Não se deseja, no entanto, terminar sem a afirmação de que certas propostas positivas da «mesa» não se encontram de modo nenhum em oposição frontal com o regime português de Previdência, em tudo quanto envolva a sua melhoria e expansão.

Pena foi que na «mesa» não fosse dada margem, não muito estreita, á compreensão das dificuldades existentes nesta fase de crescimento do nosso seguro social e do esforço que nele se tem vindo a fazer no sentido do seu aperfeiçoamento, sem agravamento de encargos para a economia nacional.

Apesar de tudo, resulta das críticas expostas o considerável desenvolvimento assumido pela nossa Previdência e as perspectivas abertas á sua irreversível expansão.

A vida intelectual em Portugal

Conclusão da mesa-redonda em que tomaram parte Fernando Sylvan (C. E. M.), Luís Lindley Cintra (C. D. E). e Rui Belo (C. E. U. D.). Interveio como moderador o nosso camarada de Redacção, Fernando Assis Pacheco

MODERADOR — Falámos de democratização da cultura e do ensino, e a tal respeito o depoimento do prof. Cintra está suficientemente próxima da realidade docente, universitária neste caso, para nos levar a meditar. Entretanto o dr. Sylvan quer com certeza avançar a sua própria experiência.

FERNANDO SYLVAN — É evidente que o problema da instrução não pode ser afastado desta discussão e está sendo discutido com argumentos concretos. Portanto, eu concordo em absoluto e é preciso insistir mais para desenvolvimento do nosso panorama cultural entre a relação intelectuais e povo. Eu penso que essa relação é muito pequena, porque não se trata só de o povo, ou melhor, o publico em geral, ter conhecimentos dos seus intelectuais, ler os seus livros, ver os seus quadros, todas as suas obras. A relação tem de ser mais intima, tem de operar-se profundamente um exercício e, portanto, uma reciprocidade. Eu penso que o intelectual tem de equacionar toda a problemática, todos os problemas, do povo. E o povo apreender esse trabalho equacionado, como num movimento de vaivém. O intelectual recebe do povo substancia e devolve-a equacionada. E o povo, depois, alcança-se em novos degraus devido a essa contribuição. Eu creio que para exemplo se pode dar o caso do folclore. Todos nós temos de vez em quando algum tempo para assistir a espectáculos, verificamos que os grupos folclóricos se mantêm, anos sobre anos, no mesmo estado. Toda a gente que vê um grupo do Norte, do Sul, do Centro, vê que as danças, os cantares, se mantêm no mesmo quadro e quando ás vezes se alteram é no geral, consequência de um trabalho de curiosos, é um exercício de curiosos que alteram e estragam. Em contrapartida lembro-me do caso do samba, no Brasil. No rio de Janeiro, se alguém se lembrar de coleccionar uma meia duzia de sambas correspondentes á produção da ultima meia duzia de anos, verificará que são diferentes.

Há qualquer coisa nova, porque exactamente o povo oferece, os intelectuais recebem, equacionam e o povo tem consciência disso. Porque o povo, em todos os quadrantes, eu penso exactamente que está á espera disso, á espera desse equacionamento para que veja os seus próprios caminhos abertos, caminhos a perseguir, caminhos esperados. Portanto, verifiquei, por exemplo, nalguns pontos do «hiterland» Africano, em pleno sertão, sómente, povoações de palhotas, tendo, portanto, um mínimo de coisas que nós consideramos fundamentais para se poder viver, a posse de aparelhos de rádio, por pilhas, hábito que vem de há mais de 10 anos. Esses utentes dos aparelhos de rádio consideram-nos como uma coisa quase endeusada. Uma consideração, um respeito, um culto e sacrificam-se a andar léguas e léguas só para comprar novas cargas. E, para que querem eles os aparelhos? Para ouvirem o que se passa no mundo. Para receberem não só o noticiário como outros sinais de cultura viva. E eu lembro-me de uma vez ter perguntado a um africano que possuia um aparelho, para que é que o queria, e ele disse-me numa expressão estranha; «Para ouvir coisas». E não só ouvem coisas como fazem a comparação da sua musica com a musica que ouvem e algum caminho abrem com esse contacto. Outros vêm á cidade, que é o caso que eu há pouco citei do Malangatana Valente, ele vem á cidade. Embora um autodidacta, tem sido acarinhado e teve contactos com artistas da cidade e esclarece-se que os seus quadros não são de arte popular. Eu penso que a instrução como ponto primeiro deve-se processar num sistema de abertura para que as experiências possam começar na hora primeira e cada um comece logo a ter uma certa noção de liberdade. E esse é o ponto primeiro, mas com todas as crianças. Refiro um caso que pude constatar no Instituto de Pesquisas Educacionais, em Pernambuco, um caso que me parece interessantíssimo: um grupo de meninos da classe infantil tinha, como é costume, necessidade de escolher um jardineiro. E foram prevenidos de que deveriam escolher um menino dentre eles que soubesse não só colaborar com todos mas que também vigiasse o pequenino jardim, onde eles cultivariam flores. E foram avisados com 10 dias. E durante 10 dias essas crianças andaram a cochichar, a ver, a combinar entre eles, a formar dois grupos e, mais ou menos, já se sabia qual era o grupo maior e, portanto, já se sabia qual seria o jardineiro, o menino encarregado também do pequenino jardim. Havia meninos ali da região, como é óbvio, mas aconteceu que dois dias antes da eleição, entrou um novo menino, tratava-se dum menino japonês. O menino entrou, foi apresentado e processou-se a eleição. O menino escolhido foi o japonês. Como sabemos os japoneses no Brasil dedicam-se, especialmente, á agricultura. Na turma não havia nenhum menino japonês. Aqueles meninos souberam decidir sobre a hora certa, a pessoa certa. Eu penso que a fome, a apetência, que os povos de todos os quadrantes têm, de leituras, de notícias, pode ser ilustrado pelo caso dos aparelhos de rádio e por um outro caso fácilmente verificável, que é a leitura de livrinhos feita ao ar livre por rapazinhos que sabem português e que se abrigam nas horas vagas, em especial, á noite, sob os candeeiros das cidades africanas e lêem, página a página, e traduzem para os que só conhecem as suas línguas nativas para o grupo, que ás vezes é de dezenas, que está religiosamente a escutar. Não há ninguém por essa Africa fora, e eu exemplifico com os dados colhidos especialmente em Moçambique, que é a parte que conheço melhor, conheço bastante bem Moçambique, e eu verifiquei como um livro circula. Não há nenhum rapazinho que saiba ler português que não tenha um livro e que não faça exactamente esta operação de leitura e tradução para o imenso grupo. E quando periódicamente cada um desses regressa ás suas povoações, repetem nas suas povoações essa leitura. Parece-me, portanto, que é preciso é um desenvolvimento, uma activação, uma dinamização deste exercício de dádiva, de recepção e de equação. Mas, por meios devidamente estudados, por meios vivos. Eu queria referir por exemplo o trabalho da telescola mas não como o programado e realizado entre nós. Considero a nossa uma das ofertas mais nefastas que possa fazer-se ás populações. É um meio de ensino que apresenta meia duzia de pessoas, talvez 10, talvez 15, talvez 20, desregionalizadas, a falarem para um território imenso, para pessoas de várias idades que estão metidas em salas, possívelmente alienadas daquele direito de movimento, de actuação e até de distracção, muitas vezes enquanto se aprende a pessoa é colhida por isso.

RUI BELO — A minha intervenção anterior situou-se fundamentalmente em dois planos — uma pequena observação, ao princípio, sobre o ensino, coisas pensadas á ultima hora, e outra sobre a situação do escritor português. Eu acho que no primeiro aspecto, quanto ao ensino, afinal foi bom que eu dissesse uma coisa com que afinal, raciocinando agora, não estou bem de acordo. Foi quando falei da extensão das bolsas. Eu compreendo que as bolsas de estudo sejam afinal um rebuçado e que tenha muito maior sentido conseguir que o ensino seja gratuito. Simplesmente, eu acho também que, para além do ensino ser gratuito, é preciso estender esse ensino geográficamente. Porque o que muitas vezes aumenta o orçamento doméstico, não é tanto o custo do ensino como também a pensão que os pais pagam para manterem os filhos longe do lar, a estudar. Eu ainda queria, quanto ao outro plano da minha intervenção anterior, quanto á situação do escritor, referir-me a certas condições da cultura presente. Por exemplo, o que se dá na poesia — a existência de um certo barroquismo — e reflectir em que medida esse barroquismo não será uma consequência da existência da censura e do perigo eventual, ou não tanto eventual como isso, da apreensão dos livros. As pessoas, para dizerem o que querem dizer, dão voltas, recorrem a circunlóquios, porque têm medo que os livros sejam apreendidos ou que sofram cortes. De maneira que eu vejo um grave obstáculo na existência da censura. Com censura prévia, com apreensão de livros, não é possível existir uma cultura verdadeira. Temos necessáriamente de suprimir a censura se quisermos que haja cultura livre em Portugal.

LINDLEY CINTRA — Sem retomar o assunto que já foi muito tratado de acesso ao ensino, e agora completamente de acordo com o que acaba de dizer o Rui Belo, gostaria de prolongar um pouco e talvez completar o que ele afirmou no que se refere a certo «barroquismo», segundo a sua própria expressão, eu falaria talvez antes em hermetismo, que tende a surgir e a desenvolver-se num certo numero de escritores novos. Ele atribuiu-o á censura, á necessidade de evitar uma expressão directa, e não duvido que na existência da censura, na existência desta pressão, possa estar uma das razões desse hermetismo. Mas, vejo outra, e talvez para mim mais importante, no próprio facto de estes escritores novos terem alcançado um nível cultural muito elevado, equivalente ao que poderiam alcançar noutro país civilizado da Europa, e aspirarem a dirigirem-se a um publico que tem um nível cultural igual ao deles ou que está próximo do deles; ora esse publico, em Portugal, vem a ser constituído só por um círculo muito restrito. E assim voltamos ao problema da minoria que participa de um determinado tipo de cultura. Estabelece-se um círculo fechado entre o produtor de literatura, que fornece aquilo que interessa a uma élite muito restrita e essa élite que recebe esse produto, o lê e o aceita e elogia (ou rejeita).

Ao contrário do que se passa, como acabamos de ver, com o Rui Belo, há muitos destes jovens em quem não se manifesta a preocupação de se tornarem inteligíveis, de estabelecer a comunicação com um publico mais vasto. Escrevem para si, escrevem para os outros que são capazes de os compreender, lamentam, por vezes muito sinceramente, que a maioria do povo português não seja capaz de os compreender, mas, perante esse facto, não encontram uma solução ou julgam que não há uma solução á vista. Ora, eu penso pessoalmente que há solução. Que há uma solução que teria de vir da convergência de um esforço desses escritores jovens com uma política de elevação do nível cultural da população. Uma politica que conduzisse áquela comunicação a que há pouco aludia o dr. Sylvan. Nessa política de elevação geral do nível cultural do povo, da capacidade de compreensão e de aceitação de determinada literatura, de determinada arte, podia ter um papel fundamental, como o dr. Sylvan já o disse (e apontou casos concretos), a Rádio, e eu acrescentaria: sobretudo a Televisão. Infelizmente, a Televisão portuguesa, como sabemos, durante muito tempo esteve e ainda hoje está longe de corresponder áquilo que se pode-

al — limitações e perspectivas

ria exigir dela. Pelo contrário, em lugar de alimentar o interesse cultural do povo, esse interesse que muitas vezes está mais desperto — e não só em Moçambique ou em Angola, como nas províncias de Portugal, nas pequenas vilas e aldeias portuguesas — está mais desperto do que podemos imaginar, para alimentar esse interesse cultural, a Televisão tem fornecido em abundancia produtos de um nível baixíssimo, programas literários por vezes vergonhosos, programas musicais que não o são menos, sobretudo, os de cançonetas e de musica ligeira, programas que deveriam ser de uma vez e para sempre banidos daquilo que se dá a conhecer a um povo cuja cultura se quer elevar. A mesma coisa em relação ao chamado «folclore». Palavra tão mal usada pela Televisão, e não só pela Televisão mas por outros organismos oficiais portugueses que quase me custa a pronunciá-la aqui, neste momento. Em relação á cultura tradicional (musical e literária), o que tem sido apresentado nos programas chamados folclóricos da Televisão corresponde á falsa tradição, muitas vezes áquilo que tem menos valor. Não tem havido nenhum critério seguro na escolha e na orientação geral. O que se tem apresentado é geralmente deformador do gosto, quando a Televisão poderia ter um papel importantíssimo como instituição formadora dum sentido estético esclarecido. No que se refere ao próprio contacto entre o escritor e o povo, acho que valia a pena fazer uma referência ás limitações que têm existido tanto na Rádio como na Televisão. Felizmente que nos ultimos tempos já se chegou a uma ligeira «abertura á esquerda», já se chegou, por exemplo, aos escritores que têm aparecido no programa «Convergência». Mas quantos são os escritores que nunca viram o seu nome citado na Televisão, quantos são aqueles, e em muito maior numero, que nunca apareceram para que o publico português os conhecesse? Quando é que veremos na Televisão aparecer José Gomes Ferreira, José Rodrigues Miguéis, Manuel da Fonseca, para não falar já de escritores como Carlos de Oliveira, Urbano Tavares Rodrigues, Sophia de Melo Breyner, Cardoso Pires, Abelaira, Mário Dionísio, Maria Judite de Carvalho ou historiadores e ensaístas como Vitorino Magalhães Godinho, Joel Serrão, Oscar Lopes e tantos outros consagrados e de outra geração, como Ferreira de Castro e limito-me a citar alguns exemplos, mas particularmente chocantes. Também gostaríamos que aqueles escritores de Angola, de Moçambique, de Cabo Verde, que querem fazer ouvir uma voz original, enraizada na sua cultura própria, pudessem aparecer e, limitar-me-ei a citar um nome, o de Baltazar Lopes, escritor cabo-verdiano, poeta e autor de um dos melhores romances da literatura portuguesa contemporanea, «Chiquinho». Outros nomes me ocorrem, naturalmente, mas não me parece que valha a pena pronunciá-los aqui, dada a antecipada certeza de que não apareceriam na versão impressa desta mesa-redonda.

RUI BELO — Eu tinha nesta altura três pontos a focar. Em primeiro lugar, não se falou ainda aqui de um verdadeiro atentado contra a cultura, contra a vida intelectual neste País, que foi a extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores. Considero que foi um verdadeiro atentado. As verdadeiras razões por que ela foi extinta estão ainda encobertas, mas espero que tudo se venha a esclarecer devidamente, que possa haver convívio entre os escritores, que haja um organismo que os defenda e que eles se possam ver amplamente representados. Em 2.º lugar, eu efectivamente considero que a comunicação não é a preocupação do escritor quando escreve. Eu considero que existe um espaço de criação e que existe um espaço de circulação e que são dissociáveis. Entendo que, em arte, interessa mais «o como» do que «o que». É no «como» que reside a natureza da verdadeira obra de arte, embora interesse que o escritor tenha uma mensagem válida. Eu lembro-me duma frase do Manuel Bandeira, em que ele mais ou menos, diz o seguinte: «Andam por aí a falar de mensagem, como se não importasse dar consistência, intensificar realmente o como se diz para que essa mensagem seja mais duradoura e seja permanente». Em 3.º lugar, eu queria referir-me ao livro, ao livro português, não propriamente ao livro em língua portuguesa, porque o livro editado no Brasil tem uma grande difusão em Portugal. Mas queria, como pessoa desde há muito ligada ao livro e a editoras, abordar este verdadeiro problema: os editores portugueses devido ás mesmas condições de vida que já aqui foram apontadas, principalmente condições económicas, diminuto acesso do povo á cultura, têm de fazer tiragens reduzidas e, portanto, o livro sai muito mais caro. E, sendo mais caro, as pessoas não têm poder de compra para adquirir os livros. É um verdadeiro círculo vicioso. Não podemos, em Portugal, nas condições presentes, pensar na existência de um autêntico livro de bolso.

MODERADOR — Acho que podemos fazer já um ponto provisório á nossa conversa. O País encontra-se num estado notório de subdesenvolvimento económico e cultural. No caso da maioria, a larga maioria de que aqui se falou, há uma apetência que corresponde de facto a um direito — o direito á instrução e á cultura, mais ou menos referido nos documentos-base das três comissões eleitorais representadas nesta mesa-redonda. É claro que essa apetência cultural, como o dr. Sylvan há pouco referiu, vê-se a nível infantil (a criança tem realmente uma sede de conhecimento muito grande, e a solução está no aumento da escolaridade obrigatória, gratuita evidentemente), e também no adulto. No caso do adulto, e o dr. Sylvan referiu alguns casos muito curiosos, há que fazer um esforço interno de recuperação. Estou a lembrar-me da Campanha de Educação de Adultos, que deu resultados que um crítico já chamou simplesmente «estatísticos». Parece haver-se criado uma camada de semiletrados e mais nada, acrescenta o mesmo crítico. Entretanto, por uma deformação especial nossa, temos estado a falar com certa largueza do papel do escritor. Repare-se, no entanto, que as populações rurais, para só falar nelas, nunca dispuseram de aptidões nem de tempo para ler. Mas têm tempo para ver televisão. Queria por isso sublinhar este papel importante dos meios audiovisuais. São um dado novo.

FERNANDO SYLVAN — Eu penso realmente que numa sociedade, em tantos aspectos atrofiada, o escritor português não pode aplicar em pleno o seu exercício. Há um certo medo, mesmo sem dar-se conta. Claro que excluo os escritores de águas turvas, esses estão sempre á vontade, escrevem o que querem, o que só querem porque querem muito pouco. O verdadeiro escritor português está sujeito a uma alienação, alienação constante, por não poder fazer o que quer, dizer o que quer, mas ter que dizer só o que pode passar. Ainda em relação ao problema da TV, eu penso que a quantidade de programas falados em línguas estrangeiras, como são os filmes, que constituem um grande prejuízo para todos nós e principalmente para a massa em geral. Os filmes são falados em inglês, muitas vezes em francês, outras vezes em alemão. O facto de não haver dobragem, implica graves limitações. Para a Televisão, deveria ser obrigatória a dobragem porque nós apresentamos pouquíssimos trabalhos em português, e esses pouquíssimos ainda são filmes. E, muita vez, ainda são falados em português do Brasil que vai tendo aceitação e, é claro, é português, mas que não é o mais conveniente para nós. Ainda queria dizer alguma coisa em relação ao combate ao analfabetismo. Produto dessa campanha, dessa actividade, há uma percentagem, com certeza, perigosa de pessoas que não conseguem entender o que lêem se não tiverem prévio conhecimento dele. Quer dizer, a pessoa pega num jornal, lê e percebe, mas é preciso que já tenha ouvido o assunto porque se for a apreensão pura do assunto, os seus conhecimentos, a sua preparação realmente não dá para entrar no assunto. Voltando ao escritor português penso que enquanto não se resolver o caso político da sociedade portuguesa não surgirão verdadeiramente muitos escritores com perspectiva, aqueles que possam arrastar o leitor, a alcançar-se num plano de ansiedades, de apetências, de compreensão de um mundo novo e dum desejo de transformação profunda em serviço ás gerações que estão para vir ainda.

LINDLEY CINTRA — Noto que, se mencionarmos os vários meios de promoção cultural na conversa que fomos tendo ao longo desta tarde, houve alguns que não ficaram suficientemente sublinhados. Insistimos, por exemplo, no aproveitamento da TV e a esse respeito gostaria de acrescentar que, no que se refere á telescola a que aludiu o dr. Sylvan, um bem organizado programa de telescola, com monitores devidamente preparados nos locais de recepção, podia ter, evidentemente, um papel muito importante. Mas, além disso, e deixando por uma vez o papel da TV, há a realização de sessões, conduzidas por animadores culturais. O animador cultural é hoje um elemento de todas as sociedades civilizadas, é alguém que tem uma preparação técnica especial, é um especialista, precisamente no campo da promoção cultural. Infelizmente, no que diz respeito ao campo da animação cultural, em Portugal, ainda estamos no princípio. Outro meio de promoção cultural a que não se chegou a aludir nesta conversa, e que muito brevemente eu queria recordar, é o teatro. O teatro ou certo tipo de teatro didáctico, diante do qual se têm levantado, tantas e tantas dificuldades nos ultimos anos, quanto á escolha de repertório, quanto a possibilidades financeiras. Para que servisse de meio de elevação do nível cultural do País, não devia limitar-se a ter uma actividade constituída pela representação em salas fechadas. Deveria ir ao encontro do povo, devia ser um teatro ambulante, com um repertório adequado. Um teatro deste tipo, como o que em tempos Garcia Lorca concebeu, em Espanha, nos anos imediatamente anteriores á guerra civil, um teatro que percorresse o País e fizesse representações no próprio seio do povo, no próprio centro das localidades ao ar livre, ou em lugares apropriados, podia ter sem duvida um papel muito importante na correcção de muitas falhas da actual formação cultural portuguesa.

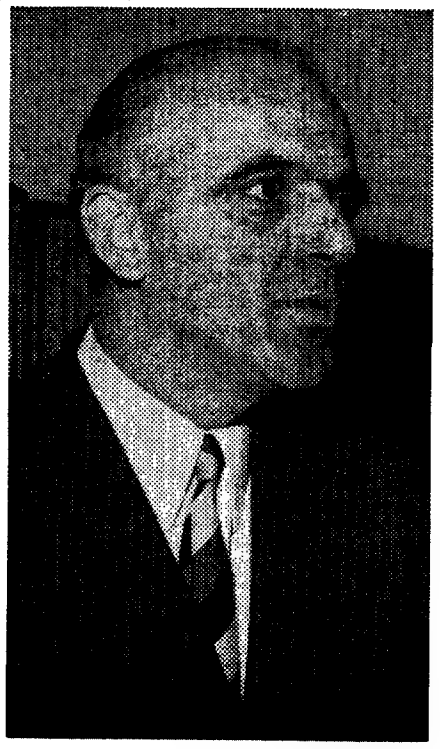
Rui Belo

Fernando Assis Pacheco

FERNANDO SYLVAN — Ainda queria fazer uma referência ao ensino da filosofia ou á falta do seu ensino. A filosofia dada nos liceus e até mesmo nas universidades é mesmo uma filosofia de ensino, não uma filosofia de aprendizagem. Os estudantes não se exercitam em pleno em relação aos temas filosóficos. Aprendem o que se lhes ensina, e nós estamos a pensar nos compêndios da filosofia do 3.º ciclo, que arrastam os estudantes para uma série de prisões sucessivas, normas, em parte, sem duvida, necessárias, mas que não lhes permite uma certa liberdade de pensar. Ora, não entendo que a filosofia seja outra coisa senão filosofar, mas, por outro lado, entendo também que o contacto com a filosofia, ou antes a autoridade de filosofar deveria ser apreendida pelo estudante desde muito mais cedo. É preciso dar prática ao pensar. Ao pensar e, portanto, ao falar e conviver. Há que defender a língua portuguesa. Ao extremo, em toda a parte. Outro problema fundamental é o da circulação do livro português circular em todo o espaço português. Ora um livro editado entre nós não pode viajar no nosso espaço em busca do leitor ou ao encontro do leitor. As dificuldades de transporte e seu custo são tantas que o circuitam. Depois, os livreiros e editores não podem ser reembolsados em tempo próprio por dificuldades nas transferências de fundos do ultramar para aqui. Por que não criar tarifas postais especiais para os livros?

MODERADOR — Todos lamentamos com certeza que se ponha aqui mesmo ponto final á nossa conversa. O tempo concedido era francamente escasso para um tema tão extenso. De qualquer maneira parece-me que abordámos com relativa profundidade o problema essencial e a maioria dos seus aspectos particulares. O «Diário de Lisboa» sente-se muito grato pela colaboração do prof. Lindley Cintra, do prof. Fernando Sylvan e do dr. Rui Belo, e o moderador recorda uma referência que leu algures, segundo a qual «vemos frequentemente ser pedido, com a má fé dos que pedem sem o pretender, um diálogo aberto sobre os problemas e aspectos considerados essenciais». Afinal, estivemos todos aqui de boa fé. E dialogámos.

Fernando Sylvan



Luís Lindley Cintra

A sessão de propaganda da U. N. em Sintra

(Continuação da 1.ª página)

ocar pela boca do seu «leader», professor-agitador bem conhecido». Falou, depois, de «oposicionistas-socialistas» e oposicionistas-comunistas» e afirmou mais adiante: *«Respeitamos os nossos adevrsários políticos quando o merecem; e ninguém é perseguido por professar ideias contrárias».*

O candidato Casal Ribeiro fez ainda mais considerações sobre o momento eleitoral e, a propósito da Oposição, disse que *o alvo a atingir é esse homem genial, que a doença roubou á governação e que em São Bento vive de recordações».* E depois: *«Mas a Pátria não é um palco onde possa representar-se o drama da sua autodestruição; a Pátria não se discute, nem tão pouco a segurança em que ela vive pode ser destruída, ou sequer afectada».*

O DISCURSO DO CANDIDATO FRANCO NOGUEIRA

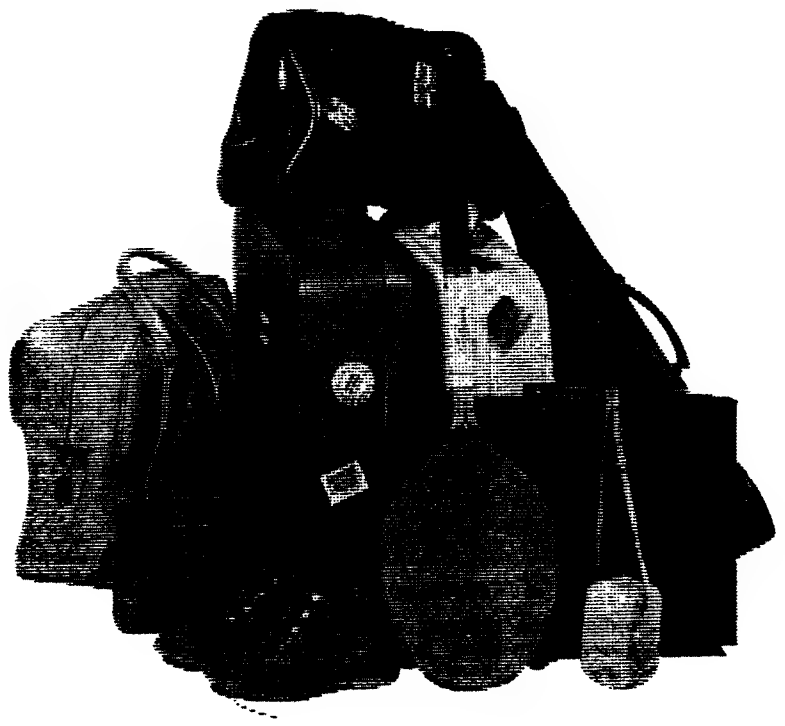
No seu discurso, em que focou, essencialmente, o problema ultramarino, o dr. Franco Nogueira começou por defender a utilidade em *«sublinhar alguns aspectos fundamentais do debate em curso na Nação»*, tendo afirmado: *«Há que fazê-lo serenamente, lucidamente, desprendidos de qualquer emotividade. Sei que é difícil, pois foram postos em causa os interesses supremos e permanentes do País. Será assim mais do que hamano que acaso nos possamos perturbar».*

Após algumas considerações iniciais, o dr. Franco Nogueira entro uno desenvolvimento do tema do seu discurso, tendo afirmado: *«Mas caberá perguntar em que consiste essa política nacional. Na conjuntura histórica que atravessamos, afigura-se-me que a pergunta sómente comporta uma resposta válida: toda a nossa política nacional, neste momento, deve ser orientda no sentido da manutenção e defesa do Ultramar. (...) Não se trata apenas de acautelar os nossos direitos, ou de respeitar os nosso valore morais, ou de sermos fiéis a uma tradição, por eminentemente respeitada que tudo seja como é. Trata-se de sermos realistas e progmáticos, e de vermos, a essa luz, onde estão os nossos intereses».*

O dr. Franco Nogueira referiu-e, depois, á situação geográfica de Portugal na uropa e invocou razões históricas tendo concluído: *«Não é fácilmente concebível que os portugueses estejam em erro há cinco séculos, não é tão pouco plausível que, sem se haverem modificado os dados de facto nem alterado o condicionalismo geográfico e político, alguns hajam de subito descoberto uma outra verdade».*

A encerrar a sessão, falou o eng.º Jorge Coimbra, presidente da Comissão Distrital da U. N. de Lisboa. Referiu-se ao momento eleitoral, á política de Marcello Caetano que sucedeu a «um homem de génio» e ao problema ultramarino. Disse que o povo português está *«altamente politizado no melhor sentido da palavra»* e que *«iremos reafirmar perante o mundo que nos olha atento e cobiçoso, a nossa inquebrantável vontade de prosseguir na obra encetada há mais de 40 anos».*

No final, a assistência cantou o Hino Nacional.



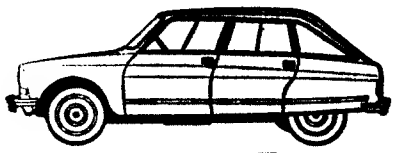
Já projectou o seu fim de semana?

o ami 8 sabe que V. conta com ele

Tanto faz que tencione dar um **passeio de muitos** Kms. como uma **pequena voltinha** na sua região. **Para o AMI 8 é** indiferente. Ele **quase só lhe pede o prazer de ser conduzido por si! De resto é** infatigável. **Corre por vales e montanhas, estradas boas e más, leva-o à praia ou ao campo.** Sempre a andar. De vez em quando **é preciso** também meter gasolina. **Mas** isso é tão raro que V. quase se esquece. O seu reservatório para 32 litros dá-lhe uma autonomia de cerca de 500 Kms. a uma velocidade média de 80 Km/hora, já que o seu consumo pouco ultrapassa os 6 litros.

Normalmente V. não tem pressa quando passeia no fim de semana, mas nós sabemos que de vez em quando gosta de acelerar um nadinha... Verá então a velocidade que o seu AMI 8 consegue manter graças ao seu refrigerador de óleo.
125 Km./h.; 6,5 litros à média de 80 Km./h. Isto é o AMI 8

GARANTIA SCD SEGURO DE CAPITAL DECRESCENTE



Das margens do Sena... com o «charme» de Paris.

ami 8 CITROËN

AGENTES CITROËN EM PORTUGAL:
ABRANTES - Rossio ao Sul do Tejo; ALCOBAÇA; ANGRA DO HEROISMO (Açores) Rua Rio de Janeiro, 41; AVEIRO - Av. Dr. Lourenço Peixinho, 203; BEJA - Rua Eng.º Aires da Fonseca; Rua 5 de Outubro; BRAGA - Av. Marechal Carmona, 530; BRAGANÇA - Rua Alexandre Herculano, 15-19 e 61; CALDAS DA RAINHA - Rua Tenente Coronel Santos Costa, lote 22; CASTELO BRANCO - Av. Marechal Carmona, 22-A e 22-B; Rua Amato Lusitano, 11; COIMBRA - Rua do Carmo, 72; COVILHÃ - Largo S. João de Malta; ELVAS - Rua Oliveça, 26-B; ÉVORA - Rua S. Tiago; Rua do Raimundo, 90 e 90-A; FARO - Rua do Alportel; FUNCHAL (Madeira) Rua da Rochinha, 66-A; GOUVEIA - Av. Dr. Oliveira Salazar; GUARDA - R. Batalha Reis, 2; LAGOS - Rossio de S. João; LEIRIA - Av. Heróis de Angola, 45; LISBOA - Av. Praia da Vitória, 9; Av. Fontes Pereira de Melo, 47-A; Rua Filipe Folque, 8-B; Av. Defensores de Chaves, 12; Rua Rodrigo da Fonseca, 90-A; Av. Guerra Junqueiro, 7-A e B; Av. Marconi, 4-A; Rua Abilio Lopes do Rego, 2; MANGUALDE - Apartado 12; MAFRA; MONTIJO - Av. Corregedor Rodrigo Dias; MOURA - Largo José Maria Santos, 27; NELAS; OLIVEIRA DE AZEMEIS - Av. Dr. António José de Almeida; PONTA DELGADA (Açores) Rua dos Mercadores, 77-85; PORTALEGRE - Largo António José Lourinho, 16; Rua Lacerda Machado; PORTO - Av. dos Aliados, 199; Rua da Alegria, 668; SANTARÉM - Rua Alexandre Herculano, 11-15; SETÚBAL - Av. Combatentes da Grande Guerra, 56-57; Rua Dr. Anibal A. da Silva, 217; SINTRA - Av. Heliodoro Salgado, 3; TORRES VEDRAS - Rua dos Palomos; VIANA DO CASTELO - Ponte da Barca; VILA FRANCA DE XIRA; VILA REAL - Praça Diogo Cão; VISEU - Av. 28 de Maio, 97-103; Travessa da Meia Laranja.

Agenda das sessões de propaganda eleitoral

HOJE

DA OPOSIÇÃO

ALBERGARIA-A-VELHA — Da C. D. E. de Coimbra.

ALHANDRA — Às 21 horas, na R. Vasco da Gama, 67, da C. D. E. de Lisboa.

ALPIARÇA — Da C. D. E. de Santarém.

AMARANTE — Às 21 e 30, da C. E. U. D. do Porto.

ANADIA — Da C. D. E. de Aveiro.

LISBOA — Às 21 horas, no Centro Republicano José Estêvão (Alameda das Linhas de Torres), da C. D. E.

LISBOA — Às 21 horas, no Teatro Vasco Santana, da C. D. E.

LISBOA — Às 21 e 30, no Centro Republicano Fernão Botto Machado, da C. E. U. D.

MOSCAVIDE — Às 21 horas, no Centro Social, da C. D. E. de Lisboa.

ODEMIRA — Às 21 horas, na sala da Academia Recreativa, da C. D. E. de Beja.

OTA — Às 21 horas, no armazém de Emília Alves Monteiro, da C. D. E. de Lisboa.

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO — Às 21 e 30, da C. E. U. D. de Lisboa.

TORRES VEDRAS — Às 21 horas, no Teatro-Cine Ferreira da Silva, da C. D. E. de Lisboa.

VILA FRANCA DE XIRA — Às 21 horas, na R. de Santo António, 4-B. da C. D. E. de Lisboa.

DA U. N.

AGUEDA — Às 21 e 30, na Garagem Baptista (Vale de Grou).

GAIA — No pavilhão de hóquei dos Carvalhos.

MONCORVO — Às 18 horas.

VALE DE CAMBRA — Às 21 horas, no novo cinema local.

AMANHÃ

DA OPOSIÇÃO

AGUEDA — Às 15 e 30, da C. D. E. de Aveiro.

ALMADA — Às 15 horas, no Clube Recreativo de Sobreia, da C. D. E. de Setubal.

BARREIRO — Às 20 horas, no Clube Recreativo da Quinta da Lomba, da C. D. E. de Setubal.

ESTRIBEIRO (ABRIGADA) — Às 21 horas, na adega de Luís André, da C. D. E. de Lisboa.

EIXO — Às 21 horas, da C. D. E. de Aveiro.

ESTARREJA — Às 21 horas, da C. D. E. de Aveiro.

LISBOA — Às 21 horas, no Centro Republicano Botto Machado, da C. D. E.

LOURES — Às 19 horas, no Clube União Recreativa de S. Julião do Tojal, da C. D. E. de Lisboa.

LOURINHÃ — Às 21 e 30, da C. E. U. D. de Lisboa.

MOITA — Às 16 horas, na Sociedade Filarmónica Capricho Moitense, da C. D. E. de Setubal.

MOSCAVIDE — Às 16 horas, no Centro Social, da C. D. E. de Lisboa.

MOURA — Às 21 horas, da C. D. E. de Beja.

ODIVELAS — Às 21 horas, no Largo da Memória, 2-1.º, da C. D. E. de Lisboa.

OEIRAS — Às 21 horas, na Sociedade União Musical Escolar, da C. D. E. de Lisboa.

S. PEDRO DO SUL — Às 21 horas, da C. D. E. de Viseu.

VIDIGUEIRA — Às 16 horas, da C. D. E. de Beja.

VILA FRANCA DE XIRA — Às 14 e 30, na Quipta do Palyard, da C. D. E. de Lisboa.

VILAR (CADAVAL) — Às 21 horas, em casa de António Rodrigues, da C. D. E. de Lisboa.

DA U. N.

FIGUEIRA DA FOZ — Às 21 e 30, no Parque-Cine.

LISBOA — Às 21 e 45, no Teatro Laura Alves.

POMBAL — Às 16 horas, no Cine-Teatro.

Tudo o que é estável assenta numa **base**...

O novo Seguro de VIDA de **"A MUNDIAL"** oferece-lhe isso mesmo: uma **base** que o acompanha sempre, que é actualizável, adaptável às suas necessidades actuais e futuras.

Na nossa **Matriz de Planos de SEGURO BASE,** encontrará o plano que mais lhe convém, quer para a garantia do seu futuro, quer para a aplicação das suas economias!

Cada Segurado recebe, juntamente com a apólice, o **LIVRETE DE ACTUALIZAÇÃO**; cada folha deste **LIVRETE** deverá ser preenchida pelo Segurado, quando julgar conveniente e enviada ao Departamento de Análise de Planos de **"A MUNDIAL"**, que estudará a sua situação nesse momento e dará a conveniente sugestão de adaptabilidade do seu **SEGURO BASE**.

Na base do seu futuro

UM NOVO SEGURO DE A MUNDIAL

intacto

Uma carta da C. E. U. D. de Lisboa

Recebemos da C. E. U. D. de Lisboa a seguinte carta:

No vosso jornal de 17 do corrente foi publicada uma nota da Presidência do Conselho na qual parece depreender-se que na noite de tumultos fora passada fora agredido nesta cidade um dirigente da C. D. E. de Lisboa.

Pela pessoa agredida, a referida nota da Presidência do Conselho faz referência, é o dr. Urbano Tavares Rodrigues, que não é adepto da C. D. E. de Lisboa mas sim membro da Comissão Coordenadora da C. E. U. D. de Lisboa e candidato a deputado pela lista unitária da Oposição Democrática de Beja.

Mais: o dr. Urbano Tavares Rodrigues foi agredido à saída de uma sessão de propaganda eleitoral da C. E. U. D. de Lisboa, no Teatro Vasco Santana, de cuja mesa fizera parte.

Pedimos a V. Ex.ª que, nos termos da lei, seja publicada esta nossa resposta.

Pela Comissão Coordenadora da C. E. U. D. (Lista B) a) *Gustavo Soromenho e Joaquim Catanho de Meneses.*

«A agricultura do Algarve não pode progredir ou subsistir com os recursos de que dispõe»

— afirmou um candidato oposicionista

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 18 — Na ampla sala do Lusitano Futebol Clube que se encontrava repleta de pessoas e ornamentada com bandeiras nacionais e dísticos alusivos ao momento eleitoral, realizou-se a anunciada sessão da C. D. E. a que presidiu o sr. Joaquim Baptista Pedro Correia, membro da comissão local, que começou por pedir um minuto de silêncio em homenagem aos democratas caídos pelo seu ideal. Lembrou a última sessão de propaganda eleitoral que decorrera naquela mesma sala, em 1957, para apoiar a candidatura do general Humberto Delgado e fez, depois, o confronto da situação de Portugal com os dos outros países europeus no campo de nível de vida, do ensino, das capitações de vária ordem, perguntando a quem se devia o atraso em que nos encontramos.

Seguiu-se no uso da palavra o dr. Vasco Gracias, que saudou a população local como guarda de honra da verdadeira Democracia pela sua posição geográfica, evocou a figura do marquês de Pombal e citou a actividade do grupo «Amigos de Olivença», que tem sido diminuída para não se evidenciar o seu interesse patriótico, como se fizera com os feriados do 5 de Outubro e do 1.º de Dezembro. Disse que nenhum oposicionista pensa em deixar o Ultramar e referiu a doutrina de adaptação do general Norton de Matos, que teria sido a mais indicada para ali vincar a nossa posição, e que as grandes empresas que exploram o Ultramar deveriam deixar uma parte dos seus lucros para a educação dos indígenas.

A seguir, falou o dr. Dias da Costa, que acentuou os interesses que se movem em torno da guerra ultramarina, perguntou por que, até hoje, tão poucos indígenas falam português e aludiu, também, ás desconsiderações de que os portugueses são alvo no estrangeiro, á precária situação da lavoura, á quebra da chamada «política da floresta», dizendo ser impossível á lavoura algarvia progredir ou subsistir com os recursos de que dispõe. O orador aludiu, ainda, ao pouco que se tem feito no ensino, para que hoje tenhamos mais de 40 por cento de analfabetos, o luxo que representa a frequência do ensino superior e as dificuldades do professor primário, devido ao seu baixo ordenado. Citou, ainda, o problema das comunicações desta província para o resto do País e aludiu ao caso desta vila, que, magnificamente situada, na foz de um dos maiores rios da Península, constituindo um centro turístico internacional de nomeada, e tendo as indústrias da pesca e das conservas (que deviam ser ajudadas) nem sequer dispõe de um porto em condições.

Falou, depois, o dr. Luís Filipe Madeira, que disse viver o País na sua maior crise de todos os tempos, incovando o precário estado da agricultura, o «déficit» da siderurgia e o atraso do ensino. O qual, nas Faculdades de Ciências, ainda segue programas elaborados em 1911. Referiu, depois, os valores portugueses que têm sido postos á margem, a falta de quadros docentes nas escolas e ao auxílio que a Fundação Gulbenkian tem prestado nos últimos anos na difusão do ensino.

Seguiu-se o arquitecto José Paulo Veloso que citou a última entrevista concedida pelo prof. Salazar a um jornalista estrangeiro e suas palavras sobre o actual Presidente do Conselho; aludiu ás circunstancias em que se teria dado a morte do general Humberto Delgado, as dificuldades de habitação no País, nomeadamente em Lisboa e o nosso grau de mortalidade infantil que é o mais alto da Europa.

O orador salientou ainda as dificuldades postas ás comissões promotoras de voto e as causas da fraca percentagem de eleitores no País e, em especial nesta Província.

Falou, por fim, o dr. Campos Lima, que disse ser o dr. Vasco Gracias a mais representativa figura de democrata do Algarve, criticou a política de espírito do Governo, que não deixa ouvir a voz dos seus melhores intelectuais, vincando o papel impeditivo da censura.

Acabou o seu discurso com o brado de «Venceremos», repetido em coro pelos presentes.

Encerrou a sessão o sr. Joaquim Correia, e, no fim, foi cantado o Hino Nacional.

ESTA É A SUA FUTURA CASA

(VISTA POR CIMA, CLARO!)

PARQUE RESIDENCIAL DAS MERCÊS

ANDARES DESDE 17o.ooo$oo COM 2, 3, 4, DIVISÕES ASSOALHADAS

O BANCO TOTTA-ALIANÇA — ONDE O COMPRADOR DEPOSITARÁ OS VALORES DA SUA ENTREGA INICIAL — PRESTA A SUA COLABORAÇÃO OFERECENDO-LHE, A PAR DO SEU SERVIÇO TRADICIONAL, A GARANTIA DO REEMBOLSO, CASO A VENDA EFECTIVA NÃO SE REALIZE POR FACTO IMPUTÁVEL AO VENDEDOR.

*

INSCREVA-SE DESDE JÁ NA

SITURCO*

R. DO SOL AO RATO, 104, 2.º D. — LISBOA

Telefones: 68 12 28 • 68 09 59 • 68 22 54

* Incluída no grupo de EMPRESAS SEPULCHRE

sulp

BANHOS DE S. PAULO

ESTÂNCIA TERMAL ABERTA TODOS OS DIAS EXCEPTO AOS DOMINGOS, das 8 às 13 horas

Milhares de doentes beneficiam da acção das ÁGUAS SULFÚREAS DO ARSENAL DE LISBOA — as mais mineralizadas e sulfídricas, levemente radioactivas, reconhecidas como sendo das mais ricas da EUROPA — no tratamento de Reumatismos, Gota, Nevralgias, Ciática, Asmas, Sinusites, Faringites, Laringites, Rinites, Bronquites, Doenças da pele, Circulatórias e Hipertensão, Obesidade, Celulite, etc.

Travessa do Carvalho, 23 (a S. Paulo) ☆ Telefone 32 55 58

REUNIÕES DA U. N.

promovidas pela Comissão Eleitoral do concelho de Loures

Hoje, pelas 21,30 reunião em Camarate, com a presença do candidato a deputado, Dr. Pinto Leite.

Dia 19, pelas 21,30 horas, reunião em Odivelas com a presença do candidato a deputado, D. Maria Raquel Ribeiro.

Dia 20, pelas 21,30 horas, reunião em Sacavém, com a presença do candidato a deputado, Dr Pinto Leite.

Dia 21, pelas 21.30 horas, reunião em Póvoa de Santo Adrião.

Dia 22, pelas 21.30 horas reunião em Loures com a presença dos candidatos a deputados, Dr. Melo e Castro e Eng. Santos Castro.

A C. D. E. de Lisboa responde a acusações

«Não se está a «experimentar» um método democrático — está-se a vivê-lo»

Da Comissão Democrática Eleitoral de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Desde o início da sua actividade tem reivindicado a C. D. E. a singularidade em relação aos esquemas tradicionais da oposição política em Portugal de uma metodologia de acção que julga ser a mais adequada ao desenvolvimento de uma autêntica consciência democrática entre o povo português. Baseia-se tal metodologia numa constante legitimação da sua acção por parte de todos aqueles que constituem o movimento, através de uma multiplicidade de discussões de base — comissões de freguesia, sócio-profissionais, etc. — e de debates generalizados na Comissão Distrital. Aqueles que, em dado momento, surgiram deste processo como candidatos a deputados, como membros da Comissão Política, ou noutros órgãos responsáveis pela condução das actividades políticas do movimento, são portanto mandatários de opções democràticamente elaboradas e, em contrapartida, pela natureza mesma das funções que lhes foram atribuídas cabe-lhes apresentar propostas e documentos de trabalho para discussão nas comissões de base.

«Insinuações»

Vem isto, que é já aliás de amplo conhecimento público a propósito de certas insinuações ou acusações abertas que, de vários sectores têm sido feitas relativamente á actuação da C. D. E. Alguns a têm apodado de utopista, no sentido — pouco correcto, diga-se — de que pretenderia impor modelos pré-fabricados de soluções para os problemas portugueses que, como tal, nada teriam que ver com as realidades nacionais. Tais modelos no limite e como vai sendo hábito, seriam tenebrosas cópias de esquemas aplicados no estrangeiro e aqui chegados por vias inconfessáveis... Por outro lado, e curiosamente, vindo por vezes dos mesmos sectores, aparece uma acusação de «experimentalismo», a que julgamos poder atribuir o sentido de que o movimento se entregaria a um empirismo anarquizante, cada qual propondo as «suas» soluções de forma insusceptível de serem integradas num programa coerente que abrangesse a totalidade dos problemas e das actuações a empreender. Segundo esta crítica, a soberania dada ás comissões de base, constituídas na sua maioria por pessoas impreparadas politicamente e sem informação que não a da sua experiência quotidiana, levaria o movimento ao caos e á impotência.

«Discussão organizada»

Desde logo se afigura evidente a incompatibilidade entre estes dois tipos de crítica e isso é suficiente para demonstrar o erro de ambas. Com efeito, característica da tal metodologia que se referiu é que nem há «dirigentes» que impõem concepções pré-construídas ás bases, nem há bases que anárquicamente exijam a inclusão, num qualquer programa do somatório das reivindicações parcelares e desintegradas de cada indivíduo que as compõe. Há, sim, uma discussão organizada, permanente, e a todos os níveis das melhores formas de expressão e acção política, com base em documentos de trabalho constantemente melhorados pelo desenvolvimento do próprio processo. Tais documentos não constituem, pois, modelos dogmáticos, pois são precisamente elaborados para provocar a discussão e radicar nas realidades nacionais, na medida em que as bases os confrontam permanentemente com os seus problemas concretos e lhes imprimem o realismo mais fecundo. Mas, pela sua existência mesmo, eles disciplinam e enquadram a discussão, fazendo a cada um compreender a importância de uma visão de conjunto e as vantagens de um trabalho coordenado e organizado. Em resumo, não se está a «experimentar» um método democrático, está-se a vivê-lo.

Pela Comissão Política,
a) *João Bénard da Costa*»

OBRAS DE ASSINALÁVEL ACTUALIDADE NO PRESENTE MOMENTO POLÍTICO

COLECÇÃO PORTUGÁLIA

biblioteca de estudos sobre a vida portuguesa

a história • a cultura • a terra • os homens

Alguns volumes publicados:

JOSÉ ESTÊVÃO (o maior orador parlamentar português e um dos maiores da Europa oitocentista): **OBRA POLÍTICA**

Discursos parlamentares, Controvérsias e intervenções parlamentares, Artigos de Imprensa, Programas políticos, Discursos proferidos fora do Parlamento

Recolha, Prefácios e Notas de **José Tengarrinha** — 2 vols., 900 p., 110$00

CÉSAR NOGUEIRA: NOTAS PARA A HISTÓRIA DO SOCIALISMO EM PORTUGAL

A primeira obra de conjunto sobre o movimento socialista em Portugal, utilizando e transcrevendo documentos inéditos. — 2 vols., 650 p., 90$00

JOSÉ TENGARRINHA: HISTÓRIA DA IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA

Desde as «folhas volantes» quinhentistas até aos primeiros diários e à Imprensa política de 1910. — 1 vol., 350 p., 45$00

AUGUSTO DA COSTA DIAS: DISCURSOS SOBRE A LIBERDADE DE IMPRENSA/1821

Os textos das sessões, nas Cortes Constituintes de 1821, sobre o tema da Censura e Liberdade à Imprensa. Intervenções de Manuel Fernandes Tomás, Borges Carneiro, Abade de Castelo Branco, Francisco de Melo Breyner, etc. — **Um belo livro. Um alto serviço prestado à Cultura.** (Mário Sacramento). 1 vol., 580 p., 65$00

—) (—

PROSA DOUTRINAL DE AUTORES PORTUGUESES — II: ANTÓNIO SÉRGIO

Selecção, prefácio e notas de **Joel Serrão.** — Antologia que reúne a súmula do pensamento sergiano: «Como que a busca dum método...»; Problemas do homem português; Humanismo, Racionalismo e Universalismo. 1 vol. de 600 p., 65$00

—) (—

OBRAS DE BASÍLIO TELES

A reedição de algumas obras do notável pensador e ideólogo, grande vulto do movimento republicano, que soube ver com rara penetração os mais agudos problemas nacionais.

DO ULTIMATUM AO 31 DE JANEIRO (Esboço de história política) — Introdução de Augusto da Costa Dias — 390 p., 65$00

MEMÓRIAS POLÍTICAS — Com um longo estudo de Augusto da Costa Dias — 260 p., 55$00

PORTUGÁLIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA

S. R.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se publico que no Conselho Administrativo desta Direcção, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180-D, se encontram abertos os Concursos Publicos seguintes:

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
6/69-Aq	Cerca de 60 viaturas TG urbano comercial de 4 a 5 Ton.	100.000$00	7 NOV.	15.00

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 15 às 18 horas e aos Sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O Presidente do C. A.
JOSÉ DOS REIS RODRIGUES
Ten. Cor. do S. A. M.

NOVIDADE

A Legislação Eleitoral e sua Crítica

DR. JOSÉ DE MAGALHÃES GODINHO

QUAIS AS RAZÕES DA CRÍTICA ELEITORAL?

PREÇO 40$00

Em apêndice toda a legislação

Pedidos a

PRELO EDITORA

Rua da Misericórdia, 67, 2.º-Esq.º

Telef. 370691 Lisboa-2

ECONÓMICAS FINANCEIRAS

Importante empresa, admite, para secretariar direcção de serviços comerciais, candidato que reúna as seguintes condições:

— Activo
— Bem classificado no curso
— Gosto pelo estudo dos mercados
— Bons conhecimentos de francês, dando-se preferência a quem saiba também inglês

Indispensável indicar na resposta:

— Idade
— Situação militar
— Classificação de curso
— Ordenado pretendido

Ao Rossio, 11, ao n.º 3014.

VAMOS ESTUDAR MATEMÁTICA?...

1.º ano — 7.ª edição 2.º ano — 4.ª edição

Dezenas de milhares de livros vendidos nos princípios de Outubro

Devido à preferência que os Ex.mos Conselhos Escolares dispensaram a estas valiosas obras didácticas — e que ultrapassou as previsões mais optimistas — a **LIVRARIA AVIS** já providenciou para que, dentro de alguns dias, o mercado esteja novamente abastecido com estes dois livros de Matemática para o CICLO PREPARATÓRIO.

Livraria AVIS — Papelaria
R. de Avis, 10 — R. da Fábrica, 68 — PORTO

O COMÍCIO DA C. D. E NO SEIXAL

«As eleições são iguais às anteriores»

—afirmou um dos candidatos por Setúbal

SEIXAL, 18 (Do nosso enviado especial) — *Estas eleições são a repetição das anteriores* — afirmou o candidato a deputado Álvaro Monteiro Ribeiro (C. D. E. de Setubal) perante as seiscentas ou setecentas pessoas que assistiram ao comício levado a efeito ontem no Cinema do Seixal. Álvaro Monteiro foi o segundo orador da sessão, que decorreu com extraordinário entusiasmo. A assistência era constituída, na sua maioria, por corticeiros e empregados da Siderurgia Nacional

A abrir a sessão falou o sr João Cruz, empregado de escritório e membro da Comissão Democrática local. Começou por analisar as condições de vida dos trabalhadores, pedindo o direito á greve, a participação dos operários no lucro das empresas, o direito a uma boa assistência social «a tudo o que é assegurado nos países civilizados». Aludiu também aos problemas da habitação e da educação infantil.

«NENHUMA LEI BÁSICA FOI REVOGADA»

O candidato Álvaro Monteiro Ribeiro, depois de dizer que não precisava de apresentar-se porque «o povo não se apresenta ao povo», historiou a vida recente do Regime.

Referiu-se, depois, á natureza do Governo de Marcello Caetano, lembrando que não havia ainda sido revogada qualquer das leis repressivas do salazarismo e que, portanto, tudo estava na mesma.

Procedeu em seguida, á leitura do ultimo comunicado da C. D. E. de Lisboa — referente ao assalto.

Lembrou que Portugal era o País que possuía maior taxa de mortalidade infantil em toda a Europa, que havia 40 por cento de analfabetos entre os portugueses com mais de 15 anos (95 por cento nas colónias), que só 4 por cento dos que frequentavam as Universidades provinham das classes trabalhadoras.

Analisou, depois, a situação da industria corticeira, perguntando:

— *Porque não é a cortiça manufacturada em Portugal? Não há tantos braços á espera de trabalho?*

Referiu que não há em Portugal uma unica escola de técnicos corticeiros — sendo o País um dos maiores produtores de cortiça — e citou os baixos salários dos operários corticeiros. Finalmente, referiu-se á mulher portuguesa e á sua situação de dependência

FALA O DR. MALHEIRO

Seguiu-se no uso da palavra o candidato dr. José Malheiro da Silva, que começou por homenagear o sr. Agostinho de Sousa Gonçalves, presidente da sessão. Referiu, depois, as tradições do Seixal na luta democrática (a primeira associação livre de pensadores era seixalense), criticou o actual sistema administrativo, que não permite a eleição dos presidentes das Camaras, debruçou-se sobre os problemas da população operária e da população piscatória, e homenageou a memória daqueles que caíram na luta pela Democracia.

Durante a sessão falaram ainda os candidatos dr. António Tavares da Cruz e Joaquim Palmeiro Gonçalves e o escritor César Pratas

Gritos de «Vitória» e «Liberdade» encerraram o comício, já depois de cantado em coro o hino nacional

Os dirigentes do Partido Socialista Italiano que tomaram a iniciativa de se deslocar ao nosso País neste período eleitoral. A gravura documenta a sua presença na sessão da C. E. U. D. ontem efectuada no Vasco Santana

O comício da C. E. U. D.

(Continuação da 1.ª página)

período de violências impostas por «indivíduos não identificados» á sede da C. D. E e ao candidato desta facção Francisco Pereira de Moura, bem como ao candidato pelo círculo de Beja, jornalista e escritor Urbano Tavares Rodrigues.

«Não é difícil ao Governo fazer justiça se justiça quiser fazer», declarou.

«Precisamos de saber se o Governo tem força para manter a ordem ou está sujeito ás pressões dos ultras» disse Soares.

Mário Soares referiu-se ainda á política dos ultimos 40 anos, considerou que «a posição de estarmos orgulhosamente sós é profundamente reaccionária e vexatória» e fez ver que essa política levou a aliança de Portugal com «dois países racistas que são a vergonha da espécie humana: a África do Sul e a Rodésia»

Depois de comparar a campanha da Oposição Democrática e a União Nacional, o dr. Mário Soares comentou: os nossos adversários deram-nos um espectáculo tristíssimo.

«Encontrámos insultos e encontrámos ameaças. Assim, não!» disse a determinada altura, após ter criticado a «imparcialidade da R. T. P.»

A assistência aplaudiu, fortemente, também, a frase que o dr. Mário Soares pronunciou com um evidente propósito esclarecedor e como resposta às acusações de que a Oposição quer abandonar o Ultramar».

«Não queremos abandonar a África. O que queremos é arranjar uma solução política para o problema de África».

O dr. Mário Soares acabou a sua primeira intervenção da noite com um vibrante apelo de auxílio para a cópia das listas e da afluência às urnas no dia 26.

Seguiu-se no uso da palavra o candidato José Carlos Megre, que situou a sua intervenção na crítica ao discurso do dr. Caetano de Carvalho durante a cerimónia de homenagem ao dr. Moreira Baptista, pela passagem do primeiro aniversário como secretário de Estado da Informação e Turismo e na resposta de agradecimento a este mem-

Falou a seguir o dr. Manuel Belo, que fazia parte da mesa, e que se pronunciou sobre «O espaço unico português e a integração económica europeia.» O discurso deste nosso estimado colaborador publica-se oportunamente nas colunas do «Diário de Lisboa».

Usou finalmente, da palavra o arquitecto Mário Bruxelas que a determinada altura afirmou:

«Os interesses que dominam o País não poderam sobreviver se fossem submetidos um «controle» democrático.»

E acrescentou:

«Criticamos mais o Governo por aquilo que não faz e deveria fazer do que por aquilo que faz e está errado.

Apontou a incapacidade do Governo na resolução dos problemas que enumerou: emigração; agricultura; pesca e industria.

Disse ainda o arquitecto:

«Os portugueses trabalham e alimentam-se para sobreviver apenas.»

Preconizou, para a solução de todos os problemas nacionais a instalação do regime socialista no nosso País.

«Pretendemos uma sociedade democrática e socialista», disse.

Entretanto, o dr. Luís Francisco Rebelo leu uma mensagem de exilados portugueses no Brasil que foi muito aplaudida pela assistência; procedeu-se a um peditório que rendeu 7073$70, destinado aos fundos da campanha.

Seguiu-se o diálogo com o publico.

A Delegação do Partido Socialista Italiano era composta por um deputado, um membro do Comité central e por um dirigente das Juventudes Socialistas Italianas.

Presidiu á sessão o dr. Rui Belo que estava ladeado pelos restantes oradores e diversos candidatos a deputados. O dr. Rui Belo leu uma carta do dr. David Mourão-Ferreira que invocando razões pessoais, lamentava não poder estar presente como fora anunciado.

Uma equipa da Televisão alemã filmou a sessão e entrevistou o dr. Mário Soares.

A sessão em Ovar

(Continuação da 1.ª página)

dr Costa e Melo, que evocou a figura do dr. Augusto Chaves, afirmando que as suas virtudes se acham continuadas em seu filho. Prestou homenagem ao dr. Homem Ferreira, deputado na anterior legislatura, cuja honestidade de processos referiu. Afirmou, ainda que a U. N. anda a angariar votos de porta em porta

O problema da emigração foi um dos que o candidato dr. Carlos Candal tratou, a seguir da palavra, em seguida. Evidenciou, ainda, a falta de liberdade em que tem decorrido a presente campanha eleitoral e defendeu a necessidade de um diálogo aberto com o Povo, afirmando que tal diálogo seria mantido pela lista democrática de Aveiro, no caso de tomar assento na Assembleia. Dos candidatos da U. N. afirmou que apenas eram capazes de dizer «amen»

A livre criação de partidos políticos e a necessidade de uma amnistia para todos os presos políticos foram, também, temas abordados pelo candidato, que terminou a sua intervenção referindo-se ao Ultramar («onde se defendem os interesses dos grandes em primeiro lugar») e fazendo um apelo aos católicos para que intensifiquem a sua actividade democrática, dada a coincidência de pontos de vista entre a Doutrina da Igreja e alguns dos ideais democráticos.

Depois de um breve intervalo, preenchido com a actuação de Manuel Freire, falaram, ainda, os candidatos dr Álvaro Seiça Neves, Almor Viegas e Alcides Strecht Monteiro.

Foi, ainda, lida uma mensagem do dr. José Magalhães Godinho, na qual se afirma que «a Oposição se mantém heròicamente na luta» e que «irá até ao fim, numa manifestação de civismo, que tem de merecer o respeito de todos».

Por fim foi comunicado á assistência o envio de telegramas aos srs. Presidentes da República e do Conselho e ao ministro do Interior, exprimindo a repulsa da C. D. E. de Aveiro pelos assaltos perpretados contra a sede da C. D. E. de Lisboa e a agressão ao escritor dr. Urbano Tavares Rodrigues. Noutro telegrama, enviado ao governador civil de Aveiro, pede-se a sua intervenção junto do Governo, no sentido de serem processados judicialmente os autores da agressão a U. T. Rodrigues.

O assalto à C. D. E. e a agressão a Urbano Tavares Rodrigues

Despertou sentimentos de repulsa na maior parte das pessoas o assalto recente á sede da C. D. E., no Campo Pequeno, e a agressão de que foi vítima o escritor Urbano Tavares Rodrigues, nosso prezado camarada de Redacção e candidato oposicionista pelo círculo de Beja.

Muitos leitores se nos têm dirigido a manifestar o seu protesto nos termos mais inequívocos. Entre a correspondência agora recebida, figura um telegrama do escritor Ferreira de Castro que é do seguinte teor: «Protesto veemente contra agressão vosso ilustre redactor grande escritor Urbano Tavares Rodrigues e prof. Francisco Pereira de Moura bem como contra assalto C. D. E. Julgo ser já tempo de se tentar que Portugal pertença a todos os portugueses.»

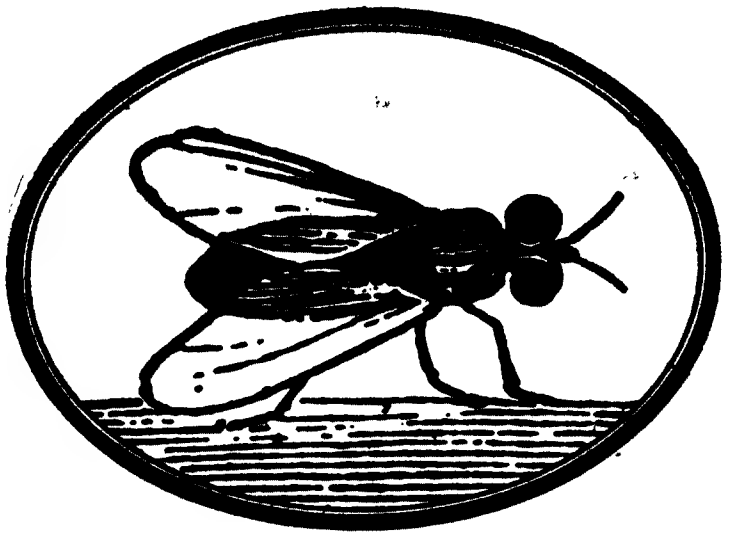
Também o escritor e jornalista Miguel Urbano Rodrigues, de São Paulo, nos enviou o seguinte telegrama: «Nome companheiros São Paulo peço transmita solidariedade candidatos democráticos e nosso repudio covardes atentados.»

Por sua vez, o tradutor Jorge Máximo Heitor escreveu-nos a manifestar «profunda indignação perante ataque de que foi vítima o escritor Urbano Tavares Rodrigues.»

DL MESA REDONDA

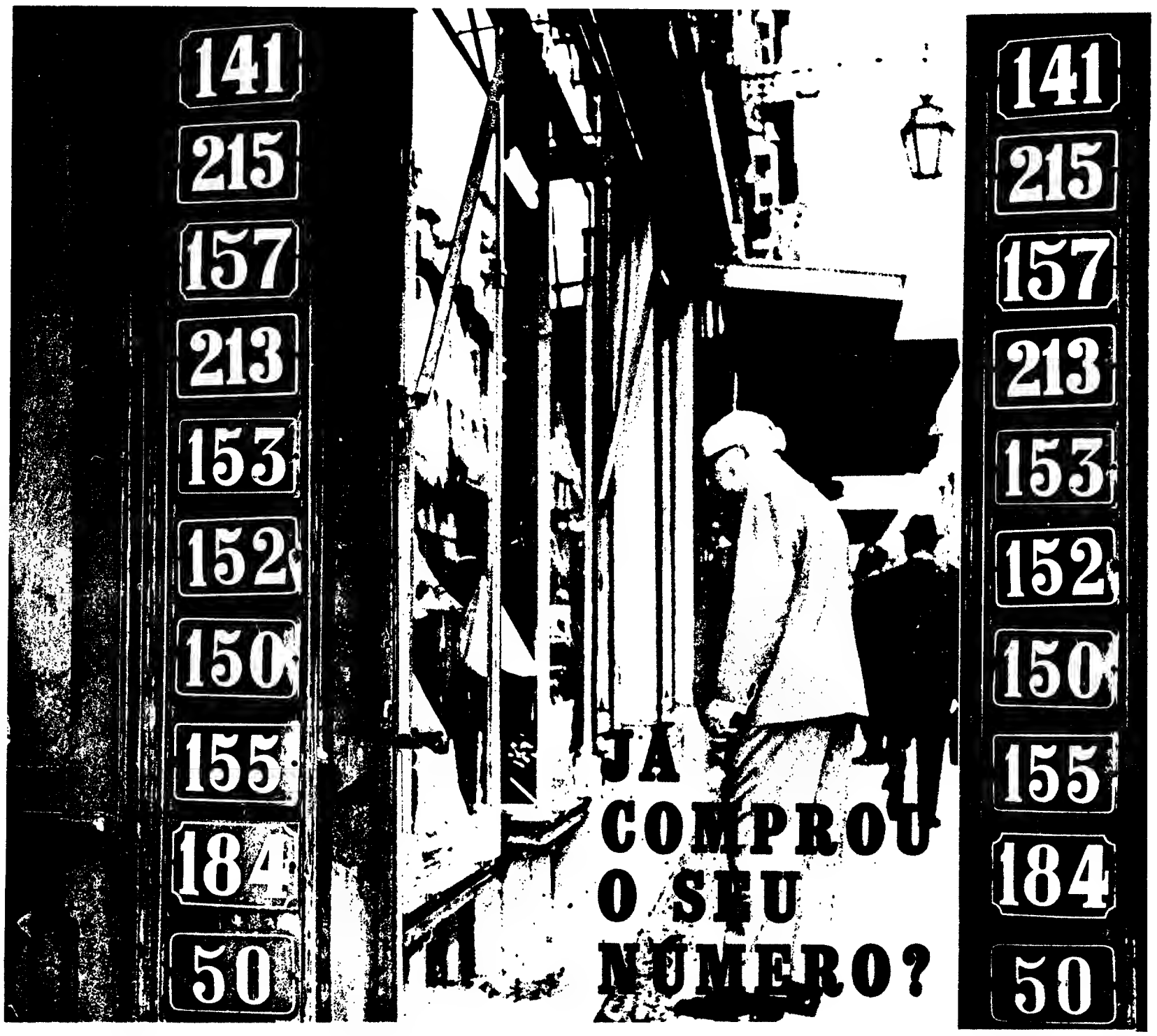
SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 18 DE OUTUBRO DE 1969

28



Ah, se eu fosse mosca...

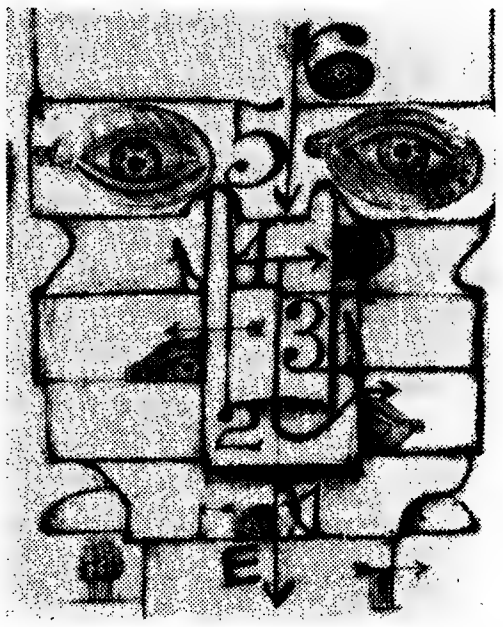
A MOSCA



JÁ COMPROU O SEU NÚMERO?

COMPRAR QUALQUER COISA É UM ACTO VULGARÍSSIMO. TÃO VULGAR QUE AS PESSOAS JÁ NÃO COMPRAM NADA: VENDEM-SE. DAÍ, POR CONSEQUÊNCIA, A SURPRESA DO REPÓRTER-MOSCA QUANDO OUVIU NA RUA A SEGUINTE FRASE: «VOU COMPRAR UM NÚMERO PARA A MINHA PORTA.»

JÁ COMPROU O SEU NÚMERO?



— Vou comprar um número para a minha porta — disse a senhora do «tailleur» cinzento para a amiga do «tailleur» azul.

A curiosidade do repórter despertou na rotina do dia. Pois não era uma compra curiosa?

Muito calmo, pôs-se a seguir as duas senhoras. Lentas no passeio, ambas paravam em todas as montras, os olhos fintados nos objectos expostos. Isto e mais aquilo, altos preços, preços baixos, cores quentes e cores frias. E a tarde, ora fluente, ora estática, também as seguia e também as moldava.

Cigarro na boca, assim como não quer a coisa, o repórter lá ia, na futilidade do momento, até onde se compravam números para as portas.

E tudo isto (este tudo nada...) se estava a passar neste País calmo de nós todos. «*Vou comprar um número para a minha porta*» tinha sido uma frase que, por muitas circunstâncias, se transformara numa coisa deveras importante.

Lado a lado, o «tailleur» cinzento e o «tailleur» azul encaminhavam-se para o destino possível do dia: comprar um número para uma porta. Era uma coisa invulgar, até fantástica, única naquela tarde sem novidade.

...E as senhoras, sempre lentas, chegavam á Rua Augusta. Como um tiro nos olhos, o repórter viu na ombreira de uma oficina uma coluna vertical de números. Eram chapas de metal esmaltadas ali presas por dois parafusos. Dava até vontade de somar todos os números... Qual seria o resultado?

O repórter assistiu, como freguês que espera por ter entrado depois, á compra do número para a porta da senhora do «tailleur» cinzento.

— Tem o 25, tem?

O empregado da oficina disse que sim e passou para as mãos da senhora uma chapa esmaltada, azul, com os algarismos «2» e «5».

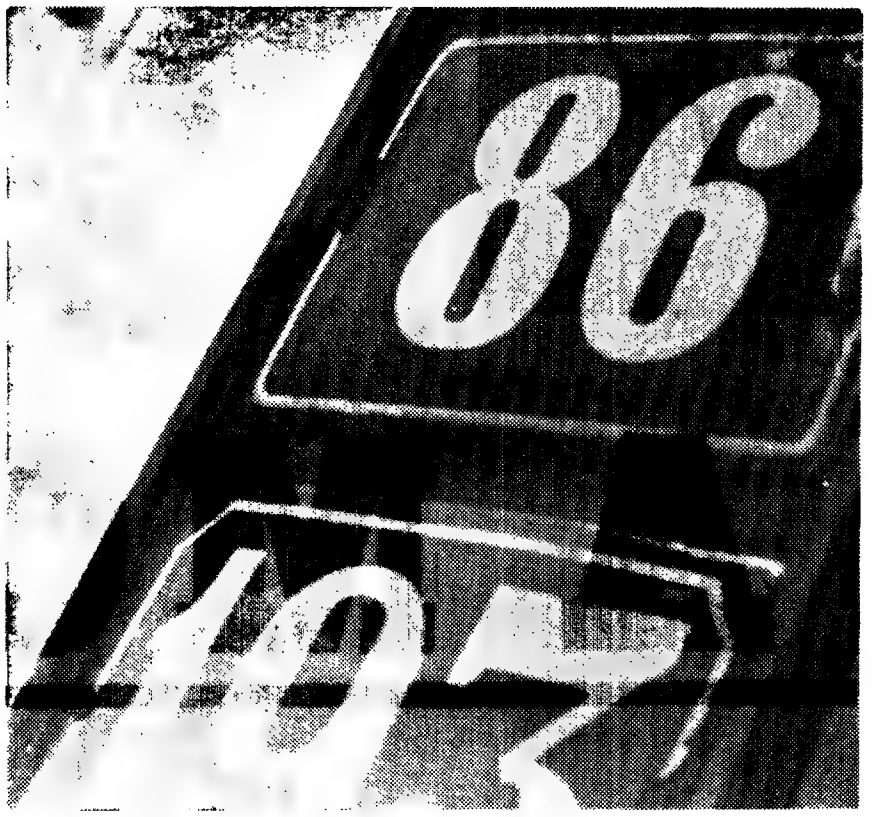
— Quanto?

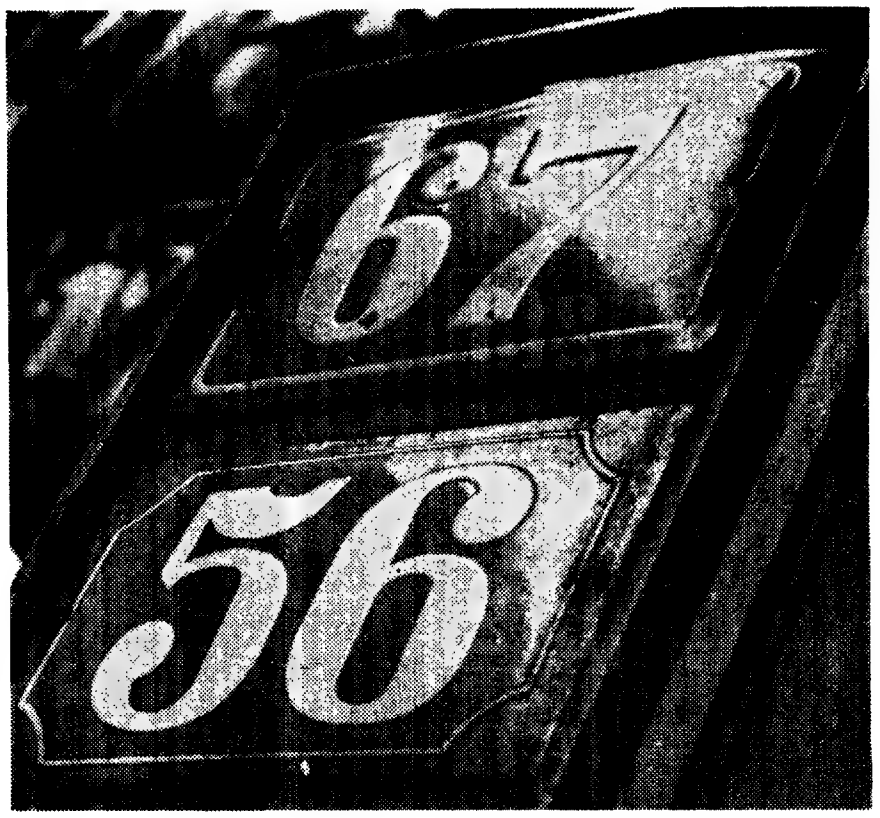
— Vinte escudos.

E o repórter, daí a instantes, estava só na oficina dos números. O empregado aguardava um pedido — e o repórter, sentindo a inutilidade daquela tarde, daqueles passos, daquelas horas sem transformação, vai daí e pergunta:

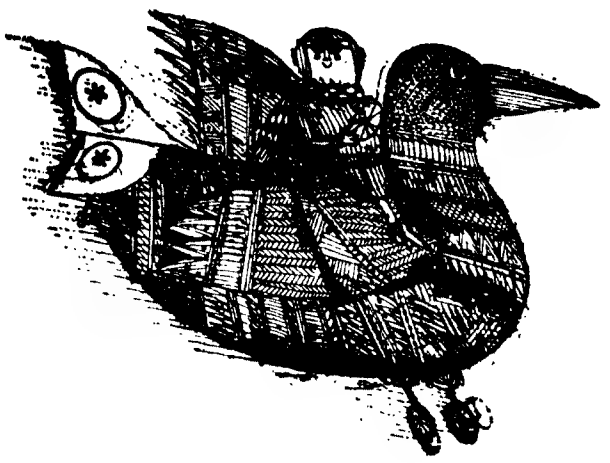
— Tem o número zero?

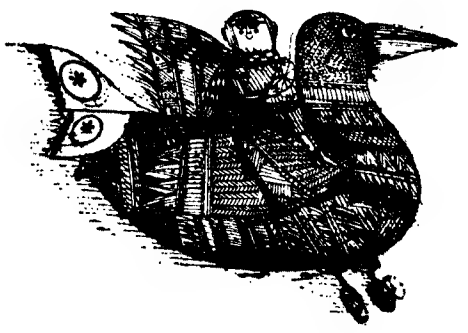
Pedro Alvim





O ATAQUE DAS AVES





(Do enviado especial «Mosca» junto do Pentágono)

As guerras futuras poderão vir a decidir-se em acções «ávicas»: serão os papagaios, os patos, os pombinhos que defenderão as bandeiras nacionais.

O Pentágono — organismo 100 % preocupado com a guerra e correlativo bem da Humanidade — está agora a pensar muito a fundo neste projecto. (Provàvelmente, pensando em futuras dificuldades de recenseamento). Quem está a ganhar para já é o Departamento de Psicologia da Universidade de Mississipi que já «abicou» 600 000 dólares. (Qualquer coisa como 170 mil contos) para dar início aos «trabalhos» (não se sabe bem quais, mas por qualquer ponta se há-de começar e 170 mil contos, com a carestia que vai pelo mundo fora, não são nada...).

«Este programa baseia-se na suposição de que os passarinhos, pássaros e passarões hão-de substituir um dia os homenzinhos, homens e homenzarrões nas actividades que podem ser difíceis, perigosas, ou chatas». Entre essas actividades contam-se: fotografia aérea, comando de mísseis, detecção de minas e operações de busca e destruição.

O Pentágono não diz como é que os inocentes passarinhos farão isto, mas está sèriamente decidido a obrigá-los. Mas como obrigar só não chega (porque, enfim, toda a gente sabe que não podemos obrigar, por exemplo, um periquito a ler o «Dia a dia», embora já tenhamos conseguido que um burro o tenha escrito e com talento, o Pentágono deu aqueles tostões ao Departamento de Psicologia para ver se há qualquer hipótese de as avezinhas se adaptarem ao trabalho.

O Pentágono admite que nem todas as aves irão prestar serviço militar. Debaixo de olho já estão porém: as gralhas (para perderem o pio), os os corvos, os gaios, os falcões (incluindo o senador Goldwates) e os abutres (estes vão para a limpeza dos campos). Em operações menos sangrentas (que só exijam carregar em botões para arrasar o Mundo) as pombas (a de Picasso já fez objecção de consciência), os papagaios (que se fartaram de dizer palavrões), os borrachos (que vêem assim uma alternativa moral para o porco) e os pombos de cauda de leque (por causa do calor dos combates).

A utilização das aves na guerra não é uma ideia nova, mas o certo é que os seus antecedentes não são nada gloriosos.

A tentativa mais séria data da ultima guerra mundial. Um programa denominado «Raio X» previa uma largada de morcegos munidos de bombas incendiárias sobre Tóquio: os morcegos penduravam-se de cabeça para baixo nas casas de morcegos de Tóquio para dormirem um soneca e zás! as bombas explodiam. Pessoas, casas e morcegos acordam depois perfeitamente integrados no caos inicial. Voltavam ao pó, levemente chamuscados.

O pior foi que uma base aérea do Novo México é que ficou quase em tiras e os morcegos devem ter explodido pelo caminho. Tóquio é que não explodiu.

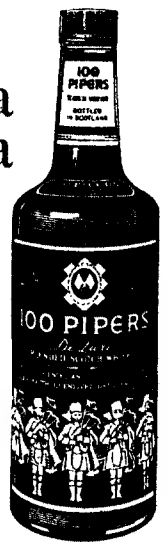
O projecto de agora tem sido lido e relido por vários ornitólogos. A maioria deles esbugalha os olhos, abana a cabeça e diz como Obélix: «Ils sont fous ces américains» (são loucos).

Apesar de todas as críticas, o Pentágono prossegue no seu projecto. O programa começou. Durante 10 ou 20 anos há-de continuar».

Entretanto a casa Balmain recebeu as primeiras encomendas para os fardamentos. Enfeitados de peninhas azuis, com as divisas ao peito, os novos uniformes são de veludo cristal às pintinhas verdes.

Uma nova mistura de uma velha ideia

Os melhores whiskies escoceses numa combinação perfeita



Macieira & Cª Lda.
RUA IVENS, 45 · LISBOA

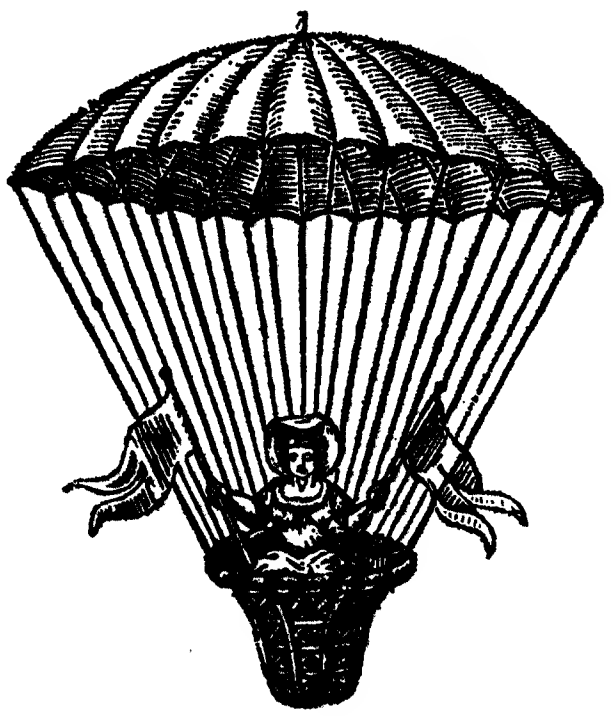
CP 2 80

A MOSCA

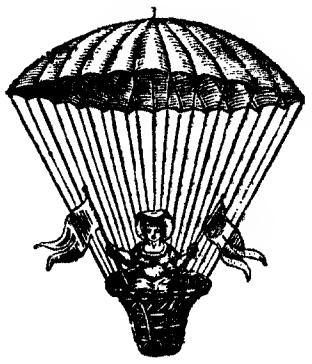
Diário de Lisbôa

Já comprou o seu número?
O ataque das aves
Os planetas quadrados
A mão urgente
Brasil em 5 pontos
A varejeira (ah!)
Um povo estranho
A vingança do arquitecto
A guerra dos insultos
Recepção — Rejeição
Uma máquina de Ferreiro

Colaboraram: TAVARES (José), STTAU MONTEIRO (Luis de), RIBEIRO (João), NICOLAU (Alice), LOPES SABINO (Amadeu), LETRIA (Joaquim), FERREIRO (Carlos), ASSIS PACHECO (Fernando) e ALVIM (Pedro).



OS PLANETAS QUADRADOS



Segundo um nosso informador no seio de um país cujo nome, por motivos respeitáveis, somos obrigados a omitir, prepara esse país um lançamento espacial verdadeiramente espectacular.

«Os cientistas — afirma esse nosso informador — há já muito que, em laboratórios subterrâneos, se dedicam á investigação dos volumes não esféricos. Eles afirmam que existem no espaço sideral planetas perfeitamente quadrados. Tais planetas, como é óbvio, seriam óptimos para o poiso de qualquer nave. Os planetas esféricos não permitem a aterragem de quaisquer máquinas, a não ser que fossem tão minusculas como formigas».

Efectivamente, os cientistas desse propositadamente ignorado país estão convencidos de que a alunagem americana de Julho passado não passou de um embuste.

Dizem eles: «Como é possível que um módulo tenha poisado na Lua, se a Lua é redonda? Numa esfera nada se equilibra: cai para o lado e vem abaixo. «Explicam os citados cientistas que o que se viu na televisão não passou de um óptimo filme feito em Holywood.» Trata-se de um filme de longa metragem — sublinham — que os dirigentes da Nasa conservam no maior segredo, não estando prevista a sua exibição outra vez. Os truques saltariam á vista do espectador mais atento.

«Sómente num planeta quadrado é que uma nave pode descer. E, mesmo assim, com uma certa dificuldade. Há que ter em atenção as esquinas dos planetas quadrados, pois se uma nave assentar numa das esquinas pode inutilizar-se, fazendo perigar a vida dos respectivos tripulantes» — assim se expressam os sábios subterrâneos do país desconhecido.

De acordo com uma carta sideral utilizada por esses sábios, existem no Universo tantos planetas quadrados como bestas quadradas existem sobre a Terra. Assim, pois, não faltará superfície para a descida de muitas naves.

«Acontece agora, porém, que um astrónomo colaborador dos técnicos espaciais — afirma ainda o nosso informador — descobriu a existência de planetas bicudos, designados já como planetas de nariz adunco. Estes planetas estão a atrair a atenção dos sábios subterrâneos, pelo simples motivo de que o bico (ou nariz) se prestaria óptimamente á acoplagem de naves com um vão na parte inferior. Isto excluiria uma série de manobras complicadas imprescindíveis á aterragem num planeta quadrado.»

Esta revelação provocou um atraso no desenvolvimento do programa espacial do país desconhecido: todos os cientistas ponderam presentemente o aspecto funcional do bico, nariz ou talo dos mencionados planetas bicudos.

O requinte e a beleza do ORIENTE nas estradas de PORTUGAL

JOMA

SUBARU FF1

O MELHOR CARRO DE PEQUENA CILINDRADA DESTA DÉCADA (TRANSCRITO DA REVISTA CAR AND DRIVE)

SUBARU UM **SÉRIE** FORA DE SÉRIE

Representante em Portugal:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 0156

O SENHOR É O NOSSO HOMEM?

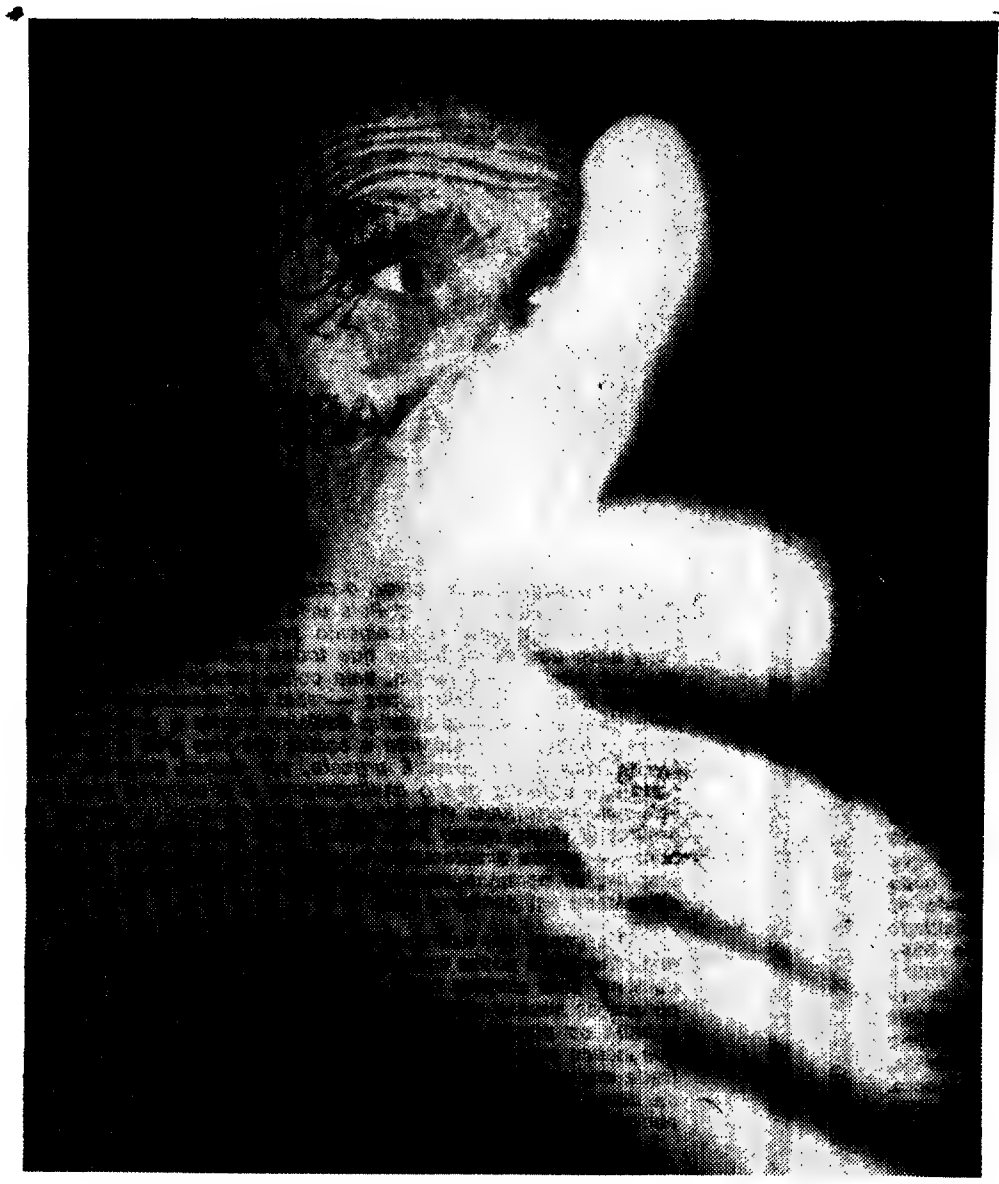
— **PEDIMOS**

- HABILITAÇÕES EQUIVALENTES AO 2.º CICLO LICEAL
- SERVIÇO MILITAR CUMPRIDO
- FACILIDADE DE CONTACTO
- FACILIDADE DE ARGUMENTAÇÃO

— **OFERECEMOS**

- UMA CARREIRA EM QUE O SEU VALOR PESSOAL DETERMINA O SEU LUGAR NA EMPRESA
- UM ORDENADO E COMISSÕES

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 361



Remetente: Joaquim Letria
Palavras: 750
Destino: Odivelas

A MÃO URGENTE

Se já tivermos visto muitas mãos de 75 anos, esta não nos diz aparentemente mais nada, a menos que saibamos a sua história; talvez notemos ainda que é de um moreno pouco carregado em relação ao normal. Mas conhecendo-lhe a história, vê-se logo que se trata efectivamente de uma mão urgente.

É descarnada, ágil, de veias azuis salientes, nodosa e expressiva. Acompanha as palavras que saem da boca sorridente e pouco guarnecida. É uma mão, talvez por deformação profissional, que passa a vida a comunicar.

Há 12 anos que a mão a que nos reportamos é, para Odivelas e seus habitantes, um feixe de músculos, ossos, artérias, veias e nervos muito importante. Ao longo de uma dúzia de anos aquela mão está ligada às coisas mais importantes da povoação. Um sacerdote diria mesmo, como ao casar um par, ligada (a Odivelas) (para o bem e para o mal».

Ano após ano, desde que a incumbiram daquela tarefa, a mão pertence à história das alegrias e tristezas do lugar, embora seja quase certo que grande maioria dos interessados não tenha sequer pensado nisso.

A própria dona da mão assim terrível nunca pensou, até aqui, nisto. As palavras saem-lhe alegres e simples da boca que sempre sorri. A mão, essa, tem vida independentemente, conquistada por mérito próprio. E sacode-se, aponta, acusa, ri, ri como a própria dona, zomba das coisas e dos anos, das tragédias e das alegrias, mas crispa-se, eriça-se, fica hirta, trémula, quando ouve falar em morte...

«Oh, sim! Tenho muito medo de morrer. Tenho mesmo a impressão de que quanto mais vivo mais medo tenho de morrer. Penso nisso e ...não há maneira de deixar de ter medo.» Estas palavras pertencem à dona da mão urgente: Balbina Ferreira, 75 anos, viúva há 38 anos, mãe de quatro e avó de doze, há uma dúzia de anos ligada aos C. T. T. locais na distribuição de telegramas, mensagens urgentes.

«Tive de deitar mão a tudo o que me apareceu. Lá em casa havia quatro crianças, a mais velha com 11 anos, quando fiquei viúva. Agora, continuo só com os C.T.T. para não ser pesada aos meus. Mas penso retirar-me em breve. Vem aí o Inverno e a chuva e o frio e tenho de me poupar. Os meus já têm a obrigação de cuidar de mim, agora.

Não tem direito a reforma porque não é uma funcionária dos C. T. T. «Apenas ajuda».

«Sim os C. T. T. pagam-me 13 tostões por cada telegrama que entrego. E as pessoas que os recebem dão-me alguma coisa, quando dão. Por dia, entrego uns vinte telegramas. Mas tenho de andar muito. E Odivelas não pára de crescer. Dia a dia está maior e dia a dia as minhas pernas estão mais fracas.»

E a mão não solta sons mas acompanha todas estas sílabas, enriquece-as, diz que sim senhor, que é verdade, que a dona não está a mentir nem um bocadinho. E tem pressa, aquela mão urgente, importante para tanta gente de Odivelas, livre, quase a falar depois de 75 anos de movimento.

«Ah, sim senhor. Quando foi das inundações, nem dava vasão aos telegramas. Dessa vez os carteiros tiveram que ajudar. Olhe, eu moro num rés-do-chão, neste baixio, e fiquei sem nada. Tive que ir para casa de uma filha. E os telegramas não paravam. Eram pessoas que não podiam telefonar e queriam saber coisas de familiares.

«Não senhor, normalmente não me dizem o que está nos telegramas. Lêem, choram, se é caso disso, ou ficam na mesma, se é caso disso, e depois agradecem-me, quando agradecem, e dão-me qualquer coisa quando dão. É sempre assim. E a minha função é entregar telegramas e eu faço-o tão depressa quanto as minhas pernas deixam, e pronto. Telegrama recebido, telegrama entregue, 13 tostões para o bolso e não tenho que ver com mais nada.»

A mão, mais morena do que é normal, e sardenta, cheia de veias, artérias, por entre vélhos músculos e ossos, agita-se. Não pára agora. Esboça frases que não pronuncia, sorri impotente, e acaba por se esconder no bolso do avental, envergonhada. A dona («telegrama recebido, telegrama entregue, 13 tostões para o bolso») não a entende. Não é ao fim de 75 anos que se vai procurar entender uma mão direita, uma mão urgente, não haja dúvida.

O Brasil é um país de língua portuguesa da América Latina. Tem 8 500 000 quilómetros quadrados e cerca de 80 milhões de habitantes. Evidentemente que não há apenas um Brasil mas vários Brasis. Digamos que há vários Brasis á escolha, ou um Brasil para cada estação e para cada gosto. São Paulo é, segundo os filmes de Jean Manzon e os cartazes de publicidade turística, uma metrópole de alguns milhões de habitantes, em que um prédio de muitos andares nasce em cada minuto, em que os grandes «trusts» americanos e europeus instalaram complexos industriais «formidáveis», etc. No Nordeste dos poemas Melo Neto e dos romances de Jorge Amado e Graciliano Ramos, a cova é a parte do latifundio que cabe ao pobre. Na Amazónia, o Serviço de Protecção aos Indios (S. P. I.) dedica-se á burocrática protecção que convém á multirracialidade local: destruição de antigas civilizações em nome da Civilização.

A existência de vários países num só país não é, evidentemente, o fruto de um acaso ou de «naturais» acidentes geográficos. Uma estrutura económica herdada da época colonial está na base das desigualdades que a dominação do capital estrangeiro agrava. O dualismo económico-social que a Sociologia e a Economia oficiais explicam e procuram ultrapassar em estrictos termos de planeamento tem raizes fundas: um modo de produção (capitalista, imperialista) á escala nacional, e á escala internacional; uma dominação de classe e uma dominação neocolonial.

O Brasil ascendeu à independência em 1821 e em 1891 foi proclamada uma República federal.

O café faria crescer os «Estados Unidos do Brasil» e colocá-los-ia também perante as grandes encruzilhadas da sua história. O café veio dar ao Estado de São Paulo uma preponderância económica e política no interior da Federação. A crise do café esteve na origem da queda, em 1929, do regime demoliberal.

Nesse ano-charneira para a história dos tempos modernos, Getulio Vargas constitui um Governo ditatorial, suspende a Constituição e faz votar uma nova (1934), que previa a designação de um Parlamento em parte representativo (80 por cento dos deputados), em parte corporativo (20 por cento dos deputados). A ideologia do regime inspira-se nos fascismos europeus, a «protecção» externa do getulismo é porém garantida pelo capital norte-americano, e, em 1945, é ao lado dos Aliados (da «Democracia...») que o Brasil participará na guerra de 39-45.

Fascismo é um termo prenhe de significados europeus. O autoritarismo das burguesias nacionais do Terceiro Mundo (até ao ponto em que elas podem «existir» até ao ponto em que a dominação acrescida pelo capital estrangeiro lhes permite existir) pode permitir um «arranque» económico, a saída do ciclo vicioso do subdesenvolvimento. Nesta perspectiva, o peronismo (um fascismo?) ou o nasserismo (um fascismo?) Desempenharam mais correctamente o seu papel histórico do que os regimes demo-liberais que os antecederam.

O Brasil é um país em busca de um regime político. De experiência autoritária e nacionalista em experiência ditatorial-militar (puramente conservadora e repressiva) e em experiência «democrática» (com eleições, Parlamento e tudo), a burguesia brasileira, procura a sua via. No quadro do sistema económico-social (capitalista) é provável que a unica via possível seja um nacionalismo revolucionário. Um peronismo. Um fascismo. Para as vanguardas revolucionárias, a questão coloca-se, evidentemente, em termos diversos: as várias guerrilhas urbanas e rurais apontam para uma radical alteração das estruturas, isto é, para a criação de um Estado socialista.

AMADEU LOPES SABINO

AVAREJEIRA

O momento não é, talvez, o mais indicado para se falar de união, já que se trava em todo o País uma batalha eleitoral que traz à superficie tudo o que, no momento presente, separa os portugueses. Para além das divergências que todos conhecem e por mais profundas que elas sejam, porém, uma coisa parece evidente: os portugueses — todos os portugueses — têm de reconhecer que chegou a hora de travarem uma batalha decisiva contra a pobreza, o analfabetismo e o atraso económico e social que têm sido a constante secular da vida portuguesa. É urgente, por outras palavras, que o país acorde e aprenda que o analfabetismo e a pobreza nem são inevitáveis nem constituem virtudes. É urgente destruir o mito da humildade proverbial *deste nosso* bom povo. *Nem somos* humildes *nem somos* bons *— somos exactamente o que os outros seriam se não soubessem ler, se permanecessem agarrados à charrua e se tivessem tanta dificuldade em ganhar a vida.*

É urgente que acordemos como europeus que somos e é urgente que olhemos á nossa volta. Este olhar para a vida que temos o direito de viver pelo simples facto de sermos capazees de a viver — e não porque os nossos antepassados descobriram o caminho marítimo para a India ou porque el rei D. Qualquer Coisa espadeirou uns senhoes que pouco nos interessam — envolve um esforço tremendo que contraria muitas tendências adquiridas e a destruição de todo um mundo de convicções provincianas e ridiculas que nos construiram para nos abrigar da vida que não soubemos construir

Temos de começar pelo principio, pela convicção de que somos herdeiros duma história privilegiada que Deus nos ofereceu, a nós e só a nós, a titulo de amizade pessoal. Enquanto não compreendermos que a nossa história é semelhante em epopeias (muito gostamos nós de poesia lirica...) à de muitos outros povos e que, de qualquer forma, o passado passou e não confere quaisquer direitos a ninguém, estaremos inevitàvelmente condenados a viver no passado.

Um povo é, em cada momento, única e exclusivamente, o que for nesse momento e a sua história só vale na medida em que tiver alicerçado esse momento — se ele se caracterizar pelo atraso, pela ignorância e pela infelicidade colectiva, bem fará esse povo em esquecer o passado para construir o presente. Até, porém, no que se refere à valorização do presente de cada povo, temos de refazer conceitos e de examinar o que nos anda cá dentro a impedir de crescer. Válido, hoje, é um povo que viva plenamente o seu presente aproveitando todas as suas conquistas para se tornar mais rico, mais culto, mais consciente e mais livre. Medir um povo pela força das suas armas, pelo número dos seus aviões ou pela quantidade de tanques de que o seu exército dispõe é continuar agarrado a um setecentismo mental que, tal como o sol dos cartazes turisticos, veio passar o Inverno a Portugal.

A segunda fase da batalha que temos de travar contra o mito histórico diz respeito ao futuro — essa projecção mitica do passado de quem não tem presente. Ouve-se a cada passo que estamos a construir ou vamos construir o futuro. Dir-se-ia que os futuristas desistiram de viver ou que não reconhecem o direito que os homens do presente têm à vida. É claro que temos de construir para o futuro, mas que deve entender-se por isto de construir para o futuro? A expressão é dúbia e na maioria dos casos é usada para justificar o adiamento de medidas imediatamente necessárias ou o corte de direitos inerentes ao presente, o que não obsta a que seja possivel definir o que por ela deva entender-se. Construir para o futuro é construir para o presente — e só para o presente — mas de forma a que tudo o que se construa não tenha de ser imediatamente reconstruido por falta de dimensão e não venha a prejudicar o futuro vinculando-o a um passado que pode não lhe interessar ou onerando-o de forma a impedi-lo de construir o seu presente à sua maneira.

Que pretensões pode ter de saber construir o futuro quem nem sequer soube construir o presente?

Da atitude que os deputados eleitos este mês tomarem perante estes dois aspectos do nosso passado depende, em grande parte, a utilidade imediata do trabalho que vão realizar, porque o País tem de empenhar-se, imediatamente, num combate de vida ou de continuação de morte contra a pobreza, o analfabetismo, a ingnorância, o atraso económico e social e a falta de amor ao presente: os portugueses do presente só têm uma vida e não dispõem, por isso mesmo, de tempo para continuar à espera da vida.

Se cada deputado eleito este mês compreender a natureza das obrigações que vai assumir para com os portugueses do presente, estas eleições — seja qual for o resultado que tiverem — poderão vir a ser úteis. Para isto, que se lhes pede? Que falem pouco e trabalhem muito; que esqueçam o passado que já passou e que não tenham a veleidade de construir para um futuro que desconhecem o que venha a ser; que combatam contra o lirismo, a frase bem construida, a rima; que se integrem nos problemas reais do País e, por fim, que se ponham incondicionalmente ao lado dos portugueses de hoje.

Isto, os deputados todos, sejam eles quais forem, venham donde vierem, defendam o que defenderem.

AUTORIDADE e AUTORITITE

Não deve haver corporação mais rigorosa do que a Polícia de Viação e Trânsito — referimo-nos, evidentemente, aos polícias de trânsito de farda amarela que percorrem as estradas impondo aos automobilistas uma disciplina dia a dia mais necessária. Também não deve haver corporação que goze de maior simpatia do público. Há, aliás, fortes razões para esta simpatia, já que todos temos verificado que mesmo nos momentos desagradáveis — aqueles em que têm de autoar — os agentes da Polícia de Viação e Trânsito actuam como autênticos funcionários públicos — isto é, como funcionários do público — e que o seu comportamento é impecável em todas as circunstâncias: aconteça o que acontecer, são sempre educados, dignos e correctos. Os automobilistas habituarm-se, já, a encará-los como amigos e a aceitar a sua presença nas estradas como natural e benéfica para todos. Tempos houve em que os automobilistas que passavam por um polícia de trânsito avisavam da sua presença os que dele se aproximavam, acendendo e apagando os faróis e o facto deste hábito estar a desaparecer — se é que não desapareceu quase totalmente — revela até que ponto o agente da Polícia de Viação e Trânsito se transformou, aos olhos do automobilista, num amigo que se respeita e com quem se colabora

Não é possível, infelizmente, dizer o mesmo dos agentes que, de braçadeira vermelha, regulam o trânsito na cidade. Arrogantes e «convencidos», estes agentes parecem ignorar que a sua função consiste em servir o público e, por outro lado, parecem julgar que o público tem obrigação de aceitar, com um sorriso nos lábios, a sua má disposição permanente, a sua arrogância e a sua falta de correcção. É frequente, por exemplo, estes agentes deterem automobilistas e tratarem-nos «por tu» em termos inteiramente destituídos daquele mínimo de cortesia a que todos têm direito.

Não sabemos a que atribuir a diferença de comportamento e de atitude que se verifica entre estes agentes e os seus colegas que referimos em primeiro lugar, mas não há dúvida de que ela provoca os comentários de todos os que conduzem nas ruas da cidade.

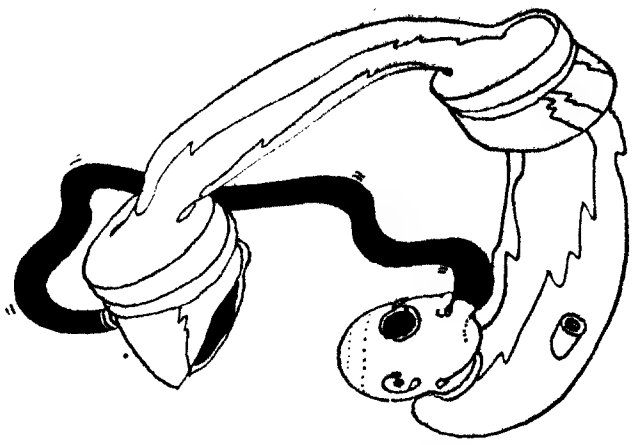
Não teria o menor interesse referir, aqui, o que se pensa e diz sobre este assunto, mas também não há dúvida de que estes agentes reflectem um estado de espírito a todos os títulos criticável e que nada irrita mais e mais inutilmente a população duma cidade do que a existência de agentes da autoridade incapazes de compreender que não passam de simples seres humanos incumbidos pela comunidade de lhe facilitar a vida regulando o trânsito nas ruas.

Acresce que a pior maneira de lidar com o público consiste precisamente em hostilizá-lo e que se estes agentes não manifestassem em termos tão inequívocos a autoritite que parece tê-los atacado tão profundamente, veriam a sua tarefa facilitada e contribuiriam para que o automobilista que chora ao pagar o carro e volta a chorar cada vez que mete gasolina — sorrisse de vez em quando...

Não pretendemos — nada sabemos de organização policial — apresentar sugestões destinadas a resolver este problema de trânsito cujo interesse não supera o dos agentes que têm por função regulamentá-lo, mas julgamos que o problema das relações entre os funcionários públicos e o público que eles têm por função servir, merece a atenção de todos e, muito especialmente, dos que têm a obrigação de olhar pelo bem-estar da comunidade portuguesa.

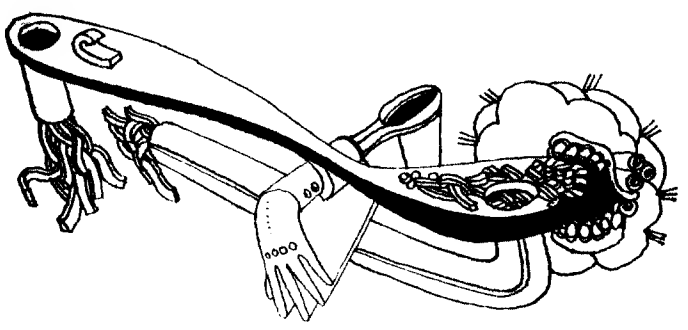
Será impossível incluir nos cursos de formação técnica que eles certamente têm de frequentar, um curso de civismo ou, pelo menos — não queremos ir longe de mais — um curso de boa educação, dessa boa educação corrente que se ensina a todas as crianças?

OBJECTOLOGIA



O TELEFONE

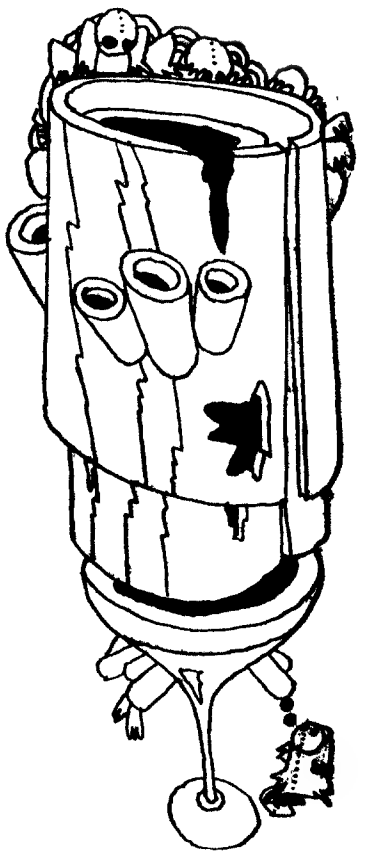
Serviram-te um telefone com frieza. E disseram-te: «Utiliza-o e será tua a liberdade.» Tu sentiste a noite, a lâmpada, o insulto. E continuaste na tua resistência. Eles insistiram. Tu disseste não. E cada vez era menor a distância que te separava do telefone. Mas, com um vómito, criaste novamente a distância. Eles, então, fizeram-te saborear a baquelite dura — e quando, mais tarde, nos sorriste, o teu riso era um riso sem dentes.



A COLHER

Em posição vertical
Transforma-se a colher
Em micro de ocasião

— Grita nele, povo,
A tua fome de sopa,
A tua fome de pão.



O COPO

Escarra
A mentira num copo
E bebe-a
Num brinde à verdade.

E micta-a dentro da lei
Da natureza exigente.

Sê como o seio da pedra
Que palavra vã
Não consente.

Pedro Alvim

Desenhos de Ferreira

A VINGANÇA DO

O sr. Pombal deixou muitas coisas para o lisboeta ver e usar. O sr. Pombal que se chamava Sebastião José de Carvalho e Melo e andou de coche por Lisboa fora entre as ruínas logo no próprio dia do terramoto porque era preciso segundo ele enterrar os mortos e cuidar dos vivos, isto é, cuidar também de Lisboa passada a limpo pelo arquitecto Eugénio dos Santos e outros, o

sr. Pombal (há a estátua na Rotunda, toda a gente conhece) amava sobre muitas coisas esta cidade onde sabia que nós iríamos viver, amar, viver. E inventou a Arcada.

A invenção da Arcada foi assim: havia o Terreiro do Paço, antepassado em grande dos «squares» que os franceses copiaram dos ingleses. O Terreiro do Paço não era antes do sr. Pombal o que o sr. Pombal fez dele, ou melhor, já era enorme (um terreiro) e tinha um palácio (do paço), mas o Tejo entrou por Lisboa dentro no dia 1 de Novembro de 1755 e desurbanizou a área. O sr. Pombal imaginou então um novo rosto, entregue aos cuidados do já citado arquitecto-cirurgião-plástico Eugénio dos Santos, nascendo daí a cintura imensa, mas muito bem distribuída, dos edifícios nobres que hoje vemos. E por baixo deles — corredor tranquilo, céu branco — a Arcada.

Na Arcada passeia-se, vai-se para o trabalho, vem-se do tra-

balho, compram-nais e revistas, b café (num auster fee-shop» de ti tânico), conve deixa-se correr

DO ARQUITECTO

mpram-se jor-
istas, bebe-se
austero «cof-
de tipo bri-
conversa-se,
orrer o tem-

po, agarra-se o mesmo tempo com as unhas, sente-se o coração de pedra bater ao comprido: a Arcada.

Em tardes de sol sabe bem meter os pés a caminho da Arcada. A aragem do rio filtra-se por entre as colunas, circum-navega esse espaço regular. Contido à distância, o mesmo Tejo que há 214 anos despedaçou casas e matou gente já só chega à Baixa por inter-

posta brisa. Eis a vingança do arquitecto.

Mas as pessoas andam na Arcada sem saber deste amor feroz. Para muitas delas, ignorantes em matéria íntima, o coração de pedra é apenas o que sobra de arrumar automóveis ou esperar os transportes colectivos de superfície.

Um lugar **pedestre,** em suma, com a mesma conotação de vulgaridade que há no adjectivo inglês.

No terceiro século da sua existência a Arcada continua a derrotar o observador pouco perspicaz. Corredor tranquilo, céu branco: é um disfarce que faria hoje sorrir o sr. Pombal se ele pudesse, lisboeta entre lisboetas, descer ali plàcidamente de um autocarro.

A LISBOMAR

SOCIEDADE DE CONFECÇÕES, S.A.R.L.

TEM A HONRA DE COMUNICAR AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS QUE VAI LANÇAR BREVEMENTE NO MERCADO DUAS NOVAS CAMISAS DE ALTA QUALIDADE —A INSUPERÁVEL QUALIDADE DE TODAS AS CONFECÇÕES LISBOMAR.

★

A LISBOMAR está integrada no GRUPO DE EMPRESAS SEPULCHRE.

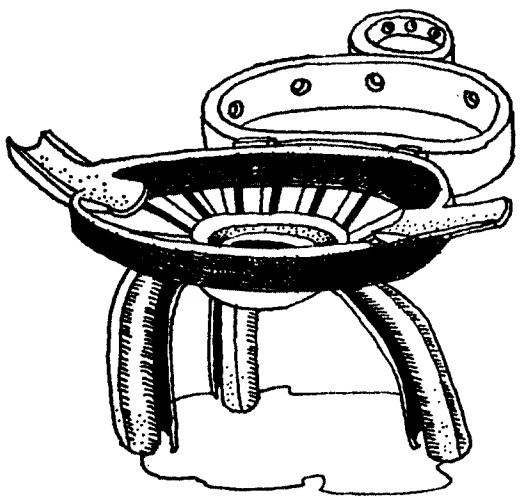
OS EGÓGICOS

FORAM agora descobertas as ruínas de uma estranha civilização da antiguidade. Na região de entre o Tigre e o Eufrates, nasceu, há muitos milhares de anos, uma civilização de que até agora nada se sabia. Segundo os documentos agora vindos a conhecimento da humanidade, esta civilização, a que podemos denominar «genuflexiva» é anterior á própria civilização sumária? As suas características não estão inteiramente determinadas.

Sabe-se, porém, que era uma verdadeira autocracia, dominada pela classe sacerdotal e guerreira. Nunca se percebeu muito bem a verdadeira natureza do culto desse povo, pois, pelo menos a nível autocrático a adoração do Sol (culto a que aludiam todos os documentots oficiais que até hoje chegaram ao nosso conhecimento) era bastante contrariado por expressões como «pôs à sombra» e «enviou para a sombra tumular». (Isto, apesar de a sombra ser considerada oficialmente como absolutamente discordante com as «práticas da boa conduta solar»).

A civilização «genuflexiva» ou «egógica» (segundo outros autores) desenvolveu-se numa estreita faixa de terra triangular (o triângulo egógico) conquistado a ferro e fogo a um povo, cujas origens não estão bem determinadas, mas que se supõe ser de raça agarena.

Depois de um confuso período de dispersão por pequenas comunidades lo-



cais de disciplina social pràticamente inexistente, o povo egógico conseguiu uma unidade político-social, sob a égide do rei Jonatas II. Os últimos vestígios da indisciplina anterior, ao que parece, ficaram por terra, mordendo as areias na batalha de Al farrábia. A partir daí, deu-se grande impulso ao reino do Triângulo. Distinguiram-se nessa época os egógicos, em virtude de terem dado grande impulso ao percurso lacustre das arábias. Fizeram verdadeiras tournées lacustres e foram eles os primeiros a isolar plancton nas suas redes feitas de finíssimo papiro. Nunca mais esse feito se ausentou das crónicas do reino, as quais continham, a partir dai sempre a seguinte sigla: PQDP, isto é, povo que desvendou o plâncton.

Durante séculos e séculos, com o arado e os carregamentos de plancton o povo egógico continuou construindo a sua civilização, pacatamente arando as terras, esperando as benesses do Sol e tendo sempre na mão esquerda uma pequena arma branca para o que viesse do lado de lá do rio»

Ao fim de vários séculos passados assim nesta beatífica quietude, os descendentes de Jonatas foram perdendo todo o nervo governamental, a dinastia foi-se adulterando até que os reis «escorregaram pela ladeira das sombras». E «do lado de lá do rio» saíram os tribunos do povo. Era uma forma a que hoje chamaríamos republicana, e, sendo assim, terá sido essa a primeira república da história do Mundo. Nesse breve período, parece nos seus privilégios e os antigos «razás» (senhores de vastos domínios de papiro e criação de ibis à beira do Eufrates) receosos de que o povo egógico enveredasse pelos trilhos «anti-solares» e «antitriangulares» conseguiram restaurar o antigo regime, mas não sob a forma de monarquia hereditária. A escolha passou a fazer-se de um modo algo parecido com a do antigo Dalai Lama: percorria-se o país e o garoto pobrezinho que apresentasse uma mancha sagrada nos olhos era escolhido. Atingida a maioridade, era o autocrata. (Cabe aqui referir uma curiosa particularidade deste povo: foi descoberta uma ampulheta de gigantescas proporções nas ruínas da cidade mais importante: Cobralix. A ampulheta marcava, segundo os documentos até agora decifrados, a marcha do tempo. Pois bem: alguns documentos relativos a esta época da restauração falam nestes termos: «e a ampulheta foi perturbada no seu curso». Isto faz supor que, logo que se restaurou o antigo regime, a ampulheta gigante terá sido emborcada. Outros egogicólogos afirmam que se trata de uma metáfora, mas na ampulheta pode ainda ver-se uma grande mossa, que parece ter sido causada pelos pedragulhos e cordas de papiro usados para a emborcarem).

ASSIM MORRERAM OS EGÓGICOS

A razão por que alguns agogicólogos designam esta civilização de «genuflexiva» está ligada à mais espantosa característica deste povo na fase final.

Há muitos anos que o arqueólogo alemão, Herr Tepsius (que foi companheiro de viagem do nosso paladino viajante, sr. Teodósio Raposo) descobrira nas margens do Eufrates estranho escabelo — de que juntamos gravura — cuja forma extravagante deu muito que pensar ao celebérrimo investigador. Citamos a passagem: «Com efeito, este escabelo só pode ser de manufactura humana, pois não consta que tenha havido outras espécies animais capazes de construirem utensílios. No entanto, o espírito de dúvida metódica deverá levar-nos a pôr esta interrogação, que, uma vez respondida afirmativamente, subverteria todos os nossos postulados filosóficos; ter-se-á criado na região do Eufrates uma civilização muar?» (in **Descrição muito sumária de estranho escabelo posto à dúvida dos arqueólogos contemporâneos**, pg 44 Parceria, Lisboa, 1898).

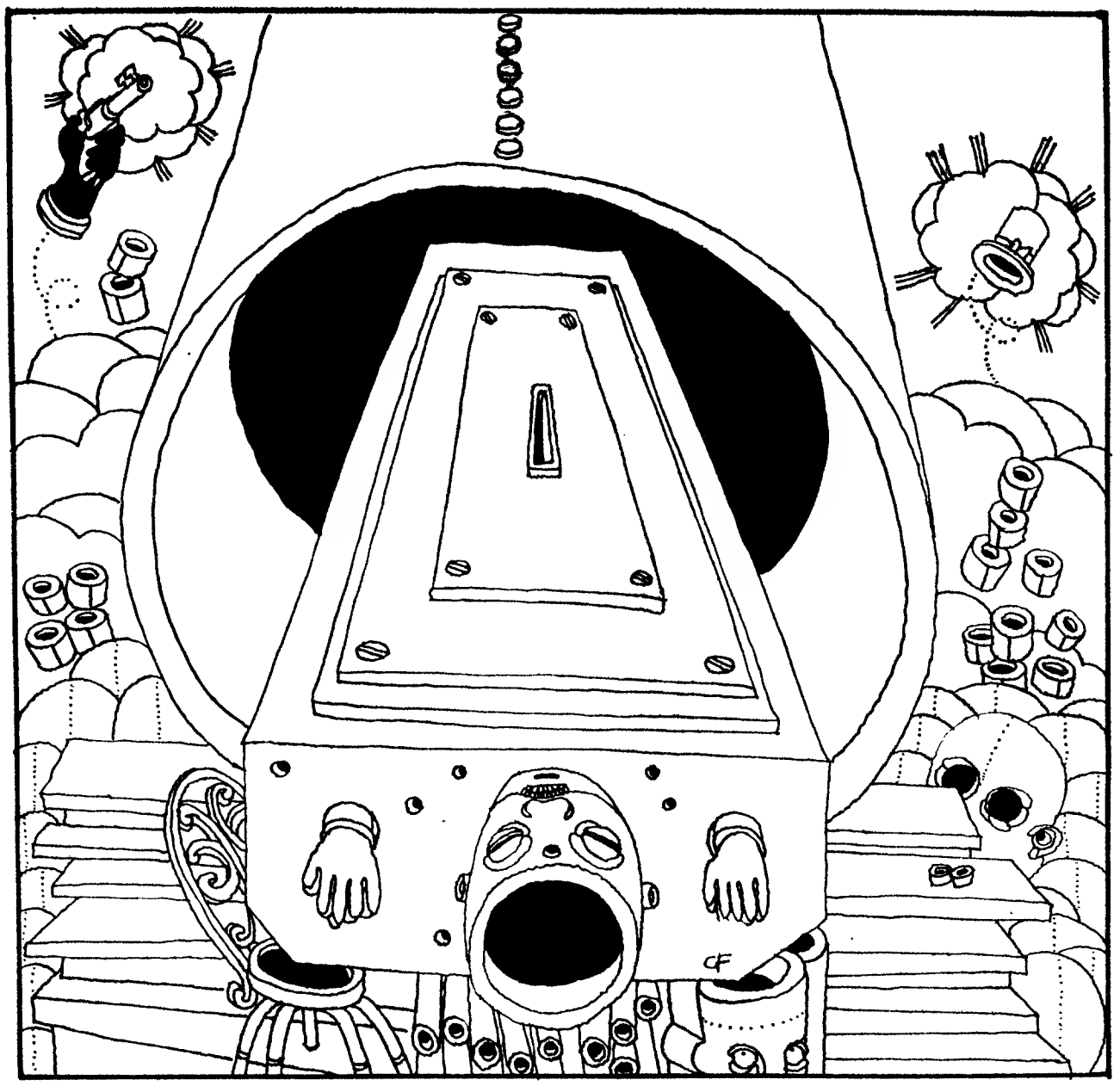
Podemos hoje responder ao senhor Topsius: não criou, não senhor. O que se pretendeu foi criar uma civilização genuflexiva. A certa altura, por razões inteiramente ignoradas, até agora, um autocrata pretendeu que o povo egógico andasse genuflectido. Pretendeu e conseguiu. Toda a arte do mobiliário foi, como é óbvio, revolucionada Ao que parece, a dormir, a comer, a andar os egógicos tinham que ter os joelhos flectidos

Assim surgiu uma grave crise, um período de terríveis lutas intestinas. Certos egógicos rebelaram-se alegando que os joelhos se magoavam extremamente no piso das ruas e mesmo dos campos e mesmo das casas.

Então, para evitar que a rebelião alastrasse perigosamente, o autocrata e a classe guerreira e sacerdotal decidiram recobrir todo o território nacional de folhas de papiro. Assim se esperava — rezam os documentos — «restituir os egógicos aos princípios solares». No entanto, ao que parece, foram poucos os egógicos que manifestaram regozijo com a medida. Tem-se notícia de documentos onde se narram grandes genuflarchas de agradecimento ao Sol e ao autocrata por ter sido tão iluminado e bom para o povo. Porém essas genuflarchas nada parecem ter conseguido junto dos «sombras» (como passaram a ser designados os que não agradeceram o revestimento de papiro). Só se sabe de uma coisa (ou julga saber-se): dos egogicos não mais rezou a história.

Que terá sido feito dos egógicos? Alguns estudiosos pensam que o autocrata acabou por enlouquecer sòzinho no deserto, depois de ter ficado sem subditos, partidos todos «para a rampa descendente das sombras». Outros mais sensatos entendem que a civilização egógica, enfraquecida pelas genuflexões, foi inteiramente absorvida pelos sumérios, que, entretanto, começaram a chegar à Mesopotâmia.

ALICE NICOLAU



RECEPÇÃO REJEIÇÃO

ERA um homem num carro descapotável — e o carro não conseguia avançar por causa da multidão. Toda uma cidade estava na rua. Até nos telhados havia gente. E o homem, meio calvo, tinha os braços abertos numa grande saudação. Ele chegara de comboio e só depois é que passara para o automóvel. E como o comboio se tivesse atrasado cinco minutos, toda a multidão que o aguardava se tinha calado durante esse espaço de tempo: um bloco de pedra com milhares de olhos. Deu-se uma explosão gutural quando, decorridos esses minutos, o homem semicalvo surgiu á porta da estação. Fora então que passara para o automóvel descapotável os braços abertos, vivo, cheio de fé. O motorista desligou o motor: a multidão empurrava. Nunca ninguém, nessa cidade lá do norte, avançara assim através das ruas.

As próprias casas pareciam querer seguir o automóvel. Janelas espantadas, escancaradas, acenavam com lenços brancos e bandeiras de várias cores. Inclinavam-se as chaminés na mesma direcção — e os «trolleys» dos transportes publicos apresentavam armas, hirtos, estupefactos.

Sempre de braços abertos, o homem semicalvo avançava de pé no automóvel empurrado por um povo acordado pela palavra óbvio, a tudo disposto e tudo querendo fazer nesse momento. O caminho era só um — e o que se pode fazer hoje não se deve deixar para amanhã. Por isso o carro avançava, avançava sempre, até onde se erguia uma tribuna. Aí o homem iria falar ao povo que óbviamente confiava nele. Iria falar — e falou. Tão grande foi o entusiasmo que até lágrimas houve. Soluços.

À noite, os cavalos vieram para as ruas, e quem os cavalgava espadeirava com ódio o entusiasmo popular. Os cascos dos animais tiravam dos paralelepípedos partículas de fogo num desafio ás estrelas. Todas as aglomerações foram dispersas — e as pessoas fugiam dos cavalos com o nome do homem semicalvo na boca. Foi uma noite de costelas partidas e cabeças abertas perante o pasmo das janelas. Elas tudo fixavam, tudo retinham na sua memória de vidro: ainda hoje as pode ouvir contar o que foi essa noite quem até elas for através das três pontes da cidade do norte. E quem assentar o ouvido nos paralelepípedos ouvirá ainda o galope-trote-passo dos cavalos. Era a lei antiga que se pretendia impor — e essa lei ficou.

... MUITA água correu sob as três pontes da cidade do norte que óbviamente aceitou o homem semicalvo. E na água do rio navegaram os anos — e, um dia, esse mesmo homem deixou de existir: as balas vieram ter com ele na escuridão e foram demasiado violentas. Talvez ele tenha gritado: «Traição!» Gritou certamente e caiu de borco: e viu, sentiu, que ditara a sua própria sentença de morte quando, anos atrás, se apresentara como o recém-chegado da esperança na cidade das três pontes. «A grande recepção que lhe foi prestada levou á abominável rejeição de um homem» — conclui, fechando-se, uma escondida janela tripeira.

O PMOTOODEMO

quando o que há não chega

a sua revista
veja nas livrarias

NA posse da prezada carta que V. Ex.ª endereçou «aos leitores de boa vontade» a propósito do que V. Ex.ª afirma serem «alguns problemas da sua espécie», e na convicção de que V. Ex.ª se excedeu em ataques para com a classe equídea que represento, acho-me no direito de, embora salvaguardando desde já o desejo (que cumprirei) de usar uma linguagem tanto quanto possível ao alcance de Ex.ª, acho-me no direito, dizia, de responder á letra a várias ingenuidades constantes da triste missiva que V. Ex.ª tornou pública, se é que uma ou outra dessas ingenuidades não representa mais qualquer coisa, e isso apenas V. Ex.ª poderá futuramente esclarecer junto dos leitores deste semanário.

Permita V. Ex.ª que me apresente. Sou um equídeo da raça de Alter, nado e criado nos melhores pastos da boa terra portuguesa, filho de um pai puro-sangue que á causa dos concursos hípicos dedicou grande parte da sua vida civil, e de uma mãe igualmente puro-sangue, excelente dona de estrebaria e muito dada ás lidas domésticas como sempre aconteceu na nossa «écurie». Se a V. Ex.ª interessa reter este pormenor acaso ínfimo, acrescentarei que me corre nas veias o sangue de alguns dos mais extraordinários saltadores da Europa, justamente premiados com taças, rosetas e arreios de metais nobres; e que, segundo um genealogista de reconhecida informação, talvez a minha linhagem seja suficientemente antiga para me aparentar com o belo equídeo que Fernão Anes Cebola montava em 1470 quando escapou á sanha de um nonagenário islamita no Golfo de Benim.

Encerrado este parêntesis, devo começar por insurgir-me contra a expressão absolutamente soez que V. Ex.ª incluiu no quinto parágrafo da infeliz carta aos leitores de «A Mosca»: «mau como cavalo». Como se o adjectivo tão desproposítado pudesse jamais designar a minha casta, nada e criada para fazer luzir a nobreza que há, recordo agora a V. Ex.ª, no melhor amigo do homem —o equídeo. Foi V. Ex.ª sumamente ousado, e no pior dos sentidos. Eu adiantaria já que tudo isto veio a lume porque V. Ex.ª é burro, p'cebe? Se doravante tratarem V. Ex.ª por cima da burra abundam as explicações para tal.

Também entendi como depreciativa a referência falsamente agradável de que equídeos e canídeos de raça pura se assemelham no valor de compra, que é justamente alto, «et pour cause». Se V. Ex.ª cabe — em termos plebeus — numa nota de mil escudos, eis um problema que me não diz respeito. Lamento-o apenas. Tivesse V. Ex., e tivessem os asininos em geral, lutado pela dignificação comercial da espécie—eis a reflexão que se me impõe. Geme V. Ex.ª ao peso de um negociante da Ribeira Nova? Padecem os colegas de V. Ex.ª transportando por caminhos vicinais o que almocreves e moleiros carregam nos alforjes? Ingere V. Ex.ª, e ingerem os seus colegas, alimentos pobres em proteínas, ou até mesmo palhas conspurcadas? Lamento-o. Pode V. Ex.ª ficar certo de que o lamento, e muito mais porque me parece nascer tudo, p'cebe, deste pormenor simples: V. Ex.ª é o que é, isto é, burro e mais nada.

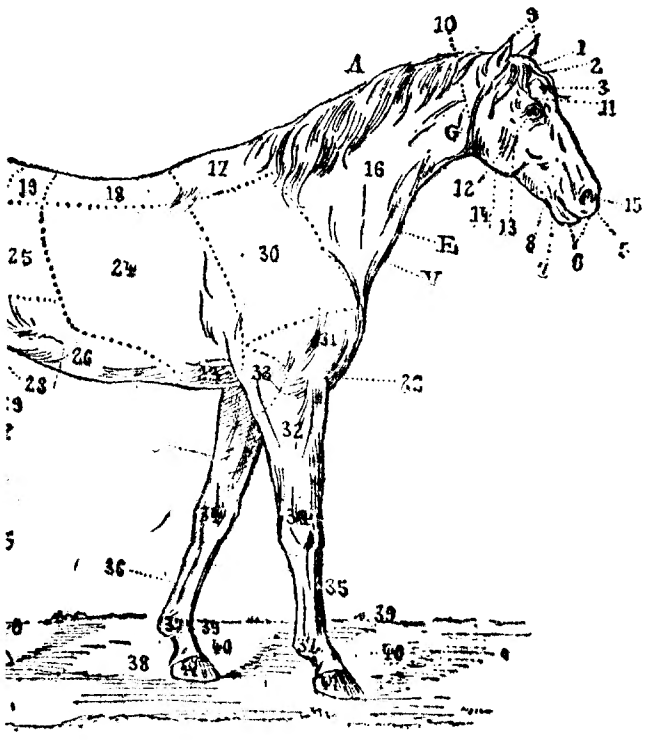
Vai a resposta longa. No fundo talvez V. Ex.ª não entenda o que me moveu a escrever para «A Mosca», inimigo dos equídeos e estridente defensor de premissas que largamente comprometem a tranquilidade dos pastos. Uma e outra coisa me levam a um encolher de lombos provisório. Sim, porque os da minha casta não abdicarão — por nenhum preço, por nenhum! — dessa ingente tarefa que é defender as ancestrais verdades equídeas. Repito-o a V. Ex.ª para que conste.

Discutir não está na minha índole. Entenda V. Ex.ª esta resposta como uma afirmação de princípio, pois mais lhe não pede o

Att.º Ven. e Obrig.

LUZERNA DE MAGALHÃES

V. Ex.ª é burro, p'cebe?



ANDARES

VENDEM-SE

Em Benfica, Venda Nova, Queluz, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, rouperios, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO

FACILITA-SE PAGAMENTO

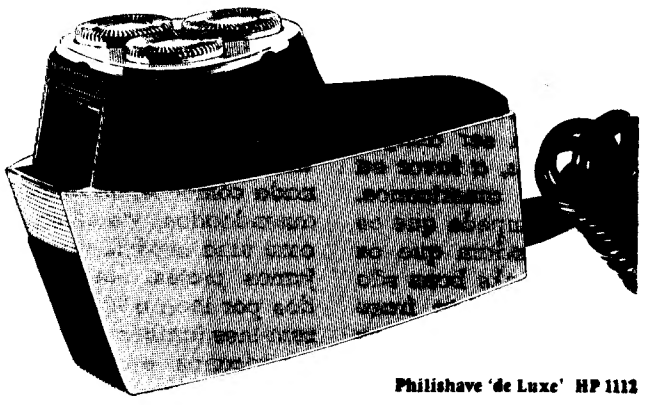
JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA

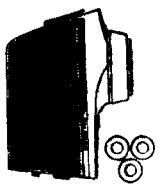
Telefs. 539200, 2910079 e 785200

Progresso à flor da pele

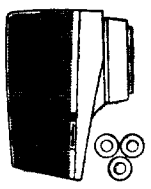
O progresso é evidente — à flor da pele — depois de barbeado com a nova Philishave.
Progresso palpável, surpreendente..
E, em cada dia, o barbear é um prazer renovado, graças às novas cabeças flutuantes «Close Up» que escanhoam rente — à flor da pele — com suavidade e rapidez.
O progresso está aí — à flor da pele.



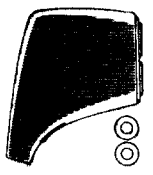
Philishave 'de Luxe' HP 1112



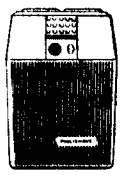
Philishave 'Universal' HP 1302



Philishave 'Especial' HP 1109



Philishave 'Standard' HP 1103



Philishave 'Compact' HP 1204

nova gama Philishave

Cinco modelos à sua escolha. Cada um deles é uma pequena maravilha de concepção e execução que surpreende e satisfaz o crítico mais exigente.

Desde Esc. 295$00

Gook/G. I. s
A GUERRA DOS INSULTOS

SAIGÃO (Do enviado especial de «A Mosca» no Vietnam)

Diz um jovem tenente americano:

— Antes de vir para o Vietnam, queria um trabalho que me pusesse no contacto com os vietnamitas mas agora sinto-me contente por estar numa unidade de infantaria americana. Não gosto dos *gooks*. Logo que cheguei ao Vietnam, parti em operações com uma das nossas companhias, e, durante uma das primeira operações, a companhia foi atacada: passámos um mau quarto de hora. Foram mortos seis americanos e 18 ficaram feridos. Depois de ver aqueles mortos e aqueles feridos fiquei com uma opinião diferente acerca dos *gooks*.

Os *gooks* — ou os *dinks* ou os *slopes* — são importantes actores da guerra do Vietnam, cujos nomes não vêm muitas vezes nos jornais: são os vietnamitas. Podem ser amigos ou inimigos, a favor ou contra os americanos. Isso não impede que os G. I. entendam que os «unicos *gooks* bons são os mortos». Esta frase é repetida em todas as bases americanas do Vietnam.

As manifestações do desprezo dos americanos pelos vietnamitas são moeda corrente. Um oficial americano, que leve o *jeep*, de noite, pelas ruas de Saigão, conduz de propósito, á beira dos passeios para encadear os peões, um sargento dirige-se em termos ordinários á empregada do bar, que não percebe o inglês, e desata a rir ás gargalhadas com os colegas.

Diz um diplomata:

— São incorrigíveis estes asiáticos!

Um soldado em convalescença num hospital fala a um outro doente:

— Matei um velho, por engano. Mas não teve importância. Era um simples *gook*.

Um dos oito boinas verdes que assassinaram Thai Kahc Chuyen:

— É mesmo próprio de um *gook* ir nadar com mais correntes do que as que pode aguentar.

UMA HISTÓRIA VELHA

O desprezo dos americanos pelos asiáticos não é novidade nenhuma. Durante a 2.ª Guerra Mundial, os indianos eram *wogs*, os birmanenses e os chineses, *slopeys*... Mas, no Vietnam, as relações dos americanos com os vietnamitas são mais complicadas. Dizem a estes ingénuos soldados quase imberbes que os seus inimigos são vietnamitas — pequenos, nada cómodos, de olhos amendoados, vestidos com uma espécie de pijamas pretos, escondidos por todo o lado. Dizem-lhes também que os americanos estão no Vietnam para que esses vietnamitas — pequenos, de olhos em amendoa, quase sempre de pijama preto — possam determinar o seu próprio destino.

Mas inimigos e aliados têm configuração perfeitamente igual... e, como dizia o tal tenente acima referido, a maioria dos G. I. S. americanos difícilmente acredita que alguns desses homenzinhos sejam seus inimigos mortais e outros, tirados a papel químico, sejam seus amigos dedicados.

O comportamento dos soldados americanos vulgares é, certamente, influenciado pelos vietnamitas que eles encontram na maioria das vezes. Mas poucos G. I. S. haverá que cheguem a conhecer o «vietnamita da rua» durante aqueles 12 meses que dura o seu serviço. Os vietnamitas que eles encontram são as *entraimuses* das bases vietnamitas e toda a fauna local que frequenta os arredores das bases, assim como os comerciantes e os traficantes que se «penduram» aos americanos, assim que estes saem dos acampamentos.

Seria difícil convencer um jovem de 19 anos (e ainda por cima, americano) de que aquelas pessoas não são típicas. Difícil ou não, o certo é que ninguém o tenta sequer: o exército não faz esforços quase nenhuns para promover boas relações entre os americanos e os vietnamitas e os raríssimos esforços feitos nesse sentido têm falhado redondamente.

Isso não significa que todos os americanos detestem os vietnamitas. Numerosos americanos se apaixonam pelo país e pelos seus habitantes, mas são uma minoria.

Os americanos não podem compreender a «ingratidão» dos vietnamitas. O anti-americanismo do povo vietnamita tem razões concretas (a destruição das casas e das colheitas, a corrupção das mulheres jovens) e razões muito mais importantes: a antiga sociedade, pacífica e simples, anterior á vinda dos G. I. S. foi totalmente destruída. Todos os valores foram subvertidos. Mas não foram substituídos. Em vez de uma moral há agora a mais desenfreada corrupção, a todos os níveis.

Os americanos criaram necessidades que não satisfazem. Pretendem monopolizar as economias locais, importam mão-de-obra estrangeira, tratam o Vietnam como uma quinta.

Pouca gente ousa dizer isto abertamente. O unico jornal onde isto sai escrito assim é o *Chanh Dao*, órgão do Pagode *An Quang*. As editoriais mais virulentas são escritas por um antigo empregado dos serviços americanos de Saigão.

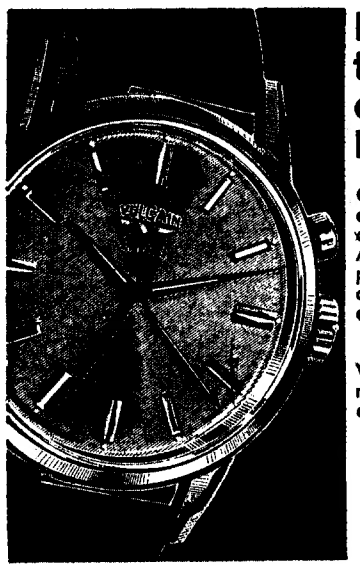
Durante os jantares nos restaurantes caros de Saigão, envolvidas em toda a delicadeza oriental, estas acusações são ditas subrepticiamente entre o fumo de um cigarro e um trago de café... E é tudo.

UM MÚTUO RESSENTIMENTO

O elemento essencial da hostilidade mutua entre americanos e vietnamitas parece ser o ressentimento. Os americanos estão ali para «salvar» o Vietnam e sentem-se porque os *gooks* não agradecem tamanha generosidade. Ou estão ali contra a sua própria vontade, porque foram recenseados e censuram os *gooks* por terem culpa disso. Ou não têm paciência para as «maneiras» orientais e irritam-se porque os *gooks* não estão dispostos a adoptar as «maneiras» americanas.

Quanto aos vietnamitas, parece que desde sempre têm suspeitado dos motivos que levaram tão grande numero de americanos para o seu país. Numerosos vietnamitas, incluindo intelectuais e políticos, estão convencidos de que o Vietnam é um peão nas mãos de grandes potências e descarregam todo o seu ressentimento contra os representantes da grande Potência, que têm ali á mão.

Alguns vietnamitas que estão profundamente reconhecidos aos E. U. A. por os ter poupado a um regime comunista, em 1965 (e há muitos assim) nem por isso sentem menos amargamente a intervenção profunda dos E. U. A. nos seus assuntos internos. O presidente Thieu desde que chegou á presidência só conseguiu ser verdadeiramente popular uma unica vez — quando se opôs aos americanos, recusando-se a ir á conferência de Paris, em Novembro do ano passado. Até os seus próprios colaboradores afirmam que foi esse o melhor momento de toda a sua carreira.



Este relógio tem algo mais do que o seu. Ele desperta!

O VULCAIN CRICKET é de linhas modernas e conserva a sua alta qualidade. Além disso desperta no seu pulso, acorda-o e lembra-lhe as suas obrigações. Poder-se-á exigir mais de um relógio?

Veja a colecção VULCAIN nas principais relojoarias e ourivesarias do país.

VULCAIN cricket

SEJA BAIRRISTA

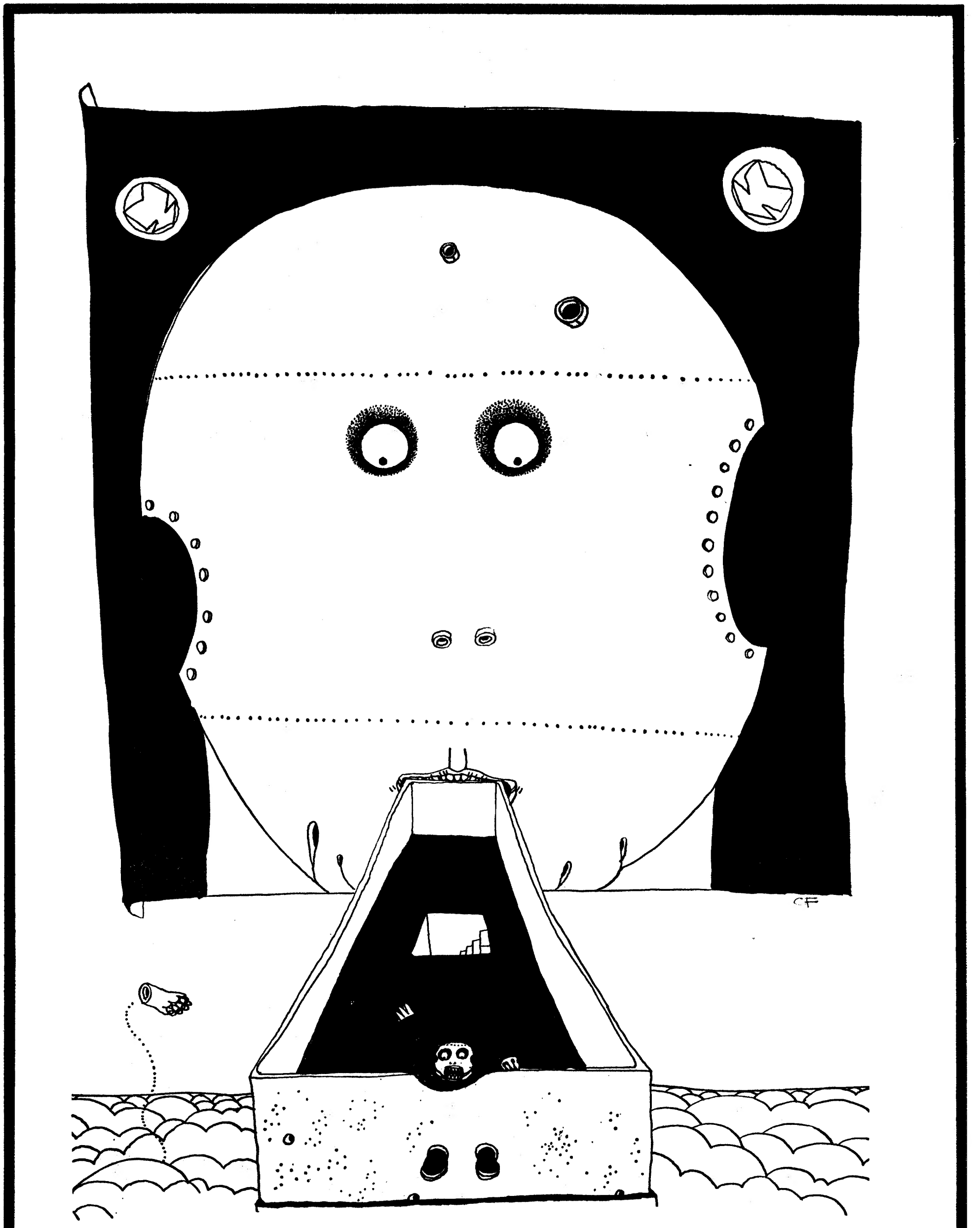
VISITE O STAND GAZCIDLA NO SEU BAIRRO

É lá que pode requisitar o seu gás; é lá que encontra pessoal técnico habilitado a prestar-lhe toda a assistência.
É lá ainda que encontra a simpatia e vontade de agradar que Você tanto aprecia.
É lá, apenas a dois passos de sua casa, que encontra belos fogões, esquentadores e caloríferos.
No stand Gazcidla do seu bairro encontra sempre, rapidez, eficiência e simpatia.
Visite o Stand do seu bairro!

* A INAUGURAR BREVEMENTE

GAZCIDLA
uma chama viva onde quer que viva

CINEVOZ - 03-SZ-69



o escalope DESENHO DE CARLOS FERREIRO